

SAM ANGUS

SOLDIER

LEAL ATÉ O FIM

Baseado em fatos históricos e relatos reais
sobre a atuação de corajosos animais
durante a Primeira Guerra Mundial.



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

SUMÁRIO



[Capa](#)

[Sumário](#)

[Folha de Rosto](#)

[Folha de Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[PARTE I](#)

[13 de maio de 1917](#)

[10 de julho de 1917](#)

[24 de julho de 1917](#)

[Domingo, 21 de agosto de 1917](#)

[Terça-feira, 4 de setembro de 1917](#)

[Cedo, na manhã seguinte](#)

[PARTE II](#)

[Início da tarde, no mesmo dia](#)

[Segunda-feira, 10 de setembro de 1917](#)

[Segunda-feira, 7 de janeiro de 1918](#)

[Quinta-feira, 7 de março de 1918](#)

[9 de março de 1918](#)

[21 de março de 1918](#)

[31 de março de 1918](#)

4 de abril de 1918

Duas horas mais tarde

Noite de 4 de abril de 1918

Etaples

10 de abril de 1918

14 de abril de 1918

Noite de 23 de abril de 1918

Amanhecer, 24 de abril de 1918

Início da tarde, 24 de abril de 1918

Duas horas mais tarde

Início da noite, 24 de abril de 1918

Antes do amanhecer, 25 de abril de 1918

27 de abril de 1918

PARTE III

8 de junho de 1918

NOTAS DA AUTORA

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

NOTAS

SOLDIER

LEAL ATÉ O FIM

Sam Angus

Tradução:
Julio de Andrade Filho



Título original: *Soldier Dog*

© Sam Angus 2012

Publicado originalmente por Macmillan Children's Book,
uma divisão da Macmillan Publishers Limited

© 2015 Editora Novo Conceito

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação sem autorização por escrito da Editora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2015

Produção editorial:

Equipe Novo Conceito

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Angus, Sam

Soldier: leal até o fim / Sam Angus ; tradução Julio de Andrade Filho. -- Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2015.

Título original: Soldier dog

ISBN 978-85-8163-451-7

1. Ficção inglesa I. Título.

15-02970 | CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823



Parte da renda deste livro será doada para a **Fundação Abrinq – Save the Children**, que promove a defesa dos direitos e o exercício da cidadania de crianças e adolescentes.

Saiba mais: **www.fundabrinq.org.br**



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885
Parque Industrial Lagoinha
14095-260 – Ribeirão Preto – SP
www.grupoeditorialnovoconceito.com.br

Para Cary



PARTE I

13 DE MAIO DE 1917

Lancashire



Doze horas haviam se passado. A última vez que ele a viu fora às oito da manhã. Desmaiando de fome e de exaustão, Stanley se deixou cair. Como ele poderia encontrar uma criatura que era mais leve e mais silenciosa do que o vento? Chamou por ela de novo, mas sua voz foi capturada e levada embora por cima da grama alta. Durante todo o dia nessa busca, ele tinha visto apenas cinco cães. Havia menos cães em Longridge agora, assim como faltava de tudo, por causa da guerra.

Ele se levantou e empurrou sua bicicleta para cima, para ficar debaixo do rendilhado de uma sorveira-brava, impregnada e banhada de laranja manchado, no alto de Rocky Brow. Stanley chamou novamente. Um esmerilhão levantou-se da grama e foi embora apressado, mas nem a grama nem o espinheiro deram resposta alguma. Rocky Brow era a última esperança de Stanley. Ele tinha dito a si mesmo que iria até lá e depois faria o caminho de volta. Quando chegasse em casa, tudo iria depender do humor de Da. Stanley nunca sabia o que esperar dele. Viver com Da era como viver com um vulcão.

Quando se aproximava do cume, um magnífico cão, com cabeça e pescoço fortes, apareceu do outro lado e fez uma pausa no pico, os pelos da parte posterior da coxa sendo chicoteados como bandeiras ao vento.

— Onde está ela? Onde está Rocket? — O cão, um cruzamento com deerhound escocês, talvez, levantou sua bela cabeça, olhando para baixo, para depois de Stanley, para as terras lá embaixo, como

se fosse o dono delas. Stanley levantou a cabeça também. — Ei, rapaz, onde está Rocket?

O cão guerreiro respondeu com um olhar desafiador e então se voltou rapidamente para longe, em direção a Gibbon. Eles criavam esses cruzamentos, deerhounds misturados com collies, em Gibbon, e quem fazia isso era Jake, o homem dos Laxtons. Da não tinha os Laxtons em alta conta, uns ciganos, como os chamava, eles e seus cães mestiços, uns ladrões aos olhos dele.

Stanley fechou os olhos e mordeu o lábio. Ele já havia procurado por todos os lugares. Havia apenas três estradas que saíam de Longridge, e ele já havia percorrido quase seis quilômetros de bicicleta em cada uma delas, chamando repetidamente por Rocket. Todos na vila tinham dito que iriam procurar por ela; eles conheciam Rocket. Ela devia ter sido roubada, alguém comentara, uma cadela valiosa como aquela, mas ela não seria roubada, era rápida demais para deixar que isso acontecesse. Ela voltaria para casa mais cedo ou mais tarde, mas, até que o fizesse, Stanley teria que enfrentar Da. Ele balançou a cabeça, atormentado pela culpa, lembrando-se de Rocket usando a faixa de campeã, na última vez que ganhara a Taça Waterloo. Durante uma competição que durava três dias, ela havia vencido sessenta e três cães e ganhara o maior prêmio que um galgo poderia ganhar. Ele via Da, Ma, Tom e ele mesmo, a multidão de milhares de pessoas, e as lágrimas nos olhos de Da enquanto segurava a coleira e a taça brilhante.

— E não volte para casa até que ela seja encontrada.

Era isso que Da tinha dito. Claro que não era o que ele queria dizer, isso não poderia significar que Stanley ficaria fora de casa a noite toda. A Senhorita Bird, a coordenadora pedagógica, tinha visto Stanley cruzar para cima e para baixo por toda a Longridge. Na terceira vez que ele passou por ela, a professora o deteve e, quando ele explicou, disse que é claro que Da gostaria que ele ficasse em casa, que o que ele tinha dito não significava o que Stanley estava pensando, que Rocket voltaria para casa por sua própria vontade,

que ela poderia cuidar de si mesma. Cansado, Stanley se virou e foi para casa.

Passando pelo portão vazio, ele saiu da trilha e passou por baixo do sombrio abeto que se agarrava à estrada ao norte de Thornley e ao novo lago. O que ele deveria dizer a Da? O que deveria dizer a Tom? Esse tipo de coisa jamais teria acontecido com Tom. Seu irmão não teria deixado Rocket ficar lá fora enquanto ela ainda estivesse no cio. Stanley fez uma careta; era tudo culpa sua; ele nunca deveria tê-la deixado sair.

Stanley parou na entrada em arco que dava acesso ao quintal. Respirou fundo, endireitou os ombros e virou a esquina.

Do outro lado do pátio, ao lado das barras de ferro dos canis, Da estava curvado, perigoso e explosivo, os cabelos brancos eriçados, os punhos fechados nos bolsos. A seus pés estava a tigela de Rocket, colocada ali para ela às cinco horas em ponto, como sempre. Por quanto tempo Da tinha ficado ali? Stanley reuniu coragem e afastou os cabelos da testa.

— E-eu n-não a encontrei... — Sua garganta formigava, as palavras murchando na boca. — E-ela vai v-voltar...

Se Da dissesse alguma coisa, se pelo menos olhasse para Stanley...

Os pés de Da mudaram de posição, os ombros caíram e ele vagou em direção à casa. Stanley abandonou a bicicleta e o seguiu. Lá estava Da, desabado sobre sua cadeira favorita, de cara feia olhando para a lareira apagada. Ele parecia tão velho... Da era hoje a sombra de um homem, um homem encolhido e murcho pela dor. Aquele cabelo já tinha sido castanho como o de Stanley, antes de a tristeza torná-lo branco, antes da morte da mãe, mas Da não era tão velho assim, ou pelo menos não era tão velho quanto aparentava ser.

As mãos dele se esfregaram nas bordas do cardigã verde enquanto olhava para as fotos de Tom e da mãe sobre a lareira. Da só pensava em Ma e em Tom. Havia uma foto de Tom de uniforme, parecendo inteligente e corajoso, usando seu casaco vermelho dos

East Lancashire. Tom sempre tinha aquele sorriso nos olhos. À sua direita, em uma moldura separada, estava Ma, a mãe. Ambos tinham o mesmo cabelo loiro, olhos castanhos e olhar firme. Havia seis anos de diferença entre Stanley e Tom. Stanley tinha quase catorze anos e Tom, vinte. Desde que Ma tinha morrido, Tom tinha sido irmão, amigo e pai para ele. Então, no dia em que completou dezessete anos, ele se alistou e veio para casa, e, com as mãos nos ombros do irmão, disse:

— Amanhã eu vou embora, Stanley. Cuide do nosso pai. Eu voltarei para você.

No início, Da ficou em silêncio. Em seguida, sua tristeza se transformou em raiva, seus longos e ameaçadores silêncios sendo interrompidos por repentinos ataques de fúria enquanto seu amor por Stanley mudava para indiferença e, depois, para um doloroso desprezo.

Stanley se lembrava das tardes douradas quando ele, Tom e Da ficavam deitados como lebres em montes de grama marrom, enquanto Da os ensinava a fazer flautas de junco e imitar o canto dos maçaricos-brancos. Eles estavam todos juntos naquela última tarde antes da morte súbita de Ma, sorrindo e sendo aquecidos pelo sol, e Stanley nunca tinha imaginado que aquilo que ele pensava ser tão seguro e tão permanente poderia desmoronar de repente.

Um tremor súbito sacudiu o corpo de Da, e Stanley o viu apertar mais o cardigã em volta de si mesmo. Stanley sentou-se à mesa, ainda observando Da, à espera de um momento que pudesse ser menos perigoso do que qualquer outro. Ele respirou fundo e desejou que suas palavras pudessem sair sem lhe arranhar a garganta.

— O senhor acha que...

O olhar de Da estava virando pela sala, como o ponteiro lento de um relógio, até se fixar no filho. Stanley vacilou e parou de falar. Da, em um impulso violento, saiu de sua cadeira, lançando-se para o aparador acima da lareira. Agarrou o troféu de prata de Rocket e deu a volta na mesa, o que fez com que a lâmpada do teto balançasse freneticamente para a frente e para trás enquanto

empurrava a enorme taça para o rosto de Stanley. Da empurrou-a novamente, forçando a cabeça de Stanley para trás.

— É, ela vai voltar. Mas nunca mais será a mesma. — O cabelo de Da ficou de pé em tufos ferozes, as sobrancelhas contraídas como malévolas centopeias. E ele bateu o troféu na mesa. — Uma cadela nunca corre tão rápido depois de dar cria.

Da passou a tranca de ferro na porta e se dirigiu para a escada.

Stanley olhou através de olhos sofredores para a tranca. Aquela porta nunca, jamais tinha sido trancada desse jeito durante a noite. Ele pegou o casaco de Tom do cabide. Sua ideia era se enrolar nele durante a noite na cadeira de Ma, pois assim poderia ouvir Rocket se ela arranhasse a porta. Caso ela não voltasse durante a noite, a primeira coisa que ele faria pela manhã seria ir até os Laxtons, em Gibbon.

Olhando pela janela, Stanley viu o pátio vazio, as placas com os nomes riscados a giz ao lado de cada cocheira: Goliath, Milcroft, Warrior, Murphy. Aqueles cavalos puros-sangues premiados que Da tinha criado e treinado, cada um deles tinha ido embora. O pátio um dia tinha estado lotado, uma cabeça de olhos escuros em cada porta. Da era orgulhoso e ocupado, reverenciado por todo o condado por seus belos cavalos tão bem tratados. Cavalos com linhagem, ele costumava dizer, puros como deuses. E como esses cavalos amavam Da... Como ele os amava. E então, cada um dos cavalos de Thornley, 23 ao todo, fora requisitado pelo Departamento de Guerra. Somente Trumpet, o velho macho pequeno e atarracado, ficara para trás.

É uma coisa boa para um cavalo ir para a guerra, foi o que o mestre e senhorio Lorde Chorley disse, era ótimo um cavalo servir a uma causa gloriosa, em uma guerra para acabar com todas as guerras, e, de qualquer modo, eles estariam de volta no Natal. Mas agora já era maio de 1917, e a “Guerra Para Acabar com Todas as Guerras” ainda assolava o mundo.

Stanley se encolheu na cadeira. Depois de um tempo ele dormiu e viu, em sonho, bandos de filhotinhos de pelo aveludado pulando e

caindo sobre xícaras brilhantes, e viu a tristeza de Da se erguendo e flutuando para longe.

Uma lufada de ar gelado acordou Stanley. A porta estava aberta, e Da lá fora, triste e cinza como um monólito, com a tigela de Rocket na mão. Mexendo as patas rapidamente como pingos de chuva, Rocket se enrolava e desenrolava ao redor das pernas dele. Stanley se adiantou:

— Da, ela v-voltou, ela e-está aqui e está bem, ela...

Da girou o corpo em uma velocidade de tirar o fôlego.

— Uns cães de fazenda pegaram ela. Mestiços é o que ela vai nos trazer agora. São cães ciganos, que roubam galinhas, cães sem raça definida. Não, nenhum deles é de linhagem respeitável.

Stanley estava enraizado na porta, a mão ainda estendida para seu pai.

— Somos uma família que cria animais de raça, e não haverá vira-latas por aqui!

O braço direito de Da lançou a tigela longe. Rocket saltou para o lado, tremendo enquanto a tigela de porcelana se chocava contra a parede de pedra, quebrando-se em brilhantes cacos brancos. Da se virou e foi embora.

Stanley se ajoelhou ao lado de Rocket e a abraçou, puxando-a para mais perto. Ela lambeu o rosto do menino e se aninhou junto a ele.

— Tom falou que a guerra vai acabar logo — sussurrou o menino —, e, quando ele voltar, Da ficará melhor... Tom prometeu que voltará em breve.

Rocket piscou e se virou para olhar para dentro da casa, procurando seu dono.

A escola parecia um lugar mais seguro do que a casa, embora houvesse apenas outros dois alunos, Joe e Arthur, na classe de Stanley, a maioria tendo ido embora assim que fez catorze anos,

indo trabalhar longe, nas fábricas da cidade, para ajudar suas famílias. Stanley já estivera cercado por amigos, mas eles provavelmente não voltariam, mesmo depois que a guerra terminasse.

As matérias da Senhorita Bird, Biologia e Química, eram as favoritas de Stanley, especialmente Biologia. Mas hoje ele estava cansado. O banco estava mais duro do que o habitual e o pescoço dele doía por causa da noite passada na cadeira. A Senhorita Bird ensinava naquele momento o sistema respiratório humano, mas o que Stanley queria aprender era o ciclo reprodutivo dos cães.

A professora amava Tom, Stanley tinha certeza disso, tinha certeza de que ela estava esperando por Tom para que os dois pudessem se casar. Era estranho ficar só meio acordado na aula da Senhorita Bird, sendo irmão de Tom, porque ela ficava de olho no menino bem de perto, mas hoje ela estava lhe dando uma folga, talvez por causa da busca pela cadela no dia anterior.

Em quanto tempo a barriga apareceria em Rocket? Quanto tempo demoraria para os filhotes nascerem? Stanley tinha tantas perguntas. Nada útil nunca foi ensinado na escola. A Senhorita Bird (Lara, que era como Tom a chamava) conhecia tantas coisas úteis — ela sabia que os cães não conseguem enxergar tão longe quanto os seres humanos, enxergam seis vezes menos detalhes do que nós, que não enxergam as cores verde e vermelha... Sabia que eles têm melhor visão noturna, maior visão periférica, que as orelhas dos cavalos poderiam girar 180 graus — sabia quase tanto sobre animais quanto Da, era isso o que Tom costumava dizer. A Senhorita Bird, com certeza, saberia tudo sobre como fazer o parto e o desmame.

Todo mundo estava correndo para fora, enfiando-se em casacos. Biologia era a última aula, e Stanley teria que ir para casa agora. Ele sempre era o último a sair, pensou, enquanto recolhia todos os lápis de cor de sua mesa, um por um. A professora gostava que eles usassem cores diferentes para as artérias e as veias. Joe sorriu para ele quando passou por sua mesa segurando um maço de cartas de baralho gastas.

— Amanhã, Stan? Na hora do intervalo? Você não vai ganhar novamente.

Stanley concordou. Ele tinha sorte no jogo de cartas, sempre vencia Joe. Joe deu um toque em seu boné e foi embora. Stanley pensou na casa do amigo, na cozinha aquecida e no chá quente. Como estariam as coisas na casa em Thornley?

Uma mão pousou no ombro de Stanley.

— Stanley, eu encontrei este livro na biblioteca e pensei que poderia vir a ser útil. Para Rocket. Para o caso de... — A Senhorita Bird estava sorrindo. — Ele conta tudo o que você precisa saber. — Ela lhe estendeu um livro.

— Ela voltou para casa, Senhorita Bird, ela está de volta.

Era uma coisa engraçada, mas quando ele falava com a Senhorita Bird suas palavras não soavam secas e pontudas como agulhas raspando a garganta; elas saíam do jeito que ele queria.

— E como está o seu pai? Ficou tudo bem quando você foi para casa?

Stanley olhou para sua mesa. A Senhorita Bird apertou seu ombro e disse suavemente:

— Não se esqueça do quanto ele está perdido, Stanley. Dê tempo a ele... Ele já perdeu tantas coisas... E está com medo. Você vai entender quando for mais velho. Quando a gente tem a idade que você tem agora, não tem medo de nada. — A professora estava colocando alguma coisa na mochila do garoto: um pote de mel. Ela muitas vezes lhe trazia mel, porque sabia o quanto Stanley gostava e que a mãe dele criava abelhas. — Não se esqueça do quanto ele perdeu — repetiu ela.

Stanley queria responder, mas havia algo em sua garganta, que não era aquela secura, parecia um nódulo, que não deixava que nenhuma palavra escapasse, a menos que fosse acompanhada por lágrimas. Se ele esperasse chegar até a porta, ficaria de costas para a Senhorita Bird e então poderia dizer a ela aquilo que lhe machucava tanto.

— Ele não me perdeu... Da não me perdeu, ainda estou aqui.

Quatro semanas se passaram desde que Rocket tinha desaparecido. O aniversário de Stanley viera e passara sem ser lembrado. A não ser por Tom. No trigésimo dia, dissera no cartão postal, ele estaria de volta. Isso era dali a dezoito dias. Esses três anos tinham passado tão lentamente, pensou Stanley enquanto pedalava para casa. Da estava piorando, cada noite solitária com ele se tornando mais tensa e opressiva. Quando Tom chegasse em casa, ele conversaria com o irmão sobre Da, para pedir ajuda.

Stanley pedalou mais rápido. Precisava se apressar, precisava recolher os coelhos das armadilhas que havia preparado. Não tinha muito tempo, então hoje ele apenas esfolaria um deles e daria a ela cru mesmo. Da não alimentava mais a pobre Rocket. Desde que tinha espatifado a tigela, tinha sido mais ou menos naquele dia que ele tinha parado de fazer isso. E, então, todas as manhãs Stanley saía mais cedo e, depois de verificar a direção do vento, punha as três armadilhas onde os arbustos estavam amassados pelas patas dos coelhos em movimento, do mesmo jeito que Da havia lhe ensinado um dia.

Rocket estava esperando por ele na porta da casa. Ela devia estar com fome. O menino encostou a bicicleta na parede, destrancou a porta suavemente e a empurrou. Abriu só um pouco para ver se Da estava lá. Stanley liberou o fôlego, porque tinha prendido a respiração; a sala estava vazia. Ele ficou ouvindo. A casa estava vazia. Ele entrou, pegou uma faca da gaveta da cozinha e correu, com Rocket em seus calcanhares, até a estufa.

Estava quente lá dentro, acolhedor e seguro. Desde que Oaks, o último jardineiro, tinha se alistado, Stanley mantinha as coisas funcionando da melhor maneira que podia e por conta própria, mas havia muito o que fazer naquela época do ano. Lorde Chorley tinha escrito de Londres pedindo apenas para acompanhar a horta e a demarcação das áreas de plantio, mas, com a casa grande às escuras e fechada e os Chorley longe, aquele era um trabalho ingrato e inútil.

Rocket lembrou o menino de seu jantar com uma cutucada do focinho. Stanley olhou a silhueta arredondada da cadela e se lembrou. Era uma segunda-feira. Toda segunda-feira ele media a cintura da cadela com um pedaço de barbante do jardim e dava um nó. Três nós na semana passada; hoje ele amarraria o quarto. Ele mantinha o livro da Senhorita Bird, *Guia para Leigos sobre Acasalamento, Desmame e Crias*, escondido de Da ali na estufa. O livro ficava apoiado contra a janela, e dava para Stanley ler enquanto trabalhava.

Stanley colocou o coelho partido em pedaços num vaso de terracota e ficou assistindo enquanto Rocket se alimentava, sorrindo para si mesmo com uma mistura de culpa e excitação. A cadela ergueu a cabeça e olhou para o menino, com a cauda balançando em gratidão pelo coelho. Stanley colocou as mãos em seus flancos, sentindo-os, e, em seguida, deslizou o barbante sob sua barriga. Deu um nó. Era um aumento pequeno, mas definitivo, na circunferência. Stanley já havia calculado a data. Se a cadela fosse mesmo ter filhotes, seria entre os dias 8 e 16 de julho. Mais dias a contar até o dia em que Rocket parisse e mais dias até que Tom voltasse para casa. Anos pareciam se passar naquela contagem regressiva, até que as coisas que Stanley queria acontecessem.

— Ele não vai se importar. . . Da não vai se importar... não quando os vir. Assim que vir os filhotes, ele vai amá-los... Vou ficar com um para mim, um para Tom, e Joe quer um...

Rocket sentou-se ofegante. Ela agora tinha mais fome, sentava-se mais prontamente, estava mais afetuosa.

Quando a iluminação ficou mais fraca e Stanley não conseguia mais enxergar, ele parou de trabalhar. Iria agora para casa, prepararia um sanduíche com mel para si mesmo e então faria o dever de casa.

Quando se aproximou da casa, baixou uma mão protetora para a cabeça de sua cadela. Da estava sentado em sua cadeira, com a parte de trás da cabeça apoiada na janela. Apreensivo, Stanley começou a puxar a orelha peluda e macia de Rocket para cima e

para baixo entre os dedos, e então seu coração sofreu um sobressalto — Da tinha uma carta nas mãos. Era de Tom? Por que Da não estava se mexendo? Tom estava bem? Stanley abriu a porta.

— Da...

Sem se levantar ou se virar, Da grunhiu algo incompreensível. Jogou a carta sobre a mesa. Stanley saltou para a frente e a pegou: “Lembranças da França” era a frase gravada no papel em amarelo sob um pavilhão de bandeiras. Stanley leu:

Messines, 10 de junho de 1917

Querido Pai, querido Mano,

Eu tinha recebido uma semana de licença para ir para casa e tinha chegado até Calais quando enviaram um telegrama me chamando de volta.

Estamos preparando uma grande proeza em Messines, por isso me concederam só dois dias de licença no campo de batalha. Estou muito desapontado por não poder voltar para casa. Sinto muita falta de vocês dois e não vejo a hora de revê-los. E me pergunto se ouviram a explosão em Messines — eles dizem que ela foi ouvida em Downing Street.

Com amor, Tom

Stanley ficou olhando para aquele cartão de papel creme grosso, piscando furiosamente. Tom não ia voltar para casa. Ele estava bem, mas não viria. Stanley respirou lentamente, inspirando e expirando. Ele devia ser corajoso, senão Da iria censurá-lo.

Quando ergueu os olhos, viu que Rocket tinha entrado também. Ela se sentou aos pés de Da, que estava olhando para sua barriga inchada. O focinho da cadela estava voltado para cima, na direção dele. Embora Da não a alimentasse mais e tivesse virado as costas para ela, a cadela ainda seguia todos os seus movimentos; ele ainda era o sol em torno do qual o mundo dela girava.

— Vai chegar o tempo em que os vira-latas irão para onde é o lugar deles. Sim, os ciganos vão levá-los. — Da tinha se levantado da cadeira e estava em pé ao lado da porta aberta, o rosto voltado para a noite, Rocket ao seu lado, nas proximidades, como uma sombra, a cauda trêmula. — Ninguém mais vai querê-los, não com o imposto sobre cães prestes a subir de novo. Vai subir de sete xelins e seis para dez xelins. Quem vai pagar isso para ter uns bastardos mestiços?

Da bateu a porta atrás de si, raspando o focinho de Rocket. Ela sempre o acompanhava nesse horário para dar uma volta antes de ser colocada no canil para passar a noite. Agora ele a ignorou e foi caminhar sozinho. Stanley olhou para a cadela, pairando ali, o focinho na fresta da porta, mantendo a vigília até o retorno de seu mestre, e piscou enquanto as lágrimas subiam. O menino se ajoelhou ao lado de Rocket, segurando-a, mas seus olhos se desviaram para a fotografia na cornija da lareira — era Tom em seu uniforme, ganhando seu próprio salário, livre e muito longe daqui.

— Tom, seu sortudo... — ele sussurrou para Rocket, sorrindo tristemente e despenteando os pelos das orelhas da cadela. — Se não fosse por você... — O menino apoiou a cabeça no longo pescoço dela — ... se não fosse por você e seus filhotes, eu iria embora também...

10 DE JULHO DE 1917

Lancashire



Os dias ainda eram longos e adoráveis, mas, depois de escurecer, não havia como escapar de Da. Ele tinha ficado mais calado, e de alguma forma ainda mais irritado do que antes. Enquanto Stanley fazia seu dever de casa na mesa, Da ficava sentado de costas para o filho, aquela forma encurvada irradiando desprezo.

Stanley terminou suas equações. Girou o lápis, pensativo. No dia anterior havia oito nós no barbante, a barriga agora era muito maior e Rocket estava inquieta, os olhos estranhos e dilatados. Ela havia recusado a comida.

Mais tarde, Stanley se deitou na cama. Havia um grande amontoado de mariposas rodeando a lâmpada do teto. Julho era um mês rico em mariposas, e aquela era uma noite quente e agradável. Havia duas das grandes lá no alto, mais uma malhada e uma marrom na parede. *Lacanobia thalassina*. Ele dobrou a língua para pronunciar o nome latino enquanto observava o inseto. Tinha uma boa cabeça para nomes latinos, gostava da forma como eles soavam.

Stanley suspirou e rolou o corpo para olhar os recortes de revistas na parede, retratando as esculturas de galgos em tumbas egípcias. Os cães eram descritos na pedra com uma clareza, precisão e economia que Stanley amava. Rocket era assim, tão nobre, antiga e perfeita quanto as esculturas em tumbas egípcias. Ela uma vez tinha sido assim, pensou ele, com culpa, o espécime perfeito, o galgo

perfeito, descendente de uma linhagem pura através de três mil anos de história, desde os cães dos faraós.

À direita estava o cartão-postal que Tom tinha enviado no início do ano, de um cão de ambulância. Era um collie de pelo áspero com pelagem branca na ponta do rabo e alforjes com uma grande cruz sobre eles. Estava de perfil para a câmera. Tom sempre achava coisas especiais para enviar. Sem precisar tirar o cartão preso na parede, Stanley conseguia imaginar a caligrafia caprichada à direita, abaixo vinha "NA ATIVA", depois o número do posto dos Correios no acampamento militar e o selo de um xelim. Olhando para o collie, ele murmurou as palavras que sabia de cor:

Pas de Calais

13 de abril de 1917

Querido Pai, querido Mano,

Fui avisado para voltar para as trincheiras a qualquer minuto. Eles dizem que o grande ataque vai acontecer em breve, e estamos fazendo os preparativos finais, mas a espera é longa. Passamos o tempo livre escalando as pilhas de escombros para assistir ao tiroteio em Vimy Ridge, que fica a cerca de seis quilômetros e meio daqui onde estamos. E eu vejo os cavalos sendo treinados para as metralhadoras. Eles aprendem muito rápido a virar a cabeça para o lado. É estranho e cruel que a cavalaria use os cavalos para rebocar as

metralhadoras quando hoje em dia existem máquinas melhores, como os tanques. Eu sempre procuro os cavalos de Thornley, Da, e rezo por eles, porque as condições aqui são terríveis para os cavalos.

O arame farpado tem um metro e meio de altura, e, mesmo que os tanques tenham passado para achatá-lo, eles nunca deveriam fazer os cavalos passarem por cima.

Achei que você iria gostar dessa foto, Stanley, do cão-enfermeiro. Toda vez que vejo um cão, eu me lembro de você, de nossa casa, e não vejo a hora de voltar. Isso não deve demorar, porque eles dizem que logo a determinação dos alemães vai se quebrar. Sempre serei grato por você ser muito jovem para vir para a guerra — porque o mundo nunca mais será o mesmo para quem esteve aqui.

Com amor, Tom

“Sempre serei grato por você ser muito jovem para vir para a guerra.” Será que Tom nunca pensou que Da poderia ser perigoso também? Um nó ficou apertado na barriga de Stanley. Muito jovem para ir para a guerra, mas não jovem demais para ser deixado sozinho com Da.

Houve uma batida na porta. Stanley ficou alerta e se sentou na cama, o coração disparado. Da nunca entrara em seu quarto.

— Ela vai estar quase pronta agora. — As palavras eram murmuradas. — O galpão tem que ficar quente e seco.

Stanley pulou para fora da cama e voou escada abaixo, então se virou e correu escada acima de novo. Da estava animado com os filhotes, ele iria amá-los. Ele, assim como Stanley, devia ter ficado observando e esperando. O menino puxou de sob a cama uma pequena caixa de metal e, como se tivesse pensado nisso só agora, a camisa jogada sobre a cadeira. Atirou-se pelos degraus abaixo outra vez, em seguida virou-se e subiu novamente para arrebatrar a toalha pendurada sob o lavatório. Algodão, iodo, toalha — ele tinha tudo? Stanley perdeu o equilíbrio em um dos estreitos degraus, mas evitou a queda ao segurar-se no corrimão, arranhando o dedão do pé em uma das travas de ferro da escada.

Ele foi mancando até o estábulo e abriu a porta, deixando-a entreaberta. Um fecho da luz do luar caiu e parou em Rocket, que estava ofegante em sua caminha de palha.

Stanley agachou-se sobre os calcanhares, com os pés descalços no chão de pedra, a lanterna acima dele lançando um brilho aconchegante. Nenhuma luz brilhava no salão nem na casa. Só mesmo o galpão estava iluminado, quente e vivo. Um arrepio ocasional ondulava o flanco de Rocket. Fragmentos de névoa vinham de fora, abraçando a pedra e se dissolvendo no ar abafado e acolhedor do galpão. Da tinha preparado essa cama para Rocket. Ele sabia quando seria a hora certa, sabia onde ela gostaria de ficar; Stanley, apesar de seu livro, de seu termômetro e barbantes, não sabia nada disso.

Mais tremores sacudiram o corpo de Rocket, um atrás do outro, em rápida sucessão. E um tremor mais violento passou por ela. Seus flancos posteriores entraram em convulsão. Havia alguma coisa lá embaixo, revestida em um casulo branco... O topo de uma cabeça minúscula. “Apresentação anterior”, aquele livro da biblioteca tinha chamado isso, o que seria o caminho correto por onde um filhote de

cachorro devia sair. O corpo de Rocket vibrou mais uma vez, e o filhote estava fora, olhos e orelhas fechados, as patas rosadas perfeitas e os membros dobrados. Rocket começou a dar vigorosas e primorosas lambidas. Aquela coisinha minúscula ganiu e ganiu novamente e começou a respirar por conta própria. Rocket mastigou o cordão umbilical e cutucou aquele corpinho rosado para trazê-lo mais perto. Ele se contorceu, se ajustou e logo depois já estava sugando o leite materno.

Rocket ficou tensa de novo, seu corpo em espasmos, as pernas rígidas. Mais um filhote surgiu — tudo acontecia muito rapidamente. Rocket estava lambendo e mastigando e lá estava ele, contorcendo-se, cego, em direção a uma teta. Dois minutos se passaram e então Rocket convulsionou novamente e surgiu mais um. Três filhotes saudáveis. Algum mais ainda para vir? A cabeça elegante de Rocket, mais fina ainda que o pescoço, levantou-se e ela olhou para Stanley, com os olhos brilhantes, a mandíbula tensa e ofegando.

Ainda maravilhado, com o queixo apoiado nas mãos, Stanley olhou para a pequena cria. O corpo de Rocket fez uma curva em torno de sua ninhada. Os filhotes, todos cadelas, se empurraram nesse berço perfeito, gemendo e ganindo fracamente, em um pequeno coro.

Stanley ansiava por Da chegar. Ele amaria os filhotes, aquela pelagem cigana, borrões de cor como tinta derramada.

Um súbito movimento de Rocket sacudiu o menino. As pernas dela estavam em espasmo. Alguma coisa estava errada — ela precisava de ajuda — deve haver um filhotinho preso no canal do parto. Isso poderia ser fatal se ela estivesse forçando por muito tempo... Vinte minutos, pelo menos, tinham se passado desde o último filhote. Por baixo da cauda, Stanley vislumbrou um casulo branco e seu coração parou: ele podia ver uma minúscula pata estendida — um pé primeiro era perigoso. Os olhos de Rocket estavam olhando fixamente nos seus e estavam muito brilhantes, brilhantes de medo. Será que ele deveria ir buscar Da? Mas e ela, ficaria bem enquanto ele estivesse fora? Ele ouviu passos. Da havia chegado. De alguma forma, Da ficara sabendo que Rocket precisava dele.

Mesmo em sua aflição, Rocket se desenrolou em boas-vindas, as mandíbulas meio abertas em um sorriso valente.

— Cães vira-latas. Cães ladrões, é isso o que eles são.

Os olhos de Rocket nunca deixaram Da, mas a chicotada na voz dele fez com que o sorriso dela fosse hesitante.

— Depressa, Da, algo está errado.

Da resmungou. Não fez nenhum movimento por um segundo, em seguida grunhiu novamente e se ajoelhou. Inclinou-se para a frente e, com um dedo, empurrou o minúsculo membro para trás e para dentro. Da esperou. Minutos se passaram. Rocket estremeceu e, quando se contraiu, Da puxou a toalha dos joelhos de Stanley. Desta vez havia duas patas pequenas, dois minúsculos membros dobrados, e, entre as pontas de dois dedos, Da os segurou e começou a puxar com uma pegada tão segura que nem parecia estar puxando. E era imperceptível ver o filhote saindo; o movimento dos braços em arco de Da abrangendo toda a barriga, de frente para a cabeça de Rocket, era imperceptível também.

Lá estava ele: um pacotinho silencioso, cego. Da o colocou entre as patas dianteiras de Rocket. Assistindo a seu pai, um sorriso hesitante formou nos lábios de Stanley. Da se levantou. Os punhos estavam cerrados e ele virou a cabeça para longe de Rocket. Mudou de posição e ficou curvado sob a verga, lançando a cadela na escuridão.

— Não vai sobreviver.

O filhotinho estava lá entre as pernas dianteiras de Rocket, mas ainda silencioso e imóvel, e ela não fez nenhum movimento em direção a ele. Stanley devia fazer alguma coisa. Com o coração acelerado, ele pegou o filhote e o segurou na palma da mão. Esfregou-o com um canto da toalha até que a cobertura peluda do corpinho estivesse limpa. Era branco acinzentado do focinho ao rabo, o único filhote a não ter marcas, e o único macho da ninhada de Rocket.

Stanley ouviu uma espécie de ronco vindo das sombras por trás dele e hesitou, paralisado pela força do desprezo de Da. Rocket levantou o focinho, com as sobrancelhas arqueadas, olhos escuros brilhantes e questionadores. O filhote deitado na palma da mão de Stanley estava muito quieto. Rocket cheirou a palma da mão que o segurava. Ele devia fazer o que Rocket confiava que ele fosse fazer para salvar esse filhotinho. O menino o baixou para seu colo e com dedos apressados, em pânico, tirou um pouco de algodão de sua lata e deu um nó no cordão umbilical. Sentindo os olhos de Rocket começando a seguir todos os seus movimentos, ele cortou o cordão do outro lado do nó e colocou o filhote ao lado de Rocket. Os outros ganiram e sugeriram, mas o filhote fraco ainda estava imóvel, inerte. Em meio à estridente algazarra no galpão, aquele minúsculo corpo ficou em silêncio, sem vida.

Rocket acariciou o cachorro para separá-lo da disputa que acontecia com as irmãs, para despertá-lo para a vida. Ela o lambeu e cheirou, mas depois de algum tempo sua cabeça afundou, desanimada.

Alguns segundos se passaram.

Novamente, Rocket levantou a cabeça e cheirou o filhote fraco. A respiração de Stanley parou quando ela abriu a boca e o pegou. Com dificuldade por causa dos corpinhos que a puxavam, ela abriu caminho até o menino e colocou o filhote em seu colo. Stanley hesitou. Rocket cutucou o corpo sem vida, os olhos atentos no rosto do filhote.

Rocket estava pedindo ajuda. Os dedos de Stanley começaram a se mover antes que sua cabeça decidisse o que ele devia fazer. Ela tinha levantando o filhote imóvel até seu ouvido. Ele não estava respirando — não havia batimento cardíaco. Stanley tinha que se mexer depressa, o livro dizia que vias aéreas obstruídas poderiam causar isso, e que você teria que agir rapidamente. Não havia tempo para ser medroso. Stanley aproximou do seu rosto o pequeno focinho rosado, colocou a boca naquelas narinas diminutas e sugou. Nada. Fez isso de novo. Era isso. Uma quantidade tão pequena que

você dificilmente poderia dizer que existia. Cuspiu, em seguida ergueu aquele pequeno corpo perto do ouvido. Ainda nada. Ele deveria fazê-lo respirar. Com as pontas dos dedos, esfregou o corpinho por inteiro, esfregou novamente, e depois segurou o focinho rosado em frente à boca e sugou outra vez, e quando o fez o filhote se contorceu e chorou.

Stanley segurou o filhote de Rocket no berço formado pela palma de sua mão. O rabo dela subia e descia suavemente enquanto cheirava e lambia, cheirava e lambia. Rocket olhou para o filhote e suas mandíbulas se abriram, e o calor no olhar da cadela parecia a luz do sol para Stanley.

— Ele não vai ficar nada bom. Não vai sobreviver a menos que se alimente na mamadeira — Da chutou para abrir a porta. — Todos eles. Cachorros ciganos inúteis, todos eles. — A voz ficou mais alta. Stanley tremeu por causa do ar úmido, os dedos dos pés e das mãos cerrados. — Ninguém vai querê-los, somente aqueles vagabundos vão querer os seus mestiços inúteis.

Da vagou para longe. A cabeça de Rocket seguiu os passos de seu mestre, o rabo balançando, depois ela caiu e se deitou, imóvel. Os passos pararam. A voz de Da soou alta, como se quisesse sacudir e fazer tremer as estrelas lá no alto.

— Se os ciganos não quiserem eles, vou afogar todos.

24 DE JULHO DE 1917

Lancashire



Stanley pegou a mamadeira e, lançando um olhar apreensivo para a porta, encheu-a de Lactol. Não tinha havido mais conversas sobre afogar os filhotinhos, mas ele vivia com medo das ameaças de Da. O menino foi buscar o filhote no canil. Aquelas vitaminas extras estavam dando bom resultado, o filhote sobreviveria, apesar do que dissera Da. Dia a dia, todos eles ficavam cada vez mais fortes, com os olhos abertos agora, mas os corpinhos ainda moles, indefesos e sonolentos. Stanley se acomodou à mesa.

A porta da frente se abriu. Stanley se assustou, erguendo o filhote de cachorro para o seu peito. Da viu e fez uma careta. Um de seus ataques de raiva ia começar. O braço de Stanley involuntariamente ficou mais apertado ao redor do filhote.

— Eu devia ter afogado todos eles. Vão acabar todos recebendo um tiro. A polícia está lá fora, coletando todos os cães mestiços sarnentos em cada rua de cada cidade, e você sabe o que eles fazem? Atiram neles. Bang.

A raiva de Da tinha desmoronado tão rapidamente como tinha entrado em erupção, mas semanas se passaram e ele não havia falado uma única palavra. Suas ausências da casa tornaram-se mais intensas, e o silêncio de alguma forma mais malévolo.

O filhote branco estava puxando o cobertor de Rocket, tentando arrancá-lo para fora de sua cesta, as pernas bambas patinando e deslizando sobre o piso de lajota desgastado. Aquele rabo pequeno seria longo e peludo como o de um cão Laxton. Stanley sorriu, lembrando-se do cão em Rocky Brow. Era uma coisa boa Da não

saber que o cão macho era fruto de um cruzamento. Stanley se ajoelhou. O filhote abandonou o cobertor, cambaleou para a frente e se lançou em Stanley. Stanley colocou o nariz junto do focinho do filhote e eles se beijaram como esquimós.

— É o seu último dia no Lactol. — Stanley passou os dedos ao longo da barriga do filhote, até as patas traseiras. — Cinco semanas de idade. Grande demais para tomar Lactol. Está quase na hora de desmamar você.

— Soldier — sussurrou Stanley. — Soldier.

Ele já tinha dado um nome para todos eles agora. Bentley seria de Tom. Ela possuía uma pelagem branca áspera, salpicada de manchas marrons, e parecia ter uma sela no dorso. Tom sempre gostara do carro cor de marfim de Lorde Chorley, aquele com as tiras de couro marrons. Tom ficaria encantado quando a visse. Biscuit e Socks eram ambas de três cores, com casacos negros em cima e meias brancas. Biscuit tinha como que um tapa-olho marrom. Apenas Soldier tinha a pelagem da cor de mingau de aveia, e olhos tão escuros e suaves quanto uma pele de marta. Soldier seria de Stanley.

— Soldier — ele sussurrou novamente. — Você vai ter esse nome por causa do meu irmão... Ele já deveria ter voltado para casa a esta altura...

Da apareceu de repente, carrancudo, agarrou Soldier pelo cangote, balançando-o, as perninhas rígidas se misturando no ar. Da marchou até a porta e lançou Soldier para fora, no cascalho da trilha. Stanley engasgou, mas em um instante Soldier ficou de pé, desnorteado, deslizando meio torto para os canis, o rabo entre as pernas, os olhos ansiosos e a cabeça curvada, olhando para a porta. Da vagou pela sala e subiu a escada.

Aflito, Stanley foi até o filhote.

— Ele não fez por querer... Da só está tentando me magoar. — Transbordando de raiva inclemente, Stanley disse, desafiador: — Mas eu vou embora, vou fugir, procurar Tom. — Suas palavras se

instalaram no coração. Sim, pensou, ajoelhando-se para acariciar o filhote. Sim, eu vou sair daqui, e então como é que Da vai se sentir?

Soldier lambeu o rosto de Stanley, e aquela minúscula língua solícita, os olhos perturbados e o bafo de leite puseram um fim a todos os pensamentos de fugir de casa.

DOMINGO, 21 DE AGOSTO DE 1917

Lancashire



Lá fora tudo estava coberto de névoa cinza em pleno verão, mas a cocheira de Trumpet estava dourada e aquecida. Stanley estava enchendo de palha alguns sacos de juta, que tinha retirado do galpão das batatas, para fazer colchões macios que serviriam de cama para os filhotes. Trumpet estava bufando e balançando a cabeça, descontente com tanta agitação em sua cocheira.

Stanley assistia extasiado enquanto Soldier corria pelo estábulo, levantando grãos de poeira que brilhavam como confete. Soldier se agachou, saltou para longe e se agachou de novo, convidando o menino para brincar. Rocket desemaranhou-se sozinha, as pernas firmes de pé, uma imperatriz que acordava vigiando suas tropas travessas com tolerância divertida. Stanley enfiou um punhado de palha no último saco. Tom dizia que dormia em um colchão de palha, que o Exército dera um a cada homem, então Soldier também teria seu colchão de palha. Stanley puxou a corda apertado e deu um nó, observando o cachorro pular entre as pernas dianteiras de Trumpet.

— Seis semanas de idade hoje, e você vai ter coelho para o almoço. Sua primeira carne de coelho.

Stanley levantou-se, virando-se para Trumpet, e soprou em suas enormes narinas. Trumpet permaneceu com a cabeça parada. Ele gostava quando Stanley fazia isso. O garoto virou-se e abriu o portão da cocheira para buscar um pouco de água. Seus passos pararam quando se viu cara a cara com Da.

— Coloque os arreios no cavalo.

A voz de Da era como uma guilhotina. Soldier ficou trêmulo e se encolheu. Cauteloso, observando Da, Stanley foi buscar os arreios. Por que Da não estava com suas roupas de domingo? Eles não iriam para a igreja? Com os olhos ainda no pai, Stanley montou os arreios.

— É para Birdy Brow e os remendeiros que vamos hoje com os seus mestiços.

Stanley cerrou os punhos; a ira brilhava em seus olhos.

— N-não, não!

— Você vai fazer o que eu estou te dizendo, seu idiota estúpido! E pare de gaguejar e cuspir. Os remendeiros vagabundos vão ficar com eles e podem ficar com eles sem pagar um centavo, e você não diga uma só palavra. Não vou ter cães de ciganos na minha casa.

Imobilizado pela raiva, frustração e medo, Stanley sentiu as palavras ainda não formadas secarem na garganta.

— Atiraram em cem cães na semana passada. Cães de linhagem, sangue puro nas veias. Uma redução de cinquenta por cento, sim, cinquenta por cento, no número de cães de caça; foi isso que foi ordenado. Isso partiu o coração de homens bons que cuidaram desses cães de raça e alimentaram eles, criaram eles por gerações, e... bang! Viraram alimento para cavalos na França. E você pensando em manter esses mestiços sarnentos e inúteis, quando os puros-sangues estão sendo sacrificados?

Stanley olhou para os filhotes, viu como eles eram pequenos, apenas dois palmos de altura. Cedo, muito cedo para desmamá-los da mãe. Da deu um passo adiante e ergueu o braço.

— Vou esbofetear você...

Stanley se virou, o coração batendo forte. Quebravam sobre ele lampejos de raiva em ondas de lava derretida.

Ele não tinha escolha. Se os filhotes fossem para aqueles ciganos, pelo menos teriam uma chance, estariam seguros e não seriam afogados. Ele ficaria sem Soldier, mas esta seria a última vez que

obedeceria a Da. Nunca mais. Se ele desse Soldier, se ele doasse cada um daqueles filhotes, então Stanley fugiria de casa.

Puxando o boné sobre os olhos, Stanley prendeu Trumpet na carroça de duas rodas e espalhou um pouco de palha na parte traseira. Ergueu um dos filhotes e colocou na carroça. Rocket circulou, o focinho levantado. Evitando os olhos dela, Stanley recolheu Socks e Biscuit, tão pequenas que ele conseguia segurar as duas em apenas um braço. Só faltava pegar Soldier, e lá estava ele, debaixo da mãe, encolhido debaixo dela, esforçando-se para segui-la enquanto Rocket caminhava para lá e para cá, a cabeça procurando na parte de trás da carroça.

Stanley teria de separar o filhote da mãe para conseguir pegá-lo. Ele mordeu o lábio, preparou-se e se ajoelhou. Rocket colocou o focinho em seu colo, os olhos confiantes procurando o rosto dele. Stanley virou o rosto para o lado enquanto puxava Soldier, sentindo a resistência enquanto o filhote se prendia à teta. O menino segurou o corpo macio de Soldier junto ao rosto, cheirando seu aroma de leite, lembrando o horror de perder uma mãe.

— Não vou deixar que levem você; vou dar um jeito — sussurrou.

Virou-se e subiu na parte de trás da carroça.

A carroça deu um salto para a frente e foi em direção ao arco.

Stanley engasgou. Lá estava Rocket trotando ao lado deles, o focinho questionador esticado para cima. Stanley estremeceu; ele devia ter trancado a cadela, não tinha pensado direito. É claro que ela seguiria seus filhotes. Da virou Trumpet para a esquerda. Ele estava tomando a trilha que fazia uma curva através do parque, que os Chorleys chamavam de Park Drive. Rocket continuava acompanhando a carroça, um trote leve, com as patas mal perturbando a umidade fina da garoa que cobria o chão. Stanley levantou a mão para ela em um movimento indicando que ela ficasse, sibilando:

— Volte agora! Volte!

Trumpet avançava pesadamente, e Rocket ainda os seguia.

Eles deixaram o parque e estavam quase no novo lago. Desesperado, Stanley levantou-se e fez sinal novamente.

— Volte, Rocket, volte para casa!

Da virou a cabeça. Viu a cadela.

— Para casa. Vá para casa, garota — ele gritou.

Rocket parou.

— Suma daqui! Volte para casa, garota.

Da chicoteou o velho cavalo e seguiu em frente. Rocket se encolheu e recuou dois passos, relutante. Ouviu-se o estalar do chicote quando Da atacou o lombo de Trumpet com violência. A carroça ganhou velocidade. Mas lá estava Rocket novamente, linda e galopando sem desistir. Da estalou o chicote no chão a apenas alguns centímetros do focinho dela. Rocket vacilou, e então seguiu, agora em um trote confuso e hesitante, torturada entre o instinto para a obediência e a angústia por sua ninhada. Da virou-se para Stanley.

— Está bestificado? Posso te dar uma chicotada também...

Os filhotes escorregavam pelo fundo da carroça, levados para cada vez mais longe da mãe pelo estranho meio galope de Trumpet. Da puxou o braço para cima, como se quisesse atirar uma pedra. Rocket recuou, tremendo. Ela parou, uma pata dianteira levantada e pronta. Na borda do lago, na sombra antinatural e eterna do abeto, ela ficou e levantou o focinho para o céu cinzento, e uivou.

Trumpet esforçou-se para subir a trilha entre os muros de pedra de Birdy Brow, depois desceu por entre as pequenas corcovas de arbustos espinhentos onde o terreno era mais difícil, os espinhos varridos e torcidos pelo vento.

Alcançaram uma ponte de pedras simples e começaram a percorrer uma trilha romana reta conhecida como Ribble Way, correndo pelo pasto coberto de tufo de grama. Mais adiante ficavam as Bowland Hills. Os pedregulhos pontilhavam o pântano

sem árvores, as cores dos arbustos apagadas pelo véu de chuva miúda. No alto, nuvens corriam por todo o enorme céu.

A estrada começou a inclinar. Aquele era um longo caminho para um cavalo velho. Stanley esforçava-se para ver através da névoa e da garoa — algo acontecia logo à frente, era difícil ver o que era. Eles se aproximaram. Era algum tipo de reunião.

Da estacionou a carroça em cima de uma área de terra que não podia ser vista por quem subia a estrada. Muitas outras carroças e carruagens estavam ali, com pôneis amarrados por perto. Homens de aspecto rústico circulavam com enormes cães presos em cordas curtas. Cada cão desses tinha forma semelhante à de Rocket, mas com uma pelagem diferente, todos cruzamentos com galgos: eram lurchers.

Alguns homens sentavam-se em fardos de palha, fumavam cachimbo e observavam o movimento. Outros gritavam e discutiam em torno de um recinto cercado de cordas com um alto-falante e um quadro pintado de branco com números escritos nele. Da desmontou, inclinou-se sobre a carroça e sussurrou:

— Homens e cães criminosos. — Ele apontou para o amontoado de homens aglomerados em torno do quadro branco. — Os homens respeitáveis estão na igreja no domingo, enquanto os remendões e os invasores estão por aqui, com seus cães ladrões.

Separado daquele amontoado de gente e longe do alto-falante, estava o homem que Da tinha vindo procurar. Stanley o conhecia de vista. Era um homem grande, bonito. Darkie Lee era uma lendária figura local, e se dizia que era capaz de esmagar uma lebre com as mãos.

— Mantenha a boca fechada — rosnou Da enquanto ambos se aproximavam.

Lee usava um chapéu de feltro preto e uma túnica de lã com as mangas arregaçadas para cima. Seus olhos estavam fixos em alguns pedaços de bacon sobre uma fogueira de gravetos. Em torno dele, um rebanho de crianças descalças corria desordenadamente. À sua

esquerda estava sentado um cão caolho, de cor cinza e que se assemelhava a um lobo. Alguma coisa desagradável tinha acontecido com aquele olho faltante, talvez cortado num arame farpado. Lee ergueu o boné, mas não a cabeça nem os olhos. Da se agachou, no lado mais próximo do fogo, para falar com Lee. O cão rosnou. Esse rosnado foi um aviso de sua lealdade para com Lee. Ele rosnou novamente. O cão não podia ver os olhos de Da por causa de seu boné, e os cães, Stanley sabia, gostam de ver os olhos de um homem. Ele deu um passo para a frente e tirou o boné de Da. Da encolheu os ombros, irritado. Segurando o boné, Stanley deu um passo atrás.

— É isso mesmo — disse Lee. — Um bom cão sempre suspeita de um homem de chapéu se ele não conhece esse homem.

Atrás de Lee, dois lurchers, um malhado e um preto, estavam apertados em suas coleiras. Uma equipe de batedores estava conduzindo uma lebre selvagem cerca de uma centena de metros ou mais à frente dos cães. A multidão ficou tensa. As coleiras foram abertas e os cães saltaram para a frente, a lebre ziguezagueando adiante com frenéticas mudanças de direção.

Com um salto repentino, o cão malhado agarrou sua presa e, em segundos, a corrida terminou, o cachorro girando e trotando suavemente de volta, segurando seu prêmio de pernas compridas e orelhas pontudas. Aquele cachorro, pensou Stanley, poderia ser um cão Laxton se o pelo fosse mais longo. Da tossiu e resmungou.

— Filhotes. Filhotes de Rocket, mas com pelo áspero e grosso. Algum tipo de cruzamento.

Os olhos de falcão de Lee se voltaram para o fogo e ele virou o bacon. Ele bebeu o chá de uma caneca de estanho, tirou o bacon do fogo, esvaziou a caneca e se levantou, indicando a carroça de Da com uma mera inclinação de cabeça.

Stanley saltou e correu para a carroça — ele precisava chegar lá primeiro e esconder Soldier. Assobiou e Soldier se ergueu e se moveu até ele. Antes que Da e Lee chegassem, Soldier se contorceu e foi escondido dentro do casaco de Stanley.

Lee apoiou os cotovelos na borda da carroça e inspecionou a carga. Soldier enterrou o focinho na axila de Stanley, fungou furiosamente e então se debateu para escapar. O menino o apertou com o braço, esperando que o filhote ficasse quieto. Lee ajeitou o chapéu.

— Você os trouxe em boas condições. Bela pelagem, olhos brilhando. — Os olhos investigativos e resplandecentes de Lee pousaram em Stanley.

— A cadela que pariu eles correu em vinte e uma provas e venceu dezoito delas — disse Da.

Um silêncio mais longo se seguiu. Ouviram-se os sons de uma briga irrompendo em algum lugar entre os fardos de palha.

— Eles são seus se você quiser — disse Da a Lee.

Da fez um gesto para os filhotes na carroça, pareceu surpreso por uma fração de segundo, então se virou com raiva para o filho, abriu com violência o casaco dele, arrancou Soldier e o arremessou na carroça. Lee não moveu a cabeça nem para a direita nem para a esquerda, mas seus olhos ensombrecidos eram duros e penetrantes enquanto piscavam para lá e para cá.

Soldier pulava na carroça. Os braços de Stanley se fecharam sobre ele e o filhote se abrigou lá. Os olhos de Lee pousaram sobre o cãozinho.

— Não vou ficar com este aí.

— Não tem nada de errado com ele — refutou Da, rispidamente.

— Nada de errado, mas eles são sempre mais fracos, esses brancos. Sim, e uma lebre foge dos cachorros brancos mais rápido do que de qualquer outro.

Stanley apertou o braço ao redor do filhote, cheio de esperança — ele talvez pudesse manter Soldier, talvez pudesse levar o filhote de volta a Rocket.

Lee deu uma piscada discreta em direção a Stanley.

Mais para si mesmo do que para qualquer outra pessoa, Da rosnou:

— A cadela mãe dele ganhou duas vezes na Withuns.

Pegou as rédeas de Trumpet, pronto para subir na carroça.

Lee sorriu para Stanley, um desarmante sorriso de esporádicos dentes de ouro. Ainda observando Stanley, assobiou. Uma menina de olhar feroz e cabelos negros se materializou ao lado dele. Stanley olhou para ela e para o estilingue que ela segurava. Ela o olhou de volta, pouco impressionada. Lee levantou Bentley pela nuca e o mostrou a ela... Era o cachorro de Tom, aquele era para ser o cachorro de Tom.

— Um bom pelo duro. Isso vai protegê-la do arame nas cercas.

Da estremeceu. Lee usava seus cães para caça ilegal, era por isso que gostava dos cães de pelo duro.

— Ei, e veja seus olhos amarelo-acastanhados. Olhos dessa cor são sinal de um cão bom, forte.

Lee entregou o cachorro à menina do estilingue. Depois ergueu Socks e Biscuit. Stanley viu o minúsculo focinho molhado de Biscuit, os olhos vivos aterrorizados, e se sentiu mal. Ela era tão pequena...

— Eles só têm se-seis semanas...

— Seis semanas é bom.

Stanley olhou para a menina do estilingue. Ela parecia, pensou, que poderia fazer guisado com filhotes de cachorro para o jantar.

Da estava sentado na carroça, o olhar carrancudo para as colinas ondulantes cobertas de capim. Abraçando Soldier, Stanley ergueu a gola do casaco para se proteger do vento cortante e subiu na carroça também. Lee ajustou o boné, pondo fim ao negócio.

— Cuide deles — disse Stanley.

Lee inclinou-se sobre a parte de trás da carroça. Sorrindo aquele sorriso branco e dourado, respondeu:

— Se um cão ama você, ele fará qualquer coisa.

Da estalou o chicote, e a carroça cambaleou para longe. Lee ajeitou o boné uma vez mais e foi embora, balançando os filhotes pelo cangote.

Rocket estava esperando no mesmo lugar onde Stanley a tinha visto pela última vez. As orelhas apontadas acima, a pata dianteira pronta, sua forma expressiva refletida no lago negro. Trumpet passou por ela pesadamente. Rocket saltou para a frente e rodou em volta da carroça em alegres círculos. Segurando Soldier, Stanley pulou. Ajoelhou-se, abriu o casaco e viu Rocket lambar e cheirar seu filhote. Ela ficou cautelosa e parada, o filhote trotando em êxtase ao redor da mãe, a pelagem brilhando na sombra profunda, a cauda um borrão na forma de círculo. Rocket fez uma pausa em seu lambar e cheirar, ergueu o olhar para a carroça, cheirou o ar e então deixou a cauda cair, e começou de novo, ferida e vigilante, a cuidar de Soldier.

TERÇA-FEIRA, 4 DE SETEMBRO DE 1917

Lancashire



O filhote o seguia nos calcanhares, mas isso só porque Stanley trazia uma amarra de coelhos pendurada na mão esquerda. Stanley chegou ao portão do Park Drive e hesitou. Ele preferia a estrada da fazenda, mas Da poderia estar lá de novo perto do lago, e ele tinha algo que estava ansioso para dar a Soldier. Do bolso do casaco, tirou um apito feito de caniço.

— Isto é para treinar você — disse ao cachorrinho. — E para fazê-lo andar e sentar. — Ele soprou. — Isto é para quando você estiver pronto para ser treinado.

Lá na mata, Stanley tinha feito dois, um para Da e um para si mesmo. Ele os tinha feito do jeito que Da havia ensinado a ele e a Tom. Da poderia ajudar a treinar Soldier do jeito que antes treinara Rocket.

Os dois chegaram ao lago, e lá estava Da, agachado debaixo do abeto, com Rocket a alguns metros dele. Por quanto tempo Da tinha estado lá? Por quê?

— D-Da... V-veja, eu lhe fiz um apito... Para treinar Soldier...

Da não se virou ao ouvir a voz do filho. Stanley levantou uma mão incerta aos lábios para soprar. As notas borbulharam um jorro claro, brilhante e assombroso. As orelhas de Soldier ficaram de pé. Stanley soprou novamente. Soldier inclinou a cabeça, depois se afastou saltitando para perto de Rocket, na borda do lago. Era um bom apito, Stanley estava pensando, ele tinha cortado bem. Deu um passo à frente, sorrindo, segurando o apito — e então congelou sob o repentino olhar frio de Da.

— Eu vou afogá-lo. Escute bem o que estou dizendo: eu vou afogá-lo.

O coração de Stanley bateu muito forte. Da estava se inclinando, agarrando uma pedra. O menino saltou em direção a Soldier. Da arremessou a pedra, que passou a centímetros da cabeça de Soldier e afundou nas águas rasas do lago. Desconcertado de raiva e descrença, Stanley virou-se para o pai. Jogar uma pedra em um filhote de cachorro? Seu próprio pai? Então ele poderia fazer, ele seria capaz de fazer isso: ele afogaria Soldier.

Da foi embora, pisando fundo. Stanley se voltou para Soldier e o viu, inocente, pequeno e frágil contra aquelas profundas e negras águas do lago. Em um turbilhão de horror e náusea, Stanley imaginou uma bolha miúda subindo até a superfície do lago, e outra, e mais outra — e um saco pesado caindo através da água escura.

O crepúsculo se tornou mais intenso. Ainda segurando os coelhos, Stanley se dirigiu para a despensa das carnes de caça. Quando terminou de esfolar os coelhos, virou-se para lavar as mãos ensanguentadas. À esquerda da pia, na parede de azulejos acima, pendia um pequeno espelho. Stanley foi surpreendido por seu reflexo — ele realmente parecia tão jovem assim? Inclinou-se para mais perto do vidro imundo. Passou-se um minuto enquanto estudava seu reflexo. Seu cabelo estava muito longo e caía sobre a testa. Ele se endireitou. Estava com catorze anos, mas era alto, quase mais alto do que Tom. Se erguesse o queixo, endireitasse os ombros, poderia aparentar que tinha quinze anos? Dezesseis? Dezessete? Qual era a diferença entre um rapaz de catorze e um de dezessete anos de idade? Stanley coçou o queixo. Uma barba ajudaria. Se parecesse mais velho, ele poderia se alistar.

Também refletidos no espelho estavam o boné e o casaco de Tom, ambos pendurados em um prego. Num impulso, Stanley se virou, atravessou a sala e tirou ambos do prego. Vestiu o boné e se virou de novo para o espelho, empurrando o cabelo para longe do rosto. Olhando-se de todos os lados, experimentou o casaco. O comprimento das mangas estava bom, mas estava largo no peito.

Stanley abotoou o casaco e esfregou o pó do vidro com o punho da camisa. Agora estava melhor.

Não era fácil, pensou, dizer qual era a idade dele agora. De qualquer forma, todos os tipos de homens haviam se alistado. Shepherd, o antigo professor de História, era muito baixo em 1914, mas depois tinha crescido o suficiente em 1916. O pai de Lara Bird era quase um ancião, mas eles o tinham levado também. Os oficiais de recrutamento recebiam uma quantia em dinheiro para cada homem que alistavam, e era por isso que os alistavam, provavelmente por causa do dinheiro que recebiam... Stanley ficou em posição de sentido, bateu os calcanhares e fez continência, os dedos na ponta do boné de Tom.

— Dezessete, senhor.

Soldier saltou para o seu lado e Stanley ficou olhando para ele, distraído, percebendo que não poderia ir para o Exército com um filhote de cachorro. Ele não poderia se juntar a Tom.

Não, ele não poderia fazer isso... Mas ele e Soldier deveriam partir na primeira luz do dia e arriscar a sorte juntos.

CEDO, NA MANHÃ SEGUINTE

Lancashire



Um uivo anunciou o amanhecer. Stanley pulou da cama e escancarou as cortinas da janela do quarto.

As portas da casa estavam abertas, a carroça tinha desaparecido. O que Da estaria fazendo acordado tão cedo? Rocket estava amarrada às grades do canil, seu longo pescoço esticado. Seus uivos circulavam para cima, assombrando o ar gelado da manhã. O cascalho brilhante do chão molhado pela garoa refletia o céu tremeluzente.

“Eu vou afogá-lo. Escute bem o que estou dizendo: eu vou afogá-lo.”

As palavras de Da estavam geladas e precisas na mente de Stanley. Uma onda de raiva perpassou seu couro cabeludo e desceu até as pontas dos dedos. Idiota, idiota, idiota! Ele nunca devia ter deixado Soldier sozinho, nem por um minuto. Devia ter dormido no estábulo, mantendo guarda.

Stanley se atirou escada abaixo, errando o passo, tropeçando, e saiu pelo pátio. Abriu com força o portão do canil, batendo-o contra a parede de pedra. A palha molhada estava espalhada por todos os lados, encharcada, esmagada nas tábuas do piso, a cama que ele tinha feito desaparecera... Da tinha levado o saco.

Rocket emitiu um uivo primitivo, que vibrou nas paredes da construção, e fez as entranhas de Stanley se retorcerem.

“Eu vou afogá-lo. Escute bem o que estou dizendo: eu vou afogá-lo.”

Ele engasgou e quase vomitou. Aquele minúsculo cãozinho com pelagem cor de aveia. Stanley correu descalço, enlouquecido, bolhas se formando em seus pés. Notou uma palha dourada no chão, da cama de palha de Soldier, e a agarrou. Seguindo a trilha de palha, ele correu através da Park Drive, parando para agarrar cada fragmento delas. Uma criança desesperada, procurando por pistas, em uma sinistra e alucinada caça ao tesouro. Lá estavam, lá estavam elas, marcas de rodas de carroça na lama. Stanley as seguiu, sabendo para onde iam.

Na outra extremidade do lago estava a carroça. Lá estavam Trumpet e Da — ele tinha visto Stanley e estava pulando na carroça, chicoteando o velho cavalo para que acelerasse em um galope. A carroça desapareceu na sombra do abeto. Stanley correu gritando atrás da carroça, correndo, ainda gritando, com os pés sangrando. Ouviu o estalar do chicote, o grito de Da ao incitar Trumpet para seguir adiante. Stanley parou na grama pisada onde a carroça tinha parado à beira da água. Nauseado pelo horror, andou lentamente em direção à margem do lago, com os olhos fixos por cima dos juncos pisoteados na borda rochosa onde a água era mais funda. Era ali, naquele lugar, que ele via Da com tanta frequência. Hora após hora, Da vinha e ficava aqui; aqui, onde a água era mais escura, ele tinha escolhido afogar o minúsculo Soldier. A superfície da água estava plana. Nenhuma onda. Stanley vomitou, virou-se e correu, gritando, de volta para casa.

De volta ao quintal, Stanley se ajoelhou ao lado de Rocket. Viu a corda que a amarrava. Da podia amarrar seu cão, mas não conseguiria amarrar seu filho. Stanley iria partir, não poderia nunca mais morar na mesma casa com Da, nunca mais passaria por aquele lago. Colocou o queixo sobre o pelo impecável de Rocket e passou os dedos por suas orelhas sedosas.

— Fique com Da. Ele ama você, pelo menos...

Stanley arrancou do gancho detrás da porta o melhor casaco e o boné de Tom e enfiou o cartão-postal de cachorro no bolso. Colocou

um dos apitos numa caixa de fósforos Bryant & May, que também pôs no bolso, jogando o segundo na cadeira vermelha de Da.

Esvaziou a lata de dinheiro da cozinha, rasgou uma folha de papel de seu caderno de exercícios de gramática e escreveu:

ESTOU INDO EMBORA. NÃO TENDE ME PROCURAR.

NÃO POSSO PERDOAR VOCÊ POR TER AFOGADO SOLDIER.

STANLEY

Na porta, com uma mão no bolso, Stanley parou para olhar a sala uma última vez. Viu o apito na cadeira. Da veria o apito que o filho tinha feito para ele, talvez pudesse enxergar ali todo o amor e toda a esperança que ele havia destruído. O apito na caixa de fósforos, aquele que ele manteria consigo, para sempre, como lembrança de Soldier.

PARTE II

INÍCIO DA TARDE, NO MESMO DIA

Liverpool



O ônibus parou em Queen Square. Essa era a última parada. Stanley estava a mais de sessenta quilômetros de casa, a mais de sessenta quilômetros de Da. Firme em seu propósito, ele desceu do veículo. Ele iria se alistar. Agora não havia mais Soldier. Não havia mais nada que pudesse detê-lo. Ele se juntaria ao Exército, e faria isso hoje. Bondes e táxis ressoavam ao passar. Um enorme cartaz, com pelo menos seis metros, cobria a lateral de um bonde que passava, apresentando a silhueta de um braço musculoso e um punho cerrado, e sob a imagem as palavras: "EMPRESTE SEU BRAÇO FORTE À SUA PÁTRIA ALISTE-SE AGORA".

Kitchener, o secretário de Estado da Guerra, tinha pedido "homens e ainda mais homens até que o inimigo fosse esmagado". O Exército estava desesperadamente sem tropas, e, se ele podia levar metade das pessoas de Longridge, então podia levá-lo também.

A multidão pouco a pouco ficava mais concentrada, as pessoas se apertando. Estavam todos lá fora, apenas esperando. Stanley parou, vislumbrando uma imagem vívida sobre as cabeças da multidão: uma equipe de artilharia correndo em ação sob fogo pesado. Outros cartazes foram colados junto às janelas daquele imponente edifício. Em um deles, por cima das palavras "ALISTE-SE HOJE!", um soldado usava a coroa de louros, a esfinge e a rosa vermelha do East Lancashires. O regimento de Tom. Uma fila se formou em frente ao edifício: um grupo variado e multicolorido, com todas as formas, tamanhos, alturas, idades, todos em desacordo com as imagens de soldados altos e fortes nos cartazes. Estava ficando tarde, mas, se a fila continuasse andando, Stanley seria atendido hoje.

Um oficial corpulento, vestido de uniforme cáqui, estava sentado atrás de uma mesa em uma sala de teto alto com painéis de carvalho, vasculhando papéis com uma das mãos, segurando a barriga com a outra. Ele andava comendo mais do que as rações, pensou Stanley, mais do que os 120 gramas de manteiga para uma semana que ele e Da recebiam. O oficial manteve os olhos nos papéis enquanto Stanley se aproximava. As mãos de Stanley estavam pegajosas, a boca seca.

— O que eu posso fazer por você? — O tom do oficial era debochado.

— E-eu v-vim... — Stanley lutou para conseguir ar.

A caneta do homem bateu na mesa, tap-tap-tap. Stanley respirou fundo.

— Eu v-vim me a-alistar, senhor...

— Nome? Profissão? — A voz estava cansada.

— S- Stanley Ryder, senhor. Jardineiro, senhor. E eu costumo ajudar com os c-cavalos — Stanley olhou para o chão. O que ele estava pensando ao vir para cá? O oficial levantou um par de olhos vermelhos.

— Idade?

Stanley hesitou, confundido por um pensamento repentino — seria crime mentir para o Exército sobre a sua idade?

— Dezesseis, senhor.

Ele mordeu o lábio. Você tinha que ter *dezessete anos*. Por que não tinha dito dezessete de uma vez? Dava na mesma, a mentira era igual ao dizer dezessete ou dezesseis. O oficial soltou um suspiro desesperado e muito audível e coçou a testa. A questão da idade de Stanley parecia ter lhe trazido uma dor de cabeça repentina.

Stanley não se mexeu.

“Dezessete, senhor, dezessete”, ele queria dizer.

O oficial fechou os olhos e dobrou a cabeça dolorida de um lado e depois do outro, estalando o pescoço.

— Você iria lá fora, mudaria de opinião umas três vezes e voltaria às cinco, quando tivesse dezessete anos? — A barriga do oficial se ergueu e caiu como se fosse um rebocador atravessando uma onda, enquanto ele ria de sua própria piada.

— Sim, senhor, neste exato m-momento, s-senhor! Imediatamente, senhor.

Stanley saiu correndo. Olhou para um lado e para o outro na rua procurando um relógio. Se o oficial do alistamento queria que ele voltasse às cinco horas, ele faria exatamente isso. Quatro e meia. Apenas mais meia hora e ele teria a idade certa.

Às cinco, o oficial ergueu os olhos e avaliou Stanley como se estivesse inspecionando um cavalo.

— Idade?

— Dezessete, senhor.

— Humm... A sua mãe sabe que você tem dezessete anos? — perguntou o homem, zombando.

— Ela morreu, senhor.

— Sinto muito... Bem, você disse jardineiro e... er... cavalos. Não há pedido de crisântemos em Flandres, mas os engenheiros estão com poucos homens que conheçam cavalos. Então, você poderia nos fazer um belo favor e dizer que conhece cavalos?

— Oh, sim, senhor. Eu conheço cavalos, senhor.

— Ótimo, muito bem. Agora, junte-se aos Royal Engineers.

Ele apontou para Stanley uma sala adjacente e o consultório médico. Dois homens, ambos brancos como quartzo, estavam de pé esperando, vestidos apenas com suas ceroulas. Stanley também tirou a roupa e esperou.

Um médico entrou na sala segurando uma fita métrica, avaliou os homens com o olhar desesperançado e se dirigiu a Stanley. Enrolou

a fita em torno de peito de Stanley e trouxe a cabeça para mais perto. A medida não pareceu mostrar o número que ele procurava. Ele fez um laço cuidadoso e o apertou entre o polegar e o indicador. Desta vez a fita veio para o número certo e ele anotou o resultado com um exalar exausto.

Stanley foi levado à balança. A cabeça do médico quase tocava o mostrador enquanto o jovem novamente ficava aquém das necessidades do Exército. Mais um suspiro exausto. O médico pegou um grande dicionário azul e o passou a Stanley, depois se inclinou para ler o resultado. Perfeito. O peso combinado de Stanley e do dicionário foi anotado. Então foi medida a altura de Stanley. Os olhos míopes do médico piscaram de exagerada surpresa ao perceber que o jovem ultrapassava a altura mínima regulamentar.

— A-um — o médico murmurou, com um sorriso sarcástico, e se dirigiu ao próximo homem.

Atordoado, Stanley juntou-se ao grupo confuso de homens em torno da mesa, levantou a mão e fez seu juramento ao rei e ao país. Ele era agora um membro do Exército de Sua Majestade e tinha um número. E tinha dezessete anos, tinha um passe para as ferrovias e receberia o soldo às sextas-feiras.

Às seis horas da manhã seguinte, Stanley estava a mais de trezentos quilômetros de distância de Da. Estava junto das tropas, e seu treinamento tinha começado.

SEGUNDA-FEIRA, 10 DE SETEMBRO DE 1917

Chatham, Kent



O vasto e sombrio campo de treinamento era cercado de quartéis, escritórios e portões. O medo continuava puxando os olhos de Stanley na direção dos portões, como se fosse a agulha de uma bússola. Da podia passar por eles a qualquer momento, gritando para todos ouvirem: “Catorze! O moleque paspalho só tem catorze anos!”. Da veria o uniforme mal ajustado, a calça que ondulava ao redor das nádegas do filho, veria também as perneiras — aquela espécie de bandagem envolvendo os tornozelos —, uma das quais estava quase se soltando da perna direita, já revelando o joelho. Da iria zombar dele e arrastá-lo de volta para casa. Stanley examinou o rosto dos novos recrutas. Não, ninguém ali parecia tão jovem quanto ele.

— Atenção, sentido! Esquerda, volver! Marcha rápida! Acelerado! Esquerda, direita, esquerda, direita. Força nos joelhos. Esquerda, direita, esquerda, direita...

O sargento-major da companhia, Quigley, tinha o pescoço forte, era uma figura atlética, com o cabelo tão brilhante quanto as penas de um melro e um bigode feroz, com longas pontas enceradas que algumas vezes pareciam assumir vida própria. A língua dele era como uma lixa, e sua voz provavelmente poderia ser ouvida a mais de um quilômetro de distância. O homem estava em seu território, nascido para liderar um desfile às seis da manhã, mas também era uma espécie de relíquia, talvez uma sobra de alguma guerra anterior.

Os olhos de Stanley piscaram na direção dos portões. Mesmo que Da aparecesse, Stanley nunca voltaria para casa.

— Acelerado! Esquerda, direita, esquerda, direita...

Um sorriso brincou nos lábios de Quigley quando ele aumentou o ritmo da marcha. A perneira de Stanley passou a se desenrolar ainda mais.

— Acelerar! Esquerda-direita-esquerda-direita-esquerda...

A voz de sirene de Quigley cantava as instruções cada vez mais rápido até que os homens estavam correndo em volta do pátio. Stanley não conseguia se concentrar por causa da perneira que se desenrolava. Quigley ia notá-lo, separá-lo dos demais, descobrir que era novo demais e mandá-lo para casa. Pelo menos Stanley tinha um quepe e um uniforme — metade dos homens ainda estava à paisana, como as roupas usadas em casa eram conhecidas por aqui. Não era como as imagens que se viam nos cartazes, essa falta de leitos e de uniformes e de pratos no refeitório.

Todo mundo já tinha dado meia volta no pátio, exceto Stanley, que de repente se viu cara a cara com Hamish McManus. Hamish dormia no beliche ao lado de Stanley. Naquela manhã, ninguém tinha conversado com Stanley, a não ser Hamish, que, com um sorriso franco e amigável, havia dito: “Cuidado com o pessoal, rapaz. Eles roubam até a mamadeira de um bebê por aqui”.

Agora Hamish colocou a mão no ombro de Stanley para virar o rapaz, mas não antes de Quigley ter visto Stanley virado de frente para o caminho errado. Quigley marchou com olhos faiscantes e parou desconfortavelmente perto do jovem recruta.

— Corte esse cabelo! Você é um soldado ou um... Humm... Ou um artista? E arrume um pouco de buço no lábio superior antes de eu ver você de novo — Stanley sentiu a respiração do homem no rosto enquanto seu bastão cutucava a perneira problemática. — Sua mãe não vai estar aqui, humm, de agora em diante, para vesti-lo de manhã.

— N-não, senhor. — Lá estava de novo, aquela secura na boca, as palavras quebradas. — E-este par de c-calças é muito frouxo, senhor.

— Fale a minha língua, seu idiota. — Quigley pareceu tão desnordeado que talvez não tivesse ouvido Stanley corretamente, mas agora ele tinha recuperado o fluxo. — Foi isso que recebi, meninos cantores de coral e um bando de maricas. — O bigode de Quigley estremeceu de contentamento. — E, se algum de vocês pretende voltar para casa, hummm, para ver a mãe de novo, eu primeiro farei de vocês verdadeiros soldados! — Sua voz se elevou. — Ou morrerei tentando!

Alguém do outro lado do pátio riu baixinho. Quigley girou rapidamente nos calcanhares, ágil o suficiente para pegar um sorriso no rosto de um homem alto e magro.

— E eu vou ensinar você a não rir na hora de revista, Fidget! Não quero ver um sorriso em sua cara de caneca de leite até que o mundo acabe!

Stanley sentiu um aperto suave no ombro, e girou. Hamish sorriu para ele, um sorriso aconchegante, tranquilo, e sussurrou:

— O sargento-major é apenas um valentão, rapaz, apenas um valentão.

Sim, pensou Stanley, apenas um valentão. Eu saí de casa, deixando um valentão lá apenas para vir encontrar outro igual aqui...

— Todos de quatro. Agora, para cima, para baixo, para cima, para baixo, para cima, para baixo...

Os olhos de Stanley se encheram de água por causa da dor que queimava seus músculos. Ele precisava apagar a dor ardente nos braços. Fechou os olhos, e instantaneamente as imagens de Soldier e do lago escuro inundaram sua mente. Um círculo solitário subiu sobre a superfície da água que ele via. Ele ondulou em direção ao lado de fora, desencadeando uma onda de raiva que desaguou através do corpo de Stanley. Carregado dessa dor violenta, ele

seguiu, para cima, para baixo, para cima, para baixo, até que se tornou o último homem a continuar fazendo o exercício.

Seis semanas se passaram. Stanley tinha se acostumado com as zombarias de Quigley, com a comida, com as regras e os regulamentos da vida militar. Se não estava pulando para cima e para baixo, estava sendo inspecionado. Sempre estava sendo inspecionado. Tudo tinha que ser feito em perfeita ordem, os cobertores tinham que ser dobrados com perfeição, as botas tinham que ser engraxadas com perfeição.

— Subserviência e obediência, rapaz — tinha dito Hamish enquanto eles dobravam os cobertores. — Eles querem ver isso correndo em seu sangue — Hamish estava certo. No Exército você nunca deve pensar por si mesmo e deve sempre obedecer, por mais inútil que o exercício pareça ser. Você deve deixar suas botas brilhando, ou ser punido durante três dias a pão e água se eles ordenarem que seja assim. Stanley continuaria a fazer tudo para manter suas coisas na mais perfeita ordem, mantendo a cabeça baixa, as botas limpas, seus cobertores dobrados, e então seria enviado para a França, onde estava Tom... E onde Quigley não estava.

Hamish e seu irmão, James, estavam ambos na unidade de Stanley. Ambos eram homens grandes, de sobranças claras, nascidos para montanhas altas e vales profundos. James, o mais velho dos dois, era um pouco taciturno, mas Stanley gostava deles e confiava nos dois.

Todo mundo estava progredindo para a formação especializada. No caso de Stanley, haveria duas semanas extras de treinos em marcha, combate de baioneta, exercícios de tiro, marcha longa, rodar sobre o corpo para a direita e para a esquerda e formar esquadrões. Apenas ele no seu grupo de recrutas foi condenado a fazer mais duas semanas de treinamento básico. Duas semanas a mais antes de poder ir à França.

Os companheiros de Stanley faziam fila na cantina, com humor eufórico. Tinha havido uma campanha de sucesso na França, em Cambrai. Os sinos da igreja tocaram naquele dia pela primeira vez. Tom tinha estado lá, em Cambrai? O país todo tinha se agarrado a alguma coisa para comemorar depois de Passchendaele. Cento e quarenta mil baixas para um avanço de menos de oito quilômetros. Será que Tom tinha estado em Passchendaele?

Quando cada homem virava no canto mais à frente para entrar na cantina, procurava na lista afixada à porta da sala da ordenança. Era assim que você sabia se havia alguma carta ou encomenda para você, mas Stanley nunca olhava. Nunca existiu nenhum pacote para ele, portanto era melhor não pensar nisso; era melhor apenas se concentrar em contar os dias.

— Stanley, já lhe enviaram alguma coisa?

James e Hamish estavam ambos olhando para o quadro de avisos. Stanley balançou a cabeça e se virou. Hamish e James deviam receber pacotes com geleias e chocolate, pensou o rapaz, mas ele nunca receberia nada. Não até que Tom soubesse onde ele estava.

— Ninguém sabe, não é, que você está aqui? — perguntou Hamish calmamente, e, não esperando receber resposta, continuou: — Mas nós sabemos, e nós vamos cuidar de você.

Stanley pegou um lugar à mesa ao lado de Hamish, em frente a James. James pegou o pedaço de pão.

— Feito de areia e cascalho — disse ele, pesando-o na mão antes de passá-lo a Stanley. — Precisa de muita margarina para ficar mais fácil de mastigar.

A superfície da mesa estava nadando em chá derramado. Cada homem se servia de chá, enchendo seu jarro em uma bacia que ficava bem no meio da mesa. O chá não era dos melhores, era uma geleia de chá, mas quando você estava cansado era bom que fosse forte e doce. O homem alto, chamado Fidget, que tinha soltado a risadinha na marcha naquela primeira manhã, deslizou entre Stanley e Hamish e colocou um pacote em cima da mesa, onde todos

pudessem vê-lo. Fidget era todo comprido e incolor, como uma erva daninha que tivesse crescido muito rápido dentro de um armário escuro, e tinha o hábito de se enfiar em lugares onde não era especialmente bem-vindo. As mãos de Fidget tremularam sobre o seu pacote. Os olhos cor de groselha de Fidget se moveram rapidamente e se arregalaram, a boca se abrindo em um sorriso frouxo.

— Veio da minha irmã... Ela envia um pacote desses a cada semana. Bolo de frutas. — O sorriso frouxo foi interrompido por um pensamento súbito. — Você recebe esses pacotes, Stanley?

A expressão de Fidget era muito agitada, com os olhos da cor do chá do Exército. Fidget não quis ofender, mas, incapaz de responder, Stanley olhou para baixo. Rabiscou com o dedo indicador no chá sobre a mesa.

— E então, você recebe pacotes, Stanley? — perguntou Fidget uma vez mais.

O rabisco no chá tinha uma cauda e um focinho comprido.

— Você não é de falar muito, certo, Stanley Ryder?

Antes, Stanley ficou lá pensando, havia uma toalha de mesa e mel e uma mãe para fazer bolos. Antes havia um lindo filhote da cor de aveia e...

Fidget não era alguém que se podia dissuadir.

— Minha irmã é uma ótima cozinheira. E a sua mãe, cozinha bem?

Se Stanley respondesse, suas palavras iam ficar presas na garganta. Seu dedo indicador apagou o cão feito de chá na mesa. Ma era uma bela cozinheira. Stanley engoliu em seco.

Hamish colocou um braço em volta do ombro de Stanley.

— Vamos, Stanley. O bolo na barraca da ACM é melhor do que a comida do Exército em qualquer dia. Amanhã vamos desfilarmos e receber pagamento, e ainda tenho dinheiro sobrando da semana passada.

Stanley deu um sorriso de agradecimento a Hamish e eles se levantaram e saíram. Enquanto passavam pelos soldados e pelas fileiras de mesas, Hamish perguntou:

— Você gosta de cães?

Stanley sentiu a morte de Soldier se comprimir como uma pedra em sua garganta. Não disse nada. Hamish apertou o braço em volta dos ombros do rapaz e o guiou pelo caminho. Era bom estar com Hamish, sentiu Stanley, que era uma pessoa gentil e atenciosa e nunca se importava com o fato de Stanley falar tão pouco. Na porta da sala da ordenança, Hamish perguntou:

— Você viu isto?

De novo, a garganta de Stanley se contraiu quando viu a lista do correio.

— Não isto — Hamish apontou. — *Isto*. Leia. Trabalhar com os cães seria mais divertido do que ficar construindo túneis com os Engenheiros. Sim, senhor, e muito mais seguro. O que você acha?

Stanley sentiu sobre si os olhos suaves de Hamish enquanto lia:

O SERVIÇO DE CÃES MENSAGEIROS
NECESSITA DE VOLUNTÁRIOS ACOSTUMADOS
A TRABALHAR COM ANIMAIS

OS INTERESSADOS EM SE CANDIDATAR DEVEM PROCURAR O
SARG. QUIGLEY

Cães? Cães mensageiros? Mas que maravilha, pensou Stanley, uma maravilha muito além do que ele podia imaginar. Sim, pensou, eu adoraria fazer isso.

— Você certamente teve motivos para se alistar e eu não vou lhe fazer nenhuma pergunta sobre isso, mas a frente de combate não será lugar para você, rapaz. A Unidade de Cães de Guerra talvez seja o ideal.

Stanley espalhou seu uniforme sobre a cama, admirando o "R.E." na gola e as bandeiras bordadas, a nobre insígnia dos Royal Engineers no braço esquerdo. Esta tinha sido uma boa semana. Vinte e oito homens tinham sido solicitados para a Escola de Sinais, e Quigley havia instruído Stanley a se inscrever e fazer isso antes de sua transferência para a Escola dos Cães Mensageiros. Stanley gostara de Sinais — gostava das lâmpadas, das heliografias e do telégrafo. Tinha aprendido que a sinalização era vital em uma guerra baseada em trincheiras, onde tanta coisa dependia agora das mensagens que eram enviadas de e para as frentes de combate. Essas mensagens, enviadas por telegrama, por mensageiros a cavalo, por rádio ou por telefone ou por pombos-correios, poderiam fazer a diferença entre o sucesso e o fracasso de uma operação, e Stanley estava orgulhoso de fazer parte do Corpo de Sinais. Ele também tinha se saído bem, passando em primeiro lugar na prova de Sinalização, e, agora, possuía um novo item: um sobretudo. Estava orgulhoso do casaco, orgulhoso de seu regimento, de sua história, de sua dignidade e importância. Stanley alisou a manga com as bandeiras bordadas.

Um Natal desolado tinha chegado e passado, e Stanley ainda não tinha tido notícias nem de Da nem de Tom. Será que ninguém tinha sequer tentado encontrá-lo?, perguntou-se, enquanto seus dedos acompanhavam os contornos do "R.E.". Eles ficariam espantados, Da e Tom, se soubessem o que ele havia conquistado. Ele gostaria que os dois o vissem marchando. Os olhos de Stanley piscaram para a janela, e para além dos portões, reconhecendo agora, enquanto olhava, que era a esperança que atraía os seus olhos para os portões, desejando que Da aparecesse. Ele tinha estado ali durante exatos cem dias e não tinha recebido nenhuma notícia de Da.

Se Stanley fosse de fato transferido para a Escola de Cães de Guerra, era provável que fosse para um destacamento na Frente Ocidental e, se continuasse com os dedos cruzados, para a França. Não escreveria a Tom, não até que chegasse à França. Se escrevesse ao irmão antes disso, Tom poderia escrever a Da e fazer com que ele fosse mandado de volta para casa. Tom não pensaria que o fato de seu irmão mais novo ter se alistado seria uma boa

coisa: “Eu sempre serei grato”, era o que estava escrito no cartão-postal dele, “por você ser muito jovem para vir para a guerra”. Quando estivesse cara a cara com o irmão, Stanley poderia explicar como as coisas estavam em casa, e por qual motivo ele fora embora.

Stanley se afastou da janela, perguntando-se como o seu velho Soldier estaria agora, que tipo de cachorro ele teria se tornado. Com um olhar tenso em direção ao espelho ao lado da porta, ele ajeitou o quepe.

Os seis homens que esperavam do lado de fora do escritório de Quigley estavam agrupados em torno de um recorte preso à porta:

CÃES PARA O EXÉRCITO

O Departamento de Guerra requisita uma nova doação de cães para propósitos militares. As características dos cães requisitados são as seguintes:

– **Raças: dinamarqueses, mastins, terras-novas, bull masties, labradores, collies, pastores, rafeiros, dálmatas, lurchers, airedales terriers, cães pastores mestiços.**

– **Nenhum cão menor que os airedales terriers é requisitado.**

– **A idade deve estar entre 18 meses e 5 anos.**

– **Gênero: nenhuma fêmea, apenas machos. Os cães devem ser entregues em primeiro lugar ao comandante, na Escola de Cães de Guerra, Shoeburyness.**

Se forem aceitos e aprovados, novas instruções serão enviadas referentes ao seu envio, e todos os cães avaliados como inadequados depois dos exames serão devolvidos aos proprietários. O transporte será pago.

Então, por que os cães foram mortos quando o Exército precisava deles? “Bang — viram alimento para cavalos na França”. Da tinha o direito de estar com tanta raiva.

Quando eles estavam sentados, Quigley se dirigiu aos homens. Aqui, longe do terreno para as marchas, o sargento parecia um pouco menor.

— Seu tempo aqui só tem mais alguns dias para ser cumprido, senhores. Em breve vocês devem receber ordens para sua transferência a Shoeburyness, em Essex. — Os olhos do sargento-major assumiram um brilho de zombaria. — Parece que será preciso cinco semanas para o, humm, Serviço de Cães Mensageiros.

Cinco semanas mais, pensou Stanley, tanto tempo para ir à França.

— Esse serviço é uma nova divisão do Corpo de Sinaleiros, que, como sabem, é por sua vez uma divisão dos Royal Engineers. Ao contrário dos outros recrutas do Corpo dos Sinaleiros, vocês deixarão de ser conhecidos como Pioneiros, passarão a ser conhecidos como *Adestradores*. — As sobranceiras de Quigley subiram em aberta zombaria. — O coronel Edwin Hautenville Richardson vem atormentando o Departamento de Guerra desde 1914 para que use os cães dele. Bem, dois de seus cães foram testados pela Artilharia e parece que levaram mensagens com êxito, de forma que o Departamento de Guerra lhe permitiu montar uma Escola de Cães.

Mensagens? Stanley ficou intrigado e fascinado. Mas que maravilha! Usar cães como mensageiros!

— Caso fracassem em seu treinamento por lá, então serão devolvidos para cá.

Eu não vou fracassar, pensou Stanley, observando o reluzente bigode do sargento se contrair, e jamais voltarei para cá; nunca mais vou cair em suas mãos para ser intimidado novamente.

SEGUNDA-FEIRA, 7 DE JANEIRO DE 1918

Essex



Dez novos recrutas estavam sentados em uma série de bancos de madeira arranjados em torno de um estrado em frente a uma janela, esperando o coronel. Suas mãos ásperas, o discurso frugal e os rostos largos sugeriam que eram homens do campo, caçadores talvez, ou agricultores.

Através da janela, sob a última luz do dia, Stanley viu dois campos cobertos com fileiras ordenadas de canis de madeira. A Escola de Cães Mensageiros era delimitada a leste pelo mar e ao norte pelo rio. Um céu imenso dominava aquela área baixa, aterrada em cima de uma salina, interrompida por sebes e matagais, valas e diques e, depois, por terra lamacenta.

Uma borboleta da espécie almirante-vermelho estava descansando no parapeito da janela. Em suas asas dobradas, Stanley vislumbrou manchas de vermelho alaranjado. Stanley iria deixá-la sair, e poderia fazê-lo rapidamente, antes que o coronel chegasse. Ele se levantou do banco e se dirigiu para a janela, capturando a borboleta e sentindo, na palma da mão, o tórax peludo e o bater em pânico de suas asas poderosas.

Passadas enérgicas soaram no corredor. Stanley levantou a vidraça e esticou o braço. A porta se abriu e fechou rapidamente. Soaram passos atrás dele e alguém veio se colocar junto de Stanley à janela. Ele abriu a mão e viu o rendilhado preto e branco das asas da almirante-vermelho enquanto a borboleta fazia um giro e voava para longe.

— Sabe, aquela pequena envergadura das asas não tem mais do que sete centímetros... — a voz era gentil e fascinada. — Ela deve pesar talvez menos do que duas pétalas de rosa, mas, se aqui não ventasse tanto, estaria agora voando para Espanha ou França...

Stanley se virou e viu um homem de cabelos grisalhos com o nariz nobre e o olhar severo e vincado. E viu também que o sorriso do coronel vacilava, os olhos ficando mais aguçados e os braços caindo ao lado do corpo em um gesto de raiva e desespero. O coronel virou-se abruptamente. Stanley se lembrou das provocações de Quigley sobre a sua pouca idade, lembrou-se dos irmãos McManus e de sua paternal vigilância, e percebeu, enquanto se apressava a retomar seu lugar no banco de madeira, que todos sabiam em um relance que ele era menor de idade.

O coronel Richardson subiu ao estrado e começou a falar, de maneira cortês mas firme:

— Senhores, vocês estão aqui em liberdade condicional. Eu aceito somente os homens de caráter mais elevado. É sua obrigação solene apresentar apenas as qualidades que gostariam de ver no seu cão, porque um cão que vive com um homem de coragem e determinação vai se tornar corajoso e determinado...

Os olhos de águia do coronel vasculharam a sala, examinando o coração de cada recruta, pesando-o e avaliando-o, mas sempre ignorando Stanley. Stanley endireitou-se, desafiante e concentrado.

— Eu vou treinar vocês e vocês irão treinar os cães. E devem esquecer qualquer coisa que tenham aprendido. Não quero experiência... Eu simplesmente quero um amor natural pelos cães.

Stanley observou o coronel, desafiando-o a encontrar seus olhos. Ele, Stanley, mais do que ninguém naquela sala, tinha um amor natural pelos cães. Ele não seria tratado como uma criança...

— Seus cães também são recém-chegados. E desde sua chegada ficaram isolados durante 24 horas e descansaram por 48 horas. Tomaram banho e foram desinfetados por Macy, nosso enfermeiro-chefe. Receberam uma coleira de couro, um cilindro de metal para

as mensagens, uma placa de bronze com a gravação “CÃO DE GUERRA MENSAGEIRO” e um número.

O coronel fez uma pausa, e Stanley pôde ouvir o ruído surdo de armas pesadas disparando no campo de treino da Artilharia, nas proximidades.

— Cada um de vocês será responsável por três cães. E cada cão vai ter um mestre. Um homem, e apenas um homem, será o mestre dele. Vocês farão com que cada coisa e cada dia de trabalho sejam um prazer e uma alegria para ele. Vão ensiná-lo a ser um soldado, a ter disciplina e sangue frio. Se um cão for preguiçoso, guloso ou covarde, se não tiver foco ou concentração, será devolvido para sua casa. E todos que se saírem bem, e quando chegar a hora, irão servir durante quinze dias de cada vez, doze horas por dia, nas trincheiras da linha de frente. Vocês e seus cães.

O coronel continuava evitando Stanley, embora o rapaz mantivesse os olhos firmemente fixos nele, desejando que o coronel encontrasse seu olhar.

O coronel Richardson encarou a fila de adestradores, em seus calcanhares uma turba desnorteada de cães, alguns magros, alguns corpulentos, alguns altos, choramingando como crianças pequenas em seu primeiro dia na escola. No campo mais além, acorrentados aos seus canis, os cães mais experientes, de focinhos erguidos, inspecionavam os novos recrutas — tanto os homens quanto os cachorros — com um silencioso ceticismo.

Stanley seria o último a conseguir seus cães. Começando no outro extremo da fila, o cabo lanceiro Birdwood, conhecido como Birdie, havia começado a distribuí-los.

Birdie e o coronel estavam se aproximando do final da fila. Havia ainda dois homens para receber seus cães, Trigger Doyle e Stanley, mas apenas quatro cães presos nas mãos do coronel. Quer dizer que não havia cães suficientes para todos? Talvez cada um dos dois recebesse um par de cães. Havia um vigoroso airedale, junto com dois cães muito altos e um cão pastor com jeito de urso de pelúcia.

Quais deles seriam os seus e quais os de Doyle? Stanley olhou de soslaio para o baixo e magro Doyle. Sua aparência era grosseira, mas, apesar disso e de sua autoconfiança, ele devia ser talvez tão jovem quanto o próprio Stanley. Observando-o, Stanley se perguntou se talvez Doyle tivesse subido numa pilha de livros na hora do recrutamento. A noite passada, ele tinha se apresentado como “Trigger... Trigger Doyle” e piscara para Stanley com uma cumplicidade de que Stanley não gostara muito.

— Cão número 2154 — disse Richardson. O coronel lançou um olhar paternal sobre o cão pastor que Birdie estava dando a Trigger. — Faraó... Este tem cérebro... Esse grande crânio quadrado tem muito espaço para inteligência.

Stanley olhou para aquele cão de aspecto turbulento, para o brilho de inteligência em seus olhos sob a franja cinzenta, e sentiu uma picada de inveja. Olhou para o restante dos cães. O que seria deixado para ele? Não seria o airedale — Birdie já o estava entregando a Doyle —, mas o enorme cão malhado ainda estava lá, assim como o cão alto de pelo amarelo pálido.

— Este airedale é Bandit — estava dizendo o coronel. — Vai ser um soldado completo, leal, valente e extremamente corajoso — Stanley olhou para o galante e vistoso Bandit e então, com ele sentindo o coração na boca, seus olhos se voltaram para o coronel.

Birdie estava dando a Trigger mais um cão, aquele bonito e alto cachorro da cor de trigo. Stanley mordeu o lábio. Havia apenas um cão para ele, o malhado, com listras marrons e douradas como as de um tigre. Não havia cães suficientes, e o coronel tinha escolhido Stanley para receber apenas um. E aquele gigante truculento deveria ter sido escolhido especialmente para ele. Sua chance de ser enviado para a França seria impossível com apenas um cão. Com aquele cão.

Richardson se colocou diante de Stanley. Stanley endireitou a coluna e os ombros, desafiando o coronel a olhar para ele. O coronel estava lendo em seu livro de registros.

— Bones.

— Cão número 2153 — informou Birdie.

— Bones... Um ótimo dinamarquês... Um cachorro impetuoso esse aqui. Bem, procure fazer o melhor... Vai ser duro conseguir ganhar sua confiança. Ele era um cão de guarda. Então ele foi abandonado, como tantos outros, por causa do racionamento, porque seus donos não podiam mais alimentá-lo. É um animal desconfiado, suspeita de tudo. Vai ser um caso difícil, mas tente canalizar essa ferocidade dele.

Os olhos do coronel finalmente subiram de Bones para o recruta, e então se deslocaram para olhar a meia distância. Birdie entregou a guia a Stanley enquanto o coronel continuava a falar:

— Veja, sou obrigado a aceitar tudo o que vier. Eu simplesmente não consigo ter bons cães em quantidade suficiente — ele deu um longo e triste suspiro. — Ainda estou pedindo mais, e, bem, talvez esses cães ainda cheguem... — Ele voltou os olhos mais uma vez para Bones e disse: — É bem capaz que Bones não seja adequado para este tipo de trabalho. Os dinamarqueses costumam ser melhores cães de rastreamento do que cães mensageiros, mas, enfim... Veremos... Como você sabe, se um cachorro o ama, ele vai fazer qualquer coisa por você.

O coronel estava a ponto de dizer mais alguma coisa quando olhou de novo diretamente para Stanley e fez uma pausa. Com um triste balançar da cabeça, o militar pensou melhor naquilo que porventura ia falar, virou-se para Birdie e, enquanto se afastavam, Stanley captou no ar algumas das palavras sussurradas:

— Isso não é justo... Tão novo...

Ainda balançando a cabeça, o coronel dirigiu-se para o centro da fileira.

— Fidelidade. Coragem. Honra. São essas as qualidades que esperamos encontrar em um cão, elas e o instinto natural de voltar para casa. Esse instinto existe em todos os cães, mas será o cultivo dele que irá formar o cerne de seu treinamento aqui.

Stanley olhou para Bones. O rajado vistoso preto e marrom da pelagem do cão tinha aquele perigoso brilho de um animal selvagem e imprevisível. Cabeçudo, pensou Stanley, observando as mandíbulas profundas, e os incisivos que poderiam rasgar qualquer coisa em pedaços. Stanley se perguntava se tinha, afinal, o tal um amor natural pelos cães, porque, se tivesse, ele parecia tê-lo abandonado agora. Era aquele peso e aquele volume de Bones que lhe pareciam tão desanimadores. Os cães de Da sempre tinham sido leves como sombras, e ele não conseguia sentir nada além de repulsa por esse gigante que só ficava ali babando.

Enquanto o coronel falava, uma jovem tarambola que se achava muito importante, com uma plumagem marrom-acinzentada, trotava com urgência pela areia a poucos metros de distância. Bones inclinou a enorme cabeça, as sobrancelhas suplicantes erguidas, as orelhas em pé, toda aquela truculência intratável subitamente evaporada. Ele levantou uma pata dianteira robusta como se quisesse brincar. O cão não tinha mais juízo do que um pino de boliche, pensou Stanley, exasperado, assistindo enquanto Bones batia a pata no chão num convite para a tarambola. Mas o pássaro trotou para longe. A cabeça do cão despencou, seus olhos piscando tristemente na direção da agora distante tarambola. Stanley se divertiu ao descobrir que Bones parecia maravilhosamente feroz, mas era realmente um cão gentil.

— Bones é um tonto...

As orelhas triangulares desceram, batidas contra as bochechas. Aquela cabeça era tão expressiva com tantas mudanças fugazes, passando da desconfiança ranzinza para a jovialidade e então para o completo desapontamento, tudo tão facilmente legível que Stanley se surpreendeu ao sentir um lampejo de afeto por esse gigante brincalhão e desajeitado.

Richardson ainda estava falando.

— Os cães são quatro vezes mais rápidos do que os seres humanos. Eles conseguem atravessar as crateras de bomba alagadas e os canais. Eles conseguem encontrar seu caminho

durante a noite e correr muito rápido, tanto de dia quanto à noite. Não têm medo de cruzar essas crateras. E podem pôr em prática seu instinto de direção apenas uma semana depois de chegar a uma nova área, escolhendo um cheiro individual e passando a segui-lo, apesar dos milhares de cheiros concomitantes, através de um terreno que é intransponível para o cavalo, o homem ou a máquina.

Stanley sorriu ao ver outra mudança repentina em Bones, que agora estava sentado quase tão alto e imóvel quanto uma estátua imperial. Stanley notou sua majestade surpreendente, o agudo senso que tinha de sua própria dignidade.

— Bones — sussurrou Stanley.

As orelhas altas e próximas se esticaram tanto que quase se tocaram, duas velas gêmeas apoiadas sobre seu crânio quadrado. Ele estalou as bochechas e piscou para Stanley, em seguida arrastou os quadris para trás, para sentar-se no pé de Stanley, aninhado encostado nas pernas do jovem.

— O cão deve querer estar com você. Se ele quiser estar com você — estava dizendo Richardson —, então ele será leal, corajoso e honrado. Não só isso: ele vai ser impulsionado como se por uma espécie de magnetismo, atravessando em meio às bombas caindo, através de furacões de fogo e de campos com tanques se deslocando, pelo seu desejo de estar com você. Se ele o amar, vai correr para casa, para você, mesmo através de nevascas de estilhaços de ferro.

— Estilhaços de ferro — Stanley respirou fundo e sussurrou para Bones. — Vamos fazer isso juntos, e mostrar a todos eles, você e eu.

O cão lançou a cabeça ao redor, viu Faraó, apertou as mandíbulas e começou a emitir um rosnado profundo, resmungando. Um pouco intimidado, o cão pastor movimentou para trás as grandes patas macias. Stanley sorriu. — Bones estava tomando conta dele, todo aquele seu enorme peso agora inclinado fortemente e defensivamente como um baluarte contra as pernas de Stanley. O garoto se preparou para suportar o peso do cão, um pouco

encantado com a pronta aceitação do dinamarquês pelo seu novo mestre, e por sua determinação em protegê-lo.

— Sim — sussurrou —, você vai ser leal, corajoso e honrado. — Ele olhou para o coronel e acrescentou, com uma lasca de raiva: — Senão, nunca chegaremos à França para procurar o Tom.

Os dias passaram depressa.

A cada dia, o toque da alvorada das 6h30 era seguido pela chamada às sete horas, e então o café da manhã. Às oito, os adestradores preparavam seus cães. Às nove horas, havia um desfile geral da unidade, dos treinadores, dos enfermeiros, dos adestradores e cuidadores dos cães, e deles, propriamente ditos, muito animados. O restante do dia era passado com exercícios de condicionamento físico e com treinamento para apurar o instinto natural de direção, com apenas uma hora livre antes da palestra à noite.

Depois de três semanas de treinamento de condicionamento físico, foi introduzido o primeiro dos treinamentos de guerra, Infantaria Disparando. Isso iria acostumar os cães aos disparos de rifles. Dois dias atrás, tinha havido apenas uma arma; ontem já tinham sido duas. Hoje haveria seis soldados de infantaria. Stanley se juntou à fileira de adestradores que estavam de pé a apenas sessenta metros de uma linha de infantaria. Os ordenanças do coronel se aproximaram para levar os cães para a outra extremidade. Ao apito que Birdie soltaria, os cães seriam liberados, a infantaria iria disparar balas de festim e os cães deveriam correr na frente da linha de tiro até chegar a seus adestradores.

O surdo ronronar de Bones foi acionado. Quanto mais próximo chegava o ordenança, mais alto ficava seu rugido. Stanley deu-lhe algumas palmadas atrás da orelha. Bones olhou para cima brevemente, apertando as mandíbulas, com o orgulho ferido antes de se virar novamente, incapaz de suprimir um grunhido final de advertência.

— Seu grandalhão bobo — disse Stanley, sorrindo. — Não seja tão desconfiado. — Os olhos redondos de Bones subiram para seu mestre, confusos, e em seguida se voltaram para o perigo que se aproximava.

— Não, Bones, não. Nós vamos caminhar através da aldeia novamente esta tarde, e vamos continuar assim por quanto tempo for preciso, até que você aprenda a não me proteger, mas a voltar para casa para mim. — Bones se apertou de novo contra Stanley, caindo em cima dos pés de seu mestre, a cabeça apoiada contra o osso do quadril, rosnados intermitentes ainda escapando. Stanley entregou a correia ao ordenança.

— Vá — ordenou Stanley.

Bones olhou para cima, perplexo. Stanley tinha certeza?, perguntavam aqueles olhos cor de avelã. Não seria uma loucura me deixar ir com outra pessoa?

— Vá.

Bones saltou de pé, bem-humorado, e galopou para longe em seu andar meio balançante, para tomar seu lugar muito além da infantaria.

Stanley desgastou a grama com a bota. Ontem Bones tinha avançado, e então recuado, procurando um caminho que chegasse a Stanley e evitasse passar pela infantaria. Quando não achou nenhum, o instinto de matilha o puxou para adiante com os outros cães, para dentro daquela tempestade de balas de festim. Bones foi voluntarioso, mas ele devia fazer o que lhe era pedido, não o que achava melhor.

Um apito soou. A infantaria irrompeu em centenas de disparos. Era difícil enxergar, através daquela fumaça e confusão, o que estava acontecendo, mas lá estava, lá estava o primeiro cão já do lado mais próximo. Stanley procurou no meio daquela enxurrada de cães em busca de seus mestres. Nada de Bones. Agora que a fumaça estava começando a se dissipar, o rapaz já podia enxergar a fileira de ordenanças por trás dos atiradores. Bones não estava entre eles,

nem em meio ao fluxo de cães requebrando a cauda em saudação a seus donos. Stanley sentiu um lampejo de irritação ao perceber que todos os cães de Doyle tinham chegado em casa. Para onde tinha ido Bones? O rapaz se virou, e Bones se arremessou para ele, sem fôlego, babando e frenético de orgulho, parecendo que ia saltar para dentro dos braços de Stanley. Bones tinha ido pelo caminho mais longo, por trás do galpão, evitando os tiros, chegando a Stanley por trás, e o jovem viu o orgulho por trás dos olhos negros brilhantes, e sua exasperação derreteu-se diante do encanto do cão, diante de sua exuberância infantil.

— Sente-se! — ordenou Stanley apenas com a mão.

Bones mastigou e lambuzou o focinho com a língua, e relutantemente se sentou, esperando por sua recompensa. Stanley manteve a mão levantada; não haveria recompensa desta vez. Bones fungou no bolso da calça do jovem, procurando uma guloseima.

— Não — disse Stanley. — Você vai voltar e fazer de novo, até acertar.

Bones foi levado para a frente de novo e de novo, mas evitava as armas toda vez. O tom de Stanley ficou mais firme. Mais uma vez Stanley sinalizou para que o ordenança viesse buscar o cão. Todos os outros homens e cães haviam terminado, deixando apenas Stanley, o ordenança, Bones e a infantaria à luz do crepúsculo que começava a descer.

— Espere! — chamou o rapaz, correndo atrás do ordenança — Eu vou com ele. Vou atravessar os tiros junto com ele, e eu mesmo vou lhe mostrar como se deve fazer.

— Tem certeza, adestrador Ryder?

Stanley preparou-se enquanto olhava para os canos sinistros e fumegantes dos fuzis, e assentiu. Ele não queria, mas ia fazer para mostrar a Bones. Eles tomaram seus lugares adiante dos atiradores. O ordenança soprou um apito e soltou a correia do cachorro.

— Venha, Bones, venha. Siga-me!

Stanley começou a correr. As balas de festim e os estampidos não iriam machucá-lo mais do que tinham machucado Bones. O rapaz ficou tenso quando as armas explodiram, mas se forçou para adiante, em meio aos lampejos vermelhos e ao barulho, com Bones galopando alegremente a seu lado.

Tinham chegado à linha e a atravessado. Quando atingiram seus lugares, Stanley levantou a mão, segurando um pouco de fígado picado, e disse:

— Bom menino, muito bem. Agora vá, Bones, desta vez sozinho. Do jeito que eu lhe mostrei.

— É a última vez, hein? — gritou o oficial da infantaria, inspecionando seu relógio, enquanto o ordenança recolhia o cachorro, que logo tomou seu lugar. Stanley manteve os olhos sobre ele, torcendo para que o cão fizesse o que lhe fora pedido.

— Venha, Bones, venha! — sussurrou quando o apito soou e Bones foi solto.

Bones fez uma pausa, a pata dianteira erguida e hesitante, a cabeça expressiva moldada por uma atitude excepcionalmente pensativa. Bones, pensou Stanley sorrindo, não era um cão muito dado à reflexão. Ele estava galopando para a frente agora, não tremendo passo a passo como os outros cães tinham feito diante das armas, mas com uma impetuosa e brincalhona indiferença.

Naquela noite, o coronel procurou Stanley na cantina e lhe disse que ele deveria continuar por mais uma semana no treinamento de tiro, enquanto os outros homens avançariam para o treinamento com armas mais pesadas. Bones deveria ter muito claro, disse o coronel, o que se esperava dele. Depois de tudo o que tinham passado naquele dia, Stanley rangeu os dentes.

— Sim, senhor — disse ele, o mais corajosamente que conseguiu.

Ele não seria derrotado e faria o que fosse preciso para que isso não acontecesse. A frustração pessoal do rapaz estava sendo ecoada no estado de espírito vigente no país. Aquele Ano-Novo tinha trazido novas profundezas de escuridão e desespero. Os hunos^[1] tinham

voltado com toda a força depois da Batalha de Cambrai com um bote de tigre, e agora aqueles sinos batendo nas igrejas pareciam ter sido uma tolice prematura.

Dia após dia Stanley e o cão seguiram dessa forma até que o coronel sinalizou, com um aceno de cabeça forçado e silencioso, para que os dois fossem levados ao treinamento com armas pesadas. Bones estava acostumado com o distante trovejar dos canhões, mas hoje ele ficaria a não menos do que quatro metros deles, e deveria permanecer calmo e imóvel enquanto martelassem.

Stanley ficou esperando com Bones, os bolsos cheios de fígado picado, pronto para distrair o cão se ele se assustasse com os estrondos. Bones estava alerta, as orelhas pontudas apontadas para o alto. O rapaz olhou nervosamente para os canhões de dezoito libras de calibre. A um sinal, os artilheiros fizeram explodir as bocarras, e Stanley ergueu as mãos aos ouvidos, contra o rugido ensurdecedor. Bones lançou toda a sua massa sobre Stanley, como se quisesse saltar em seus braços. Menino e cão caíram juntos, emaranhados na grama úmida, Bones tentando enterrar-se debaixo de Stanley, o solo sob eles chacoalhando, mas agora Bones estava fungando no fígado escondido no bolso do rapaz. Stanley riu desesperadamente, desembaraçando-se do cachorro e se sentando. Bones deixou escapar um grunhido distraído na direção das armas, em seguida foi cheirar novamente nos bolsos de Stanley.

— É um grandão bobo, mesmo — disse o rapaz. — Senta! — Bones sentou-se, rosnando esporadicamente para os canhões, torrentes de saliva balançando avidamente de suas bochechas. Stanley lhe atirou um pedaço de fígado. — Bom menino — continuou sussurrando.

Aquela tormenta de ferir os ouvidos continuou incessantemente. E somente Bones, em meio aos animais irritados e nervosos, ficou sentado firme, a cabeça erguida, altamente consciente de sua majestade e sonhando com os bocados de fígado cru.

Depois de mais uma semana, Stanley e Bones foram para o treinamento de bombas. Enquanto eles se juntavam ao círculo de homens e cães em torno de um poço profundo, Richardson se dirigiu aos adestradores.

— Este é o terceiro exercício, em preparação para a Terra de Ninguém, e foi projetado para acostumar os cães aos morteiros. Quando eu soar o apito na primeira vez, os ordenanças vão jogar carne crua no poço. No segundo apito, eles vão lançar morteiros simulados em torno da área. Ao terceiro soar do apito, vocês devem soltar seus cães. Esse treinamento será muito gradual. Não falem com aspereza com eles. Se um dos cães falhar, levem-no de volta para cima para tentar novamente, e, se ele tiver sucesso, se ele comer a carne do poço, deem-lhe uma recompensa.

Stanley olhou com receio para as granadas de aparência cruel que os ordenanças estavam dispendo ao redor. Depois olhou para Bones, sentado imóvel como se fosse uma estátua. Ao lado de Bones estavam Trigger Doyle e seus cachorros, mantendo uma postura respeitosa a Bones, assim como todos os demais. Stanley gostava de Trigger, gostava da maneira como ele aceitava todos do jeito que fossem, não se importando com o fato de que Stanley não falava muito. Trigger disse que trabalhava como caçador, mas Stanley não tinha certeza, achando que havia algo meio irregular, talvez, na moral do homem. Ele devia mais ser um caçador ilegal, isso sim, pensou Stanley consigo mesmo. Ainda assim, ele gostava de Trigger.

Um assobio veio do apito, e a carne de cavalo foi jogada no poço. De repente, todos os cães do círculo, embora ainda acomodados nas patas traseiras, começaram a ficar inquietos. O enorme focinho de Bones tremeu, mas ele permaneceu sentado, aguardando o comando de Stanley. Poucos minutos se passaram e ele começou a perder o autocontrole, meio se levantando e girando, meio se sentando. Ele olhou para Stanley, inclinando a cabeça para ele de forma reprovadora e dando outra volta, ainda agachado, a saliva brilhando ao sol e rodopiando para fora da boca como as correias de um carrossel. Era preciso que Stanley usasse de toda a sua força para segurá-lo. Trigger olhava para Stanley, rindo, mas Stanley

achava que Trigger talvez estivesse com um pouquinho de ciúme do majestoso Bones.

— Senta, Bones!

Richardson estava falando.

— Os cães mais velhos vão fazer o treinamento e vocês vão ver novamente o instinto de matilha em ação. Seus cães vão preferir enfrentar o desconhecido (neste caso, as granadas) deixar outros cães roubarem toda a carne. — Ele sorriu, pôs o apito na boca e soprou.

Os ordenanças, em pé entre os adestradores e o poço, acenderam as mechas e atiraram as granadas.

— Vá em frente — sussurrou Stanley para seu cão, soltando a coleira.

As mechas não levaram mais do que cinco segundos para queimar, e logo veio o barulho ensurdecido, sem fumaça, sem clarões, apenas o barulho. Bones estava a meio caminho do poço quando deu uma volta repentina e retornou. Stanley levantou a mão para detê-lo.

As orelhas do cão estavam de pé, o rabo levantado como um sabre, sua pelagem eriçada no pescoço. Os cães mais experientes já tinham passado pelas bombas e se arremessado para dentro do poço, atirando-se vorazmente sobre a carne, assim como alguns dos cães novatos. O lebréu escocês de Trigger, Gypsy, estava lá dentro, e outros o seguiam mais cautelosamente.

Bones rosnou novamente na direção das explosões, colocando-se firmemente entre seu mestre e as bombas.

— Elas não vão me machucar. Não se preocupe comigo. Vá em frente, Bones, vá em frente...

Bones hesitou, depois começou a avançar com suas patas felinas, sua passada elástica logo se transformando em uma corrida, saltando como o galope de um cavalo puro-sangue. O cão era

destemido, e era justamente o seu instinto de guarda que representava o maior desafio para ele.

Naquela tarde, Stanley limpou o canil enquanto Bones esperava do lado de fora, musculoso como um campeão de boxe, orgulhoso como um pavão, inspecionando seu campo. Todo mundo tinha três canis para limpar, enquanto Stanley só tinha um. Trigger dizia alegremente que logo apareceriam mais cães para Stanley, mas o amigo realmente não tinha certeza se isso era verdade.

Stanley olhou para Bones e se perguntou que tipo de linhagem teria produzido aquele espécime. Será que Da teria razão, apesar de tudo, em valorizar os puros-sangues acima de tudo? De repente, o rapaz sentiu-se culpado por ter pensado tão pouco em Soldier depois que recebera Bones para cuidar. Agora, aquelas imagens voltavam correndo... Soldier brincando no estábulo de Trumpet, os olhos escuros e a pelagem cor de aveia. Inundado por uma raiva furiosa, Stanley jurou que jamais perdoaria o que Da tinha feito.

Macy, o enfermeiro-chefe, estava cumprindo seu turno da noite, inspecionando a condição de cada cão. Bones se ergueu, rosnando, as orelhas apontadas para o alto.

— Shhh. É só o Macy que veio examinar você.

Antes de Macy começar a inspeção, Stanley fazia a pergunta que tanto lhe importava.

— O c-coronel vai me dar outro cão, Macy? Ele não vai me enviar para a França com apenas um cão, vai?

Macy hesitou, suspirou e interrompeu o exame de pata de Bones.

— Se a Rússia e a Alemanha assinarem um tratado de paz, adestrador Ripley, nós ficaremos em número bem menor... Todas aquelas tropas da Frente Oriental ficarão liberadas para nos atacar... Não haverá lugar para...

— Eu tenho que ir, Macy. Eu tenho que ir! — O tom desesperado em sua própria voz fez com que Stanley parasse de falar, e isso obrigou Macy a olhar para cima bruscamente.

— O coronel deve ter suas próprias razões para não querer que você vá para a França, Ryder.

Bones estava meio rosnando, meio ronronando, perdendo a batalha pelo autocontrole, a cauda pronta para abanar, mas os pelos do pescoço eriçados também. Ali, atrás de Macy, estava o coronel.

Stanley levantou-se e encarou o coronel. Os dois tinham a mesma altura, e Stanley olhou o homem nos olhos.

— Eu quero mais dois cães, senhor.

O coronel fez uma pausa, surpreso com a raiva contida em Stanley. Quando respondeu, foi com sua própria raiva:

— Estamos sem efetivo, Ryder. Agora que os oficiais viram os animais em ação e sabem que podem salvar a vida dos mensageiros humanos — os olhos azuis do coronel brilharam —, agora os oficiais estão clamando pelos meus cães. Mas é tarde demais; não tenho como conseguir mais. Estive esperando por semanas... E nada. Publiquei convocações nos jornais, fiz anúncios via telégrafo. Foram entregues doze mil cães, mas só restaram uns poucos... Muitos foram abatidos, abandonados...

Stanley estava pensando no discurso de Da sobre cães sendo baleados.

— Eu publiquei um novo anúncio — O coronel entregou um recorte de jornal a Stanley, que estava em seu bolso. — Estamos fazendo tudo o que podemos...

Uma fotografia de Richardson encimava a notícia:

O DEPARTAMENTO DE GUERRA SOLICITA MAIS UMA DOAÇÃO DE CÃES PARA FINS MILITARES

Nossas mulheres têm entregado seus maridos, seus filhos, seus pais, seus irmãos — e, agora, seus cães. Doze mil cães já foram entregues até agora, uma resposta impressionante. Mas ainda são necessários

mais. Já foram feitas várias convocações pelo telégrafo e pelos jornais para que a população doe seus cães. Já requisitamos os cães dos canis de Leeds e Battersea...

Stanley olhou para cima, impaciente, devolvendo o recorte.

— O s-senhor vai me enviar p-para a F-França com apenas um cachorro?

O coronel ficou em silêncio por um momento. Quando respondeu, foi com mais tristeza do que raiva.

— Não, Ryder. Com apenas um cão eu não vou, se puder evitar, mandá-lo para a França. Se eu fizer isso, posso garantir que será contra a minha vontade. Estou sofrendo pressões para providenciar mais seis partidas de cachorros no final da próxima semana, mas... Bem, por mais que estejamos com escassez de soldados, não consigo enxergar que seja direito enviar rapazes tão novos.

— Eu posso fazer o trabalho, senhor. Eu posso fazê-lo tão bem quanto qualquer homem.

O coronel estava assentindo com a cabeça quando se ajoelhou.

— Sim — respondeu ele, em voz baixa. — Sim, eu sei que você pode — e se aproximou para acariciar Bones. — Meu filho amava os cães. Ele também era um bom rapaz... Eles me disseram, depois, que ele era fora de série. Quando perdeu seus companheiros, ainda assim seguiu em frente. Quando estava voltando com prisioneiros, foi atingido pelas próprias granadas... E caiu morto bem ali, me disseram.

Stanley foi derrotado, silenciado pela tristeza derramada tão cruamente pelo coronel.

— Ele também era muito jovem, Stanley.

QUINTA-FEIRA, 7 DE MARÇO DE 1918

Shoeburyness, Essex



Mais uma vez Stanley andava para cima e para baixo na Shoeburyness High Street. Durante duas horas, todas as tardes e por quatro semanas, ele fizera isso enquanto os outros homens descansavam ou nadavam no estuário. Mas qual o sentido de ficar fazendo isso quando se poderia ficar preso nesse lugar para sempre? O coronel está me protegendo, ele pensou, mas eu só tenho um irmão, e esse meu irmão está na França; na França é onde eu deveria estar agora.

Ainda assim, era bom andar no sol com Bones, e eles tinham conseguido realizar um progresso constante. Bones raramente demonstrava agora qualquer reação agressiva ou desconfiada, e até aquele momento não tinha rosnado nem uma só vez.

Os pensamentos de Stanley se viraram para Thornley. Será que alguém tinha se preocupado em saber onde ele estava? O que a Senhorita Bird fizera quando ele começara a faltar à escola? Com quem Joe jogava cartas agora? Stanley suspirou. Será que Da não fizera nada quando vira que ele tinha ido embora? Será que ele nem se importara?

Não chegou mais nenhum cachorro, apesar dos pedidos do coronel. Se mais cães tivessem chegado, Stanley teria que passar outras seis semanas treinando os novatos, mas pelo menos saberia com certeza que seria enviado à França. Faltavam quatro dias até que o próximo lote de adestradores e de cães mensageiros fosse enviado a Folkestone. Haveria um teste final ligado ao instinto de direção do animal no dia seguinte, depois do qual o coronel

anunciaria aqueles que tinham sido selecionados. Bones participaria desse teste, mas para quê? Stanley suspirou e parou em frente a uma banca de jornal que exibia a manchete do *Daily Express*, em busca de algo que pudesse distraí-lo desses pensamentos.

As negociações de paz em entre a Alemanha e a Rússia foram finalmente concluídas. A Alemanha teria mais homens, mais dinheiro, mais munição do que jamais tivera antes. Onde estaria Tom? O que isso significaria para ele?

Naquela noite, Stanley ficou acordado na cama. Em torno dele, todos aqueles homens aos quais tinham sido destinados três cães estavam adormecidos. A chuva ricocheteava no telhado de chapas de zinco como o som de uma metralhadora despejando balas.

Ouvindo o barulho da chuva, Stanley caiu em um sono entrecortado. Nele, a água escorria do telhado de zinco e se juntava em poças escuras no chão. As poças aumentaram e se uniram e começaram a subir e encher o dormitório. A água estava subindo até Stanley e cobrindo seu corpo. Ele não podia falar, e não conseguia respirar, porque a água estava entrando pela garganta e ele estava se afogando, enquanto acima dele dançavam fragmentos de palha dourada. Ele estendeu a mão para cima através daquela água escura, mas seus dedos pegaram apenas fiapos do saco de juta.

Na manhã seguinte, os adestradores estavam no caminhão de carga, prontos para ouvir as ordens do coronel:

— Vocês ouviram isso? — perguntou alguém.

O eco assustador de tiros de canhão vagava à deriva com o vento através do estreito braço de mar da Frente Ocidental.

— Não consigo mais esperar; você consegue? Pela cavalaria, pelo som dos tambores... — disse Trigger Doyle.

Stanley encarou Trigger horrorizado. Ele nunca tinha desejado a guerra, não gostava de pensar em ver um homem matando outro. Para Stanley, a França era nada mais do que a terra onde Tom estava e Da não estava.

Trigger ficou olhando para Stanley em expectativa.

— Você não é mesmo chegado a uma conversa, hein, Stanley Ryder? — Ele não esperou por uma resposta e deu de ombros. — Mas tudo bem. Nós vamos ficar juntos, você e eu, e pode deixar que eu falo por nós dois.

Trigger talvez visse isso como sua tarefa, animar Stanley, e nunca parecia se importar com o fato de que o rapaz não falava muito.

Bones tinha ido muito bem nas provas para avaliar seu senso de direção, rápido e com resistência de ferro. Em cada tarde dessas últimas semanas os cães foram levados pelos ordenanças do coronel a locais distantes de seus adestradores e tinham que encontrar o caminho de volta sozinhos, em um terreno que não conheciam. No começo, foram levados a pé, depois de caminhão. Mas desta vez seriam levados em uma caixa fechada puxada pelo veículo. Quando chegassem ao seu destino, os ordenanças descarregariam os animais, colocariam uma mensagem dentro dos cilindros, mostrando o horário do evento, e liberariam os cães.

O coronel começou a falar.

— A chegada em segurança de uma mensagem que tenha sido enviada da retaguarda para a linha de frente, ou da linha de frente para a retaguarda, pode representar o sucesso ou o fracasso de uma ofensiva. As linhas de telefone podem ser facilmente rompidas. A comunicação sem fio pode ser sintonizada. Mas um cão, ao contrário de um pombo, pode trabalhar à noite, na névoa, na chuva, pode nadar através de um rio, de um canal ou de uma cratera de bomba alagada. Usar um cão como mensageiro pode evitar a morte trágica e desnecessária de um corredor humano. É por isso que a capacidade instintiva de direcionamento dos cães tem estado no centro de toda a nossa formação aqui, e hoje vamos ver quais são os cães que estão prontos para esse dever vital e perigoso.

Os cães foram levados embora. Os adestradores se encaminharam para seus postos designados. A luz do dia mudava de minuto a minuto enquanto nuvens se moviam rapidamente pelo céu escurecido. Stanley abotoou o casaco no pescoço, pisoteou o chão

com esforço e soprou em suas mãos, observando o horizonte e uma torre de igreja distante. Ele podia ver toda a terra arável entre esse estuário e o próximo. Bones estaria a pouco mais de doze quilômetros agora, bem embaixo da torre da igreja. Exatamente às três horas ele seria libertado. O pessoal do canil foi espalhado ao longo do percurso, pronto para avaliar, de cada cão, o autocontrole, a capacidade de evitar as tentações, de avançar em meio ao tráfego. O próprio coronel estaria assistindo de uma espécie de esconderijo nas salinas, para poder enxergar o máximo possível do percurso.

Stanley olhou para o relógio. Três e dez. Eles chegariam a qualquer momento, os mais rápidos primeiro, depois os mais lentos.

Mesmo quando Bones tinha sido levado bem longe, tendo que atravessar portões altos, cruzar diques largos, arames farpados densos, ele ainda tinha conseguido voltar, não tomando o mesmo caminho pelo qual tinha sido levado até mais longe, mas por um caminho mais curto. Sim, Bones era bom em seguir seus instintos e voltar para casa, mas esse teste de agora incluiria o treinamento de tiro, aquela prova que ele tinha achado tão difícil. Ainda assim, disse Stanley a si mesmo, não fazia diferença, na verdade, se Bones se saísse bem ou não.

Os minutos se passaram. Stanley esfregava ansiosamente as grandes folhas achatadas do mato embaixo de suas botas. Lá, e quase sob sua bota esquerda, estava a cabeça manchada de uma mariposa castanha. Essa era a primeira de sua espécie nesse ano. Stanley acenou para Trigger, que também apreciava mariposas. Essas mariposas não gostavam do frio, e agora o clima estava um pouco mais quente. As aveleiras, pensou Stanley, deviam estar floridas agora em Thornley.

Olhando através de seus binóculos, Stanley via os primeiros cães se derramando como ondas na arrebentação, passando pelo portão apertado da linha férrea. Em outra onda, com a respiração presa como se fosse o dia do Derby e tivessem apostado suas camisas, os adestradores largaram o cigarro, pararam de conversar e pressionaram os binóculos nos olhos. Os cães estavam escalando o

barranco do curso d'água que corria deste lado do vilarejo. Havia um cão lá longe agora, do outro lado do campo mais próximo; era Bones, seu tamanho tão fácil de distinguir, lançando-se na água. Stanley o observou desaparecendo na correnteza, subindo à superfície, cuspindo, a cabeça pouco acima da água, as pernas musculosas se movimentando e criando espuma.

Lá estava ele, o primeiro a alcançar a margem mais próxima do pequeno bosque de olmos, calmo e majestoso, galopando facilmente em direção aos arames farpados que se estendiam mais adiante, 1,5 metro de altura e cerca de trinta centímetros separados um do outro, através da entrada do campo. Os dois maiores cães, Bones e Gypsy, de Trigger, estavam correndo para os rolos de arame farpado lado a lado. — Não!, Bones estava um nariz na frente, o suficiente para fazer um homem explodir de orgulho — e agora passando pelo arame farpado em um fluxo rápido e suave. Stanley sentiu uma onda de alegria enquanto a matilha de cães, de todas as formas e tamanhos, raças e cores, idades e habilidades, corria para o portão do campo, agora diretamente para os obstáculos, os focinhos levantados como perdigueiros depois de uma caçada. Bones saltou o primeiro obstáculo, depois o seguinte, e então o próximo, sempre saltando mais alto e com mais facilidade.

As chamas subiam dos fardos colocados por Birdie, dançando em torno das bordas. A fumaça espessa rolava para fora. Estava muito difícil enxergar alguma coisa, mas lá na frente da matilha estava Bones... Parado, a cabeça inclinada de indignação com aquela fumaça... E agora voando diretamente para o nevoeiro, aparecendo — uma faixa marrom dourado — deste lado. Ele era tão rápido, flutuando, navegando, voando, quatro patas fora do solo, no chão, no ar, o alcance impressionante de suas patas dianteiras atingindo o solo tão à frente da ponta de seu focinho.

Os cães tinham agora alcançado a borda do pântano, e o pior estava por vir. Lá no pântano, escondida pelos juncos e pelo matagal, estava a emboscada, a linha de fogo da infantaria com seus rifles e os homens do canil com seus morteiros. Bones e Gypsy estavam de novo empatados, nariz com nariz. Não, agora Bones

estava à frente, mais feroz em seu desejo de voltar para casa. Trigger estava descomposto, agitando o boné, o cabelo preto voando no ar, o rosto vermelho de tanto gritar. As armas explodiram em uma devastadora tempestade de fogo e barulho. Faíscas voaram, grossos rolos de fumaça preta e cinza rolaram para o alto. Vapores acres se dispersaram na brisa. Será que Bones conseguiria? Será que ele passaria direto em meio a essa tempestade de tiros de festim?

Lá estava ele — tinha parado instantaneamente em meio ao seu galope assim que as armas começaram a abrir fogo. O restante da matilha passou como se fosse uma correnteza espumosa. Mas ainda assim Bones hesitava, com aquela atitude familiar de estar considerando as opções.

— Não, Bones, passe direto. Continue em frente, Bones, continue em frente.

Bones virou meio corpo para fugir das armas. Trigger estava pulando no lugar, os braços agitados, a vitória ao seu alcance. Stanley mordeu os lábios e arfou:

— Vem, Bones, vem. Direto para mim. Vem direto.

Bones deu um passo adiante e parou. Deu mais um passo e parou.

— Vem, Bones, vem.

Bones raspou o solo com a pata. Levantou a cabeça para as armas e latiu, então avançou para a frente em mais alguns passos leves, mais como um cavalo puro-sangue se exibindo num picadeiro do que como um cão. Ele se recompôs, com certeza agora muito próximo das armas, baixou a cabeça, levantou a cauda e se moveu em uma corrida de passadas largas e rápidas.

— Vem, Bones, vem, rapaz.

O cão desapareceu de vista.

— Vem, rapaz, vem!

Onde estava ele? Os olhos de Stanley doíam com o esforço de tentar ver alguma coisa.

Lá estava! Ele tinha conseguido — tinha conseguido passar por toda a linha de tiro, estava ganhando velocidade, alcançando os cães mais à frente, correndo com todas as fibras do seu corpo, as mandíbulas firmes, as pernas convergindo, uma marcha firme que era a própria imagem do propósito e da intenção, perto da dianteira agora, uma enxurrada de cães ficando para trás em sua esteira. Trigger foi pego meio fora de equilíbrio enquanto Gypsy se atirava para seu mestre em uma frenética confusão de cauda, pernas e língua. Bones saltou para a frente, e Stanley estava de joelhos, a cabeça contra o corpo aveludado cheio de listras, o braço rodeando o pescoço musculoso.

— Bom menino — Stanley sussurrou.

Bones se soltou, sacudiu-se, espalhando gotinhas de água iluminadas pela luz do sol como se fossem confetes de diamante, e então, como se se lembrasse de seu dever, sentou-se de uma maneira meio desarrumada, as pernas traseiras espalhadas de forma estranha, levantando o flanco. Sem fôlego e ofegante, ele levantou a cabeça, mostrando o cilindro que deveria ser aberto.

— Bom menino — disse Stanley, explodindo de orgulho por esse animal feroz e gracioso, por esse animal que era mais leal do que alguém poderia imaginar.

— Adestrador Ryder.

A voz do coronel fez Stanley pular e ficar de pé. O coronel estava sorrindo ao se dirigir ao rapaz, mas era difícil ouvir suas palavras acima daquela babel de latidos de cães.

— Ele conseguiu encontrar o seu caminho porque queria estar com você. Você conquistou seus instintos naturais e o guiou de volta para casa.

Tomado por súbita e violenta indignação, por Bones ter chegado tão longe a troco de nada, Stanley deu um passo adiante, apenas para ser interceptado pelo coronel.

— Eu nunca pretendi enviá-lo para a frente de batalha, Ryder, nunca achei que você deveria ir para a França... Nunca consegui me convencer a fazer isso... Mas não tenho escolha. Vocês são necessários, seu cão é necessário. Mesmo com apenas um cão, você tem que ir.

Stanley caiu de joelhos, seu rosto diante do gigantesco focinho de Bones.

— Bones — sussurrou. — Bones, você está ouvindo?

O coronel sacudiu a cabeça tristemente, com carinho, enquanto observava.

— Você se saiu bem, Ryder. Muito bem. Bones assumiu sua coragem, seu senso de honra como sendo dele próprio. Ele sempre será verdadeiro, leal e corajoso; até a última batida do seu coração ele dará — e disso não tenho dúvida — a própria vida por você. — O coronel ponderou, examinando Stanley. — Seja o que for que esteja esperando por vocês dois, lembre-se de que para Bones você é toda a vida dele.

Com um assentir suave e paternal da cabeça, o coronel se virou e foi embora.

9 DE MARÇO DE 1918

Folkestone



Em Folkestone, os adestradores tomaram um caminho estreito para baixo, descendo as falésias. Abaixo deles, no mar, descansava um navio-hospital pintado de branco, ao lado dele um vapor pintado de cinza e, atrás dos dois, um destroyer e sua escolta. Stanley olhou para o vapor ancorado. Seria esse o seu navio, pronto para cruzar o Canal da Mancha rapidamente. Uma vez a bordo, pensou, enquanto esperava que um grupo de soldados embarcasse, não haveria como voltar atrás. Com um choque, Stanley viu os rostos magros e cansados dos soldados e seus uniformes largos sobrando no corpo, enquanto ouvia seu tagarelar.

— Novinho e brilhante, mas não por muito tempo.

— Apenas garotos... Os hunos vão passar por esse grupo como faca quente na manteiga.

Stanley colocou uma mão reconfortante sobre a cabeça de Bones enquanto outro soldado ria:

— Cães nesta semana; na próxima vão enviar as mulheres...

Stanley olhou para o seu próprio casaco, abotoado até o alto do pescoço, para suas botas e pernas imaculadas, para a braçadeira azul e branca presa ao cotovelo, as bandeiras cruzadas na abotoadura. Os homens em pele e osso se arrastaram para fora do navio. Será que todos os soldados que voltavam do front se pareciam com eles? Stanley mordeu o lábio enquanto assistia à procissão, começando a imaginar pela primeira vez o que estava por vir para ele e seu cão.

Eles embarcaram no *SS Victoria* e Stanley se espremeu nos últimos centímetros quadrados restantes no convés. Bones inclinou-se pesadamente do lado esquerdo de Stanley. Como uma criança grande, Bones sempre se sentava o mais próximo possível de Stanley, de preferência parcialmente em cima dele, os ossos de sua mandíbula descansando confortavelmente no braço do rapaz.

Stanley observava os holofotes iluminando a costa inglesa enquanto o *SS Victoria* o levava para longe de tudo que ele já tinha conhecido, cruzando o mar pela primeira vez na vida em direção ao desconhecido. Os torpedeiros que flanqueavam os dois lados do *Victoria* estavam lá para protegê-lo do inimigo invisível, os submarinos alemães, que poderiam estar perseguindo o vapor sob as águas negras. Em algum lugar além da costa atrás de Stanley estava Thornley, em algum lugar por lá estaria Da sentado em sua cadeira vermelha, Da com Rocket a seus pés. Stanley não sentiu saudade, mas perda. Apesar de tudo o que tinha acontecido, se pudesse, ele poderia ter-se atirado naquele mesmo segundo naquelas águas traiçoeiras, nadaria até em casa e faria uma última tentativa de resgatar aquele pai que havia perdido.

Ele estremeceu e puxou a gola do casaco para mais próximo ao redor do pescoço, olhando para a água negra. Crescentes redemoinhos de ansiedade pelo que viria rolaram lado a lado com a tristeza de Stanley pelo que deixara para trás, até que ele caiu, finalmente, em um sono agitado.

Pouco antes do amanhecer, o *SS Victoria* lançou âncora em Le Havre. Os homens desembarcaram no escuro e debaixo da garoa, em meio aos gritos e xingamentos dos oficiais. Stanley e Bones tomaram seu lugar na fila de homens que abriam caminho contornando enormes pilhas de material militar, mulas e caixas de munição que lotavam o cais.

Além do cais, em um espaço aberto iluminado com lanternas, guias e sargentos gritavam os nomes de diferentes regimentos: "Loyal North Lancs à direita!", "King's Liverpool à esquerda!". A unidade de Stanley se misturou com os Royal Engineers. Ele e

Triggers tinham ordens de se apresentar ao quartel-general do Canil Central assim que chegassem a Etaples. Vendedores ambulantes circulavam enquanto os soldados esperavam, apregoando doces e cigarros.

Ao amanhecer, uma tropa de feridos passou, indo para o cais. Todos eles se pareciam àquela meia-luz, rostos acinzentados, cobertos de lama. Nas profundezas de seus olhos arregalados, Stanley captou algo dos horrores que eles tinham visto. Lembrou-se da frase no cartão de Tom — “o mundo nunca mais será o mesmo para aqueles de nós que vieram para cá”. Não, Stanley pensou, desafiadoramente, não será: o mundo nunca mais será o mesmo para mim, de qualquer maneira, não só por causa do que está por vir, mas por causa do que deixei para trás. Por causa do que Da fez, nada nunca mais será o mesmo.

No entanto, enquanto a tropa de homens feridos desaparecia ao longe, o desafio de Stanley diminuiu à medida que ele começou a perceber que nunca tinha pensado na guerra assim tão próxima. Ele não tinha vindo para a França em busca de honra ou glória, por amor à Inglaterra, por ódio pela Alemanha, mas só para estar de novo com Tom.

Stanley e Bones foram amontoados no canto de um vagão de transporte de gado, escuro como breu, rotulado em grandes letras pretas “8 CHEVAUX ou 40 HOMMES”. O trem chiava enquanto avançava a ritmo lento. Quando ele fez mais uma das suas intermináveis, inexplicáveis paradas, as portas se abriram para admitir mais homens. Stanley ia comer alguma coisa agora, enquanto ainda havia alguma luz para enxergar. Ele abriu sua ração. O vermelho-sangue de sua carne enlatada o chocou e o deixou desconcertado. Sua fome evaporou. As portas do vagão se fecharam e bateram e o rapaz ficou sentado no escuro de novo, tranquilizado pelo sólido corpanzil de Bones, pelo cheiro do cão, por seu calor e pelo jeito fácil e confortável como ele se movia.

Os pensamentos de Stanley se voltaram de novo para Tom e, de forma mais prática agora, para como ele poderia encontrá-lo. Tom

ficaria muito surpreso ao ver o irmão mais novo aqui na França, de uniforme, um adestrador com um belo cão e um trabalho vital a ser feito.

O trem chacoalhou seguindo em frente, e, à medida que a realidade da guerra começou a invadir Stanley, ele começou a aceitar que talvez não fosse lutar lado a lado com Tom, que eles dois poderiam ficar separados, a quilômetros um do outro. Tom servia no East Lancashire, mas em que regimento? Stanley nunca tinha perguntado e agora deveria descobrir sozinho, mas, sem chamar a atenção para si, não deveria se parecer com um jovem que tentava encontrar o irmão mais velho.

— Atenção! Esquerda-direita, esquerda-direita.

A marcha de acordo com o regulamento devia ser de quatro quilômetros em uma hora. As dúvidas de Stanley acerca de como poderia localizar Tom só cresceram enquanto eles seguiam em frente sobre o branco deslumbrante da areia para o que parecia ser uma cidade de tendas e barracas. O jovem olhou horrorizado para aquele vasto e terrível acampamento, enojado com o espesso fedor de comida velha. Eles passaram em frente a barracas, barracas e mais barracas.

Quando alcançaram o quartel-general do Canil Central, Bones foi levado por um ordenança a uma área fechada, com uma fileira de canis. Sentindo-se desolado, Stanley seguiu seu caminho, entorpecido pela exaustão, para a barraca à qual ele e mais quinze homens tinham sido designados.

Pouco antes de adormecer naquela noite, ele ouviu o som de disparos de fuzil, e Doyle sussurrou com conhecimento de causa:

— Fuzis. Você sempre os ouve quando o vento sopra do leste.

— Quantos homens estão aqui em Etaples?

— Dez mil, ouvi dizer, e aumentando dia a dia. Eles estão empilhando a gente aqui. Os hunos devem aprontar alguma coisa, e Haig está se preparando.

O orgulho e a emoção de Trigger estavam em completo desacordo com as apreensões de Stanley.

Dez mil. Como ele iria encontrar Tom? Havia uma coisa chamada Cross Post, lembrou-se ele, que era um serviço de correio operado pelo Exército. Será que esse Cross Post era censurado? Stanley suspeitou que sim, que devia ser. Quando Tom respondesse a Stanley, certamente diria que seu irmão mais novo era muito jovem e deveria ir para casa. Assim, quando essa carta fosse lida pelos censores, os oficiais seriam alertados e enviariam o jovem de volta.

Por isso, cada instinto de sobrevivência o fez afastar-se de todos os canais oficiais. Stanley poderia perguntar a Trigger sobre o que Trigger fazia numa situação parecida, mas de fato desconfiava do julgamento do colega. Se fosse mandado embora de volta, não teria para onde ir, e seria obrigado a abandonar Bones, já que o cão era de propriedade do Exército.

Não, escrever a Tom usando o serviço postal do Exército seria perigoso demais. Tom iria garantir de todas as formas que seu irmão caçula fosse enviado para casa. Stanley teria que descobrir onde estava a unidade de Tom e então, somente quando estivesse cara a cara com o irmão, ele explicaria tudo.

Etaples era mais brutal do que Chatham, mais brutal do que qualquer coisa que Stanley já tinha conhecido. Tudo tinha que ser feito em dobro, todos gritavam o tempo todo. Depois de apenas uma semana, ele já estava tenso e cansado, enervado pelo barulho constante e pela poeira.

Ele estava alinhado em ordem alfabética junto com os demais em frente ao sargento para receber seu soldo. Era meio cansativo ser um "R", porque poderia levar até uma hora até que o sargento chegasse até você.

Os pensamentos de Stanley estavam voltados para descobrir uma forma de encontrar Tom quando Rigby, o "R" na fila antes dele, sussurrou:

— Os caras estão dizendo que temos sorte de que as coisas estão tranquilas por aqui até agora, mas que isso deve mudar. Essa tranquilidade só quer dizer que Ludendorff está preparando alguma coisa, e enquanto isso está ocupado com o reabastecimento de suas tropas... Colocando seis novas divisões na frente de Amiens.

Todo mundo sabia que o general alemão, Ludendorff, teria que transportar seus grandes canhões até mais perto da cidade de Amiens. Ludendorff tinha que tomar Amiens antes que pudesse atacar Paris. Nada disso realmente importava para Stanley, de forma que ele sorriu de volta para Rigby. Tom importava e Bones importava, então ele ficou meio ouvindo o outro falar, meio pensando no que iria comprar com seu pagamento. Ele e Trigger poderiam ir nesta noite à barraca da ACM e comprar chocolate e latas de damascos, e depois correr com seus cães para a casa de fazenda onde sabiam que eram vendidas baguetes quentinhas e macias por dentro, crocantes por fora.

Stanley se aproximou da mesa, fez continência e estendeu a mão esquerda. Etaples estava cheio de regras bobas — e uma delas dizia que você tinha que usar a mão esquerda para receber o soldo.

Ele e Trigger abriram caminho até a barraca da ACM em meio a tendas, veículos e multidões de moradores dos vilarejos que surgiam aos domingos. Crianças francesas puxavam as mangas de seus casacos, importunando-os, vendendo dicionários, hortelã e uvas. Eles deram a volta em um caminhão de carga, por trás do qual estava um padre ajoelhado em frente a uma caixa. Filas de homens estavam ajoelhados no chão entre os caixotes de munição, que serviam como bancos. Eles estariam prestes a ser enviados à linha de frente. Todos os homens comungavam antes de entrar em combate.

Stanley avistou as botas do sacerdote. Projetadas para fora da base de sua batina, as botas mostravam esporas brilhantes. Ele era um cavaleiro. Uma ideia ocorreu ao jovem: ele poderia perguntar ao padre.

Trigger estava rindo:

— Esses caras vão ficar nervosos, ou mais nervosos, se já estiverem, depois de receber a comunhão.

Um padre seria discreto; Stanley estaria seguro com ele. Um soldado na parte de trás da congregação, vendo os dois jovens vagando por ali e achando que eles queriam rezar, levantou-se e entregou a Stanley um folheto. O padre Bill Loveday, ele disse, estava rezando a missa.

— Obrigado — disse Stanley. — Não espere por mim — avisou a Trigger.

Ele ia esperar até que a comunhão tivesse acabado, e então se aproximaria do Bill Loveday das esporas brilhantes. Foi porque ele era tanto um sacerdote quanto um cavaleiro que Stanley se sentiu à vontade para lhe perguntar como encontrar Tom.

— Faça o que achar melhor — respondeu Trigger.

Stanley ajoelhou-se e esperou.

Na tarde seguinte, Stanley esperou no Bull Ring, que era como a arena de exercícios era conhecida. Havia cerca de cinco mil homens se exercitando nesse vasto ringue a qualquer momento, de forma que poderia ser uma longa espera até que sua unidade fosse chamada para marchar. Bones estava muito quente, seus flancos ondeantes, a língua pendurada para fora, o corpo sólido se cansando mais facilmente do que o dos outros cães.

Como estava à toa, Stanley ficou vendo uma unidade de infantaria fazer treinamento de luta com baionetas. Um boneco cheio de palha com um capacete dos hunos estava pendurado em um poste. Um oficial gritava: "Mate o filho da puta!", enquanto os homens corriam para ele com suas baionetas. Aquilo fez com que o rapaz se sentisse desconfortável, ficar ali assistindo tal coisa, e o fez se perguntar sobre Tom. Será que Tom sorria enquanto mantinha a mão estável e se preparava para atirar? Quanto soldados inimigos ele já teria matado? E qual seria a sensação de matar um homem?

Ele não tinha recebido mais notícias do padre desde a conversa deles. O padre Bill havia dito a ele que iria diretamente daquela comunhão para o front de batalha, mas quando voltasse começaria a fazer algumas investigações.

Bones eriçou as orelhas e acertou seu ritmo de passadas enquanto eles se aproximavam do Canil Central e se dirigiam para os poços das bombas. Bones sabia que já era hora de comer, mas não se preocupava, como fazia Stanley, com a disponibilidade de tanta carne fresca de cavalo. A cada dia, na hora em que eles davam comida aos cães, o rapaz se lembrava dos cavalos de Thornley e ficava preocupado com eles, tentando imaginar como tinham se saído e se Lorde Chorley ainda achava que era uma coisa boa um cavalo ir para a guerra. A cada dia, também, Stanley dava graças porque Da jamais veria aqueles poços de bombas.

Dois dias depois, Stanley e Trigger estavam esperando na fila do café da manhã. Ele ainda não tinha recebido notícias do padre Bill das esporas brilhantes. Chegou a vez de Stanley, e ele pegou uma caneca de chá na primeira barraca, uma fatia de pão mergulhado em gordura de bacon na segunda. Estava agradecido pela gordura de bacon, assim o pão ficava mais macio para ser comido.

— Vamos lá, Bones — disse Stanley, a boca ainda cheia de pão.

Ele tinha visto o amontoado de pessoas animadas do Royal Engineers no posto dos Correios.

— Vamos apenas dar uma passada por lá. Certamente não haverá correspondência para nós — disse o rapaz.

Não que Stanley estivesse preocupado com Bones rosnando para as pessoas; é que na verdade seria um pouco menos doloroso se ele não esperasse que alguém pudesse lhe escrever. E ter Bones era provavelmente melhor do que ter encomendas ou pessoas a quem escrever. Stanley e Trigger sempre passavam reto pelo posto dos Correios. Havia um entendimento tácito entre eles.

— Ryder! Ryder!

O coração de Stanley disparou. A cabeça de Trigger se virou, com diversão e curiosidade nos olhos. Aquele grito tinha vindo de perto dos Correios, de Rigby. E Rigby saberia se havia alguma coisa para Stanley, porque eles ficavam alfabeticamente próximos. Stanley se virou e arrastou o confuso Bones para o posto, os punhos fechados úmidos e quentes. Bones estava puxando para trás, a censura nos olhos, não gostando desse tipo de alteração de sua rotina.

Stanley deveria parecer calmo, não deveria se mostrar alarmado. Não seria nenhuma carta de Da nem de Tom, apenas uma mensagem do padre Bill, provavelmente, escrevendo para dizer onde Tom estava.

— Isso não vai morder. É apenas um pacote — disse o ordenança dos Correios, segurando um embrulho de papel marrom. Stanley se recompôs. Um pacote. Então, não era nada do padre Bill.

Ele caminhou, confuso, para os canis. O pacote era pesado, de tamanho médio. Tinha um carimbo, "APO S11", que seria do "Etaples Post Office", posto dos correios de Etaples. Estava ainda carimbado com "NO SERVIÇO ATIVO" bem no alto do pacote, dando ao rapaz um sentimento de orgulho, apesar de sua ansiedade. "PASSADO PELO CENSOR 2959" era o carimbo que se via acima do anterior. Havia alguma coisa familiar na escrita, mas Stanley não podia identificar o quê. Um pacote, porém — pensou —, era um bom sinal, porque, se fosse má notícia, ele teria recebido uma carta e não uma encomenda.

Stanley começou a correr para o canil de Bones. E mergulhou por trás dele. O cão se acomodou aos pés de Stanley, que começou a rasgar o pacote. Bones mostrou algum interesse pelo papel de embrulho picado no chão, mas deu um olhar de desdém para o seu conteúdo. Cinco pães doces embalados em papel pardo. Abaixo deles, outra coisa, mais pesada. Um pote de mel. Esse pequeno gesto de ternura, depois de tantos meses brutais e solitários, deixou Stanley impotente. Somente a professora de biologia de Stanley tinha procurado por ele — ela descobrira onde ele estava e tinha lhe enviado mel. Os pensamentos de Stanley, porém, não estavam em

Lara Bird: estavam em Da. Por quê, quando seu próprio pai não tinha feito nada?

Bones olhou com desdém para o mel, com interesse para os pães doces, com preocupação para seu mestre, todas essas emoções expressas claramente nos olhos interessados do cão.

A Senhorita Bird sabia onde Stanley estava, e não estava zangada, senão não teria enviado essa encomenda. Teria ela contado a seu pai? Talvez houvesse uma carta dentro do pacote, também. Stanley procurou entre as folhas de jornal que forravam o pote. Lá estava a carta, no fundo. E mais alguma coisa: um baralho. Isso devia ser de Joe. Stanley olhou para Bones, segurando o papel. Naquele papel dobrado residia seu destino.

— O que você diz, Bones? Vamos abri-lo?

Bones esperava que seu mestre estivesse falando dos pães doces, e então mergulhou a cabeça um pouco mais perto deles.

Nethercott, Longridge

17 de março de 1918

Querido Stanley,

Fiquei tão preocupada com você! Eu adivinhei o que você tinha feito naquela primeira manhã em que não apareceu na escola e fui direto a Thornley. Seu pai não disse nada, mas o bilhete que você deixou estava no colo dele e ele o entregou a mim, balançando a cabeça muitas vezes, sem dizer nada. Então, li seu bilhete e fiquei sabendo o que tinha acontecido, e como você deve ter ficado nervoso e furioso. Compreendo por que você foi embora, e por qual motivo não voltará para casa para viver sozinho de novo com seu pai. Por esse motivo, levei algum tempo para rastrear você, e também porque fui muito cuidadosa em não revelar nada nem levantar suspeitas durante a minha busca.

Stanley deixou cair os ombros de alívio...

Mas, Stanley, hoje de manhã o seu pai apareceu em Nethercott me pedindo ajuda para tomar conta de Rocket. Ele parecia ansioso e muito agitado, e parecia que tinha ficado sem dormir e sem comer por algum tempo. Não sei o que ele planeja fazer nem o motivo de ter deixado Rocket comigo, mas tenho certeza de que ele pretende localizar você e obrigá-lo a voltar para casa.

Ainda não contei a Tom onde você está, porque, enquanto ele estiver nas trincheiras da frente de combate, não desejo que ele tenha outras preocupações além daquelas que certamente já deve ter. Mas ele virá para casa na semana que vem. Vou ter que contar a ele, então, que eu sei onde você está, e tenho certeza de que Tom ficará com muito medo do que lhe possa acontecer.

Tom ia ter folga na semana que seguinte? Stanley olhou o papel para verificar a data. Tinha sido escrita no dia 17 e hoje era dia 20. Tom já devia estar em Thornley agora, e estaria de volta à França provavelmente daqui a duas semanas. Nessa altura, o próprio Stanley estaria na frente de batalha. Estava tudo errado, tudo às avessas — Tom estava na Inglaterra, Stanley na França. E seria Lara Bird quem contaria a Tom onde estava seu irmão mais novo, e não ele. O que Tom diria? O que Tom faria? Em meio a esse tumulto, o jovem continuou lendo:

O coronel Richardson me disse que o seu trabalho é na divisão dos Sinais e que é basicamente atrás das linhas. Ele escreveu dizendo que ficou muito contente por ter notícias de alguém que tivesse ligação com você, e disse também que você tem um dom extraordinário para lidar com animais. Contou que o enviou para a França com apenas um cão para que diminuíssem as chances de que você fosse enviado para as áreas mais perigosas, onde eles precisam de mais cães.

Stanley, será melhor que você retorne por sua própria vontade do que ser forçado por seu pai ou por seu irmão. As trincheiras não são lugar para alguém como você, e rezo para que você volte para mim em Nethercott. Por favor, escreva-me dizendo que vai voltar para vir morar comigo. Eu gostaria, acima de tudo, de contar a Tom que você vai voltar para que a folga dele, pela qual ele ansiou durante tanto tempo, não seja arruinada.

Eu sei que o seu pai nem sempre foi bom para você, que ele fez uma coisa violenta e antinatural, e que você sente agora que nunca poderá perdôá-lo por isso. Mas com o tempo, espero, você vai compreender o que a dor e a mágoa podem causar a uma pessoa. Até lá, será preciso lembrar-se do tanto que seu pai já perdeu, de que ele ainda é seu pai, de que ele o ama profundamente e que adoraria que você voltasse.

Que Deus o abençoe e o mantenha a salvo, e que o traga de volta para casa, para nós.

Lara Bird

Os dedos de Stanley encontraram o bolso e se enrolaram em torno da caixa de fósforos Bryant & May. Ele girou a caixa muitas vezes entre os dedos, enquanto revolia na cabeça todos os resultados possíveis daquilo que Lara Bird contaria a Tom. Sim, pensou, Tom vai entender que eu não poderia ficar em casa depois do que Da fez. Stanley girava a caixa de fósforos mais rápido. Sim, Tom veria, Tom entenderia.

Os dedos de Stanley se desaceleraram para uma posição imóvel. Viver em Nethercott? A agitação sobre a reação de Tom foi substituída pela raiva. Se Da queria que Stanley voltasse, então por que ele não tinha feito alguma coisa? Por que sua professora é que tivera que se mexer para procurá-lo? Stanley girou a caixa de fósforos de novo, mais rápido e mais rápido. Da nunca tinha vindo até Chatham ou Shoeburyness ou Etaples, não tinha acontecido nada, nem uma notícia dele. Da nunca tinha vindo procurar seu filho, então o que ele estivera planejando fazer quando deixara Rocket com Lara Bird?

Seria muito fácil rastejar de volta para casa, escorregar de volta para a vida escolar, viver em Nethercott. Stanley podia sair sem problemas do Exército por causa de sua idade, era essa sua carta na manga. Mas isso não ajudaria Bones. Bones era propriedade do Exército, e seria um crime levar esse cão embora. Não, não poderia haver um caminho de volta, não importava o que Tom ou Lara Bird dissessem.

— Bones, o que eu faço?

Stanley olhou para cima, para o zumbido dos aviões britânicos esquivando-se dos tiros sobre as linhas alemãs. Espessos rolos de fumaça apareciam em torno dos aviões, nuvens de branco, verde e amarelo no céu azul.

Bones acomodou o focinho molhado no colo de Stanley. Seria um alívio voltar para a escola e viver em Nethercott. Mas e quanto a Bones? Não. Bones pertencia a ele e ele pertencia a Bones. Onde quer que os dois se metessem, estariam sempre juntos nisso.

21 DE MARÇO DE 1918

Etaples



Enquanto Stanley se dirigia ao Canil Central,

Trigger veio correndo, excitado e resfolegando, empurrando o exemplar do dia anterior do *Daily Express* nas mãos de Stanley:

80 QUILÔMETROS DE NOSSAS LINHAS FORAM ATACADAS,
EM UMA ESCALA NUNCA VISTA ANTES

— Quatro mil canhões inimigos, uma tempestade de bombardeios, Stanley. Os hunos querem Paris, é disso que se trata e ponto-final. Veja, eles têm tanques agora, e muito mais homens, mais dinheiro, mais munições. Algo está acontecendo — é por isso que estamos sendo convocados.

O entusiasmo de Trigger pela ação e pelo som dos tambores batendo nunca vacilava, Stanley pensou, mesmo que o inimigo tivesse mais tanques, mais soldados e mais dinheiro que os ingleses.

As novidades do front ficavam piores a cada dia que passava. Mais e mais oficiais se inscreviam no Canil querendo mais cães, mas não tinham sido ainda enviados novos animais. No Canil Central, havia um clima de desespero silencioso.

Os oficiais do Canil estavam apressadamente organizando e reorganizando os adestradores em unidades, e essas unidades, em pelotões maiores.

— Doyle, Rigby, Ryder. Juntos vocês formam uma Unidade Canina que se reporta ao Segundo Batalhão de Devons, Vigésima Terceira Brigada da Décima Oitava Divisão, do Décimo Quarto Corpo de

Infantaria. Suas ordens são para ficarem prontos para ir por via férrea na madrugada de amanhã. Apenas para fins administrativos, vocês fazem parte de uma formação dos Royal Engineers.

— Os melhores de todos — disse Trigger, radiante, quando desfilaram na sala da Ordenança para pegar braceletes azuis e brancos. — A Décima Oitava é a melhor de todas. Estamos com sorte, Stanley.

Depois, foram até a Intendência, onde Stanley, sem entusiasmo, recebeu seu “pequeno kit”, um cobertor e um lençol, que poderia ser também um impermeável, uma vez que possuía um colarinho de um lado que descia até o meio.

Naquela noite, as notícias foram ainda piores. Os alemães tinham começado um avanço em Amiens. Amiens era a porta de entrada para Paris, o centro de comunicações e das ferrovias, de que os hunos necessitavam se pretendiam controlar a capital. Nessa mesma manhã eles haviam também disparado um canhão, que chamavam de o Canhão de Paris, um canhão de longo alcance que era capaz de arremessar seus obuses a uma distância acima de cento e trinta quilômetros. Tinham feito disparos durante todo o dia, com intervalos de quinze minutos, sendo que o primeiro obus caíra às sete da manhã, bem nas margens do Sena.

Stanley estava deitado na cama, ouvindo em parte o falatório assustado dos homens em sua barraca. O nome de um vilarejo em especial, Villers-Bretonneux, continuou aparecendo na conversa. Apenas a quinze quilômetros de Amiens, Villers tinha ficado bem no meio da linha de ataque. Que havia sido devastador, diziam os homens, mas a linha de defesa tinha resistido.

— Ludendorff vai atacar de novo a qualquer momento... Ele quer fazer isso antes que cheguem mais americanos... Está nervoso por causa dos americanos.

— Eles vão nos enviar lá para cima amanhã. É para lá que iremos, para o setor de Villers.

O tiroteio parecia mais perto do que nunca. No colchão, aos pés de Stanley, estavam duas máscaras de gás, óculos, um capacete de aço e cento e vinte cargas de munição. Por que o Exército iria desperdiçar munição com alguém que ficaria na retaguarda da frente de batalha, sendo parte da estação dos Sinaleiros? Era isso que Stanley estava se perguntando. Aquelas máscaras de aparência sinistra, a sua e a de Bones, pareciam dois fantasmas gêmeos olhando para ele. Por que havia tanta urgência? Por que eles tinham o tempo todo que estar calçados com suas botas e com as perneiras atadas?

Que diabo ele estava fazendo? Enquanto Tom estava na Inglaterra, por que Stanley estava entrando na batalha para defender Villers, Amiens, Paris? Por quê?

Stanley e sua unidade, e seus cães, marcharam ao longo de uma estrada larga, forrada nas laterais de álamos, ouvindo o cantar estridente dos cozinheiros, cheirando suor e fumaça, ouvindo o som das botas batendo no calçamento. O mundo inteiro parecia estar se deslocando para o leste, um fluxo contínuo de cavalos, tropas e carros de munições. Somente as ambulâncias viajavam em ambos os sentidos, frotas delas indo e vindo. Havia por aqui uma fonte infinita de ambulâncias e carne de cavalo.

Eles marcharam através de um vilarejo chamado Aubigny, depois passaram por uma aldeia chamada Fouilloy. Stanley lutou contra a dor que vinha dos músculos doloridos do pescoço debaixo do capacete de aço, lutou contra as bolhas nos tendões, bem onde as botas encravavam, contra os calos nos calcanhares, mas os cães estavam curiosos, acessíveis e alegres.

Passaram por uma aldeia abandonada, suas ruas cheias de máquinas de costura, espremedores de roupas, bicicletas, panelas, frigideiras e cacos de porcelana. Trigger tinha ficado em silêncio, seu entusiasmo pelo bater dos tambores agora desvanecia. Havia um aglomerado de cruces de madeira, esqueléticas e amontoadas, em um cruzamento na estrada. Apesar do calor, Stanley estremeceu. A cada

momento que passava, a cada visão que passava defronte de seus olhos, seu medo crescia.

Além das cruzes e das casas em ruínas, havia uma última casa, extraviada por trás das outras. Cada aposento da frente aberto, tão aberto quanto uma casa de bonecas, a fachada completamente desaparecida. Onde estava a criança que costumava empurrar o carrinho de bebê de vime? Ao pé dos degraus de pedra que antes levavam para dentro da casa, indiferente às nuvens de poeira, indiferente ao tráfego de passagem, estava sentado um velho, segurando a cabeça entre as mãos.

Aquele cabelo branco era tão parecido com o de Da... O chão estava cedendo sob os pés de Stanley, todas as suas certezas voando para longe. Seu próprio pai, a tantos quilômetros de distância, podia estar sentado assim, sua cabeça branca nas mãos. Bones puxou a correia para avançar, mas Stanley ainda esticou o pescoço para olhar. A cabeça do homem levantou-se, pesada de dor. Stanley arrancou como se tivesse visto um fantasma.

— Oh, Deus — disse ele. — O que foi que eu fiz?

O velho começou a avançar, os braços estendidos, depois vacilou e ficou de pé por alguns segundos de partir o coração, com as mãos trêmulas pairando no ar vazio. Sentou-se novamente, com as mãos sobre os olhos.

Bones puxou novamente a correia. E Stanley marchou em frente, como um sonâmbulo andando por uma câmara de horrores, entre cruzes de madeira, em torno ou sobre as carcaças de cavalos, diante de uma placa à deriva em uma pilha de escombros, tudo coberto de mostarda selvagem. Aqueles escombros, agora quase que um tijolo em cima do outro, tinham sido antes uma aldeia, e aquela placa um dia trazia o nome dela. Ainda assombrado por aquela cabeça branca solitária, Stanley passou em frente de mais casas arruinadas, vidas arruinadas, famílias arruinadas; e cada vez mais perturbado a cada passo pela ideia de que ele talvez tivesse cometido um erro contra si mesmo.

Outros cinquenta minutos se passaram. A coluna parou e os homens puderam beber água dos cantis. Ao lado da estrada se viam gaiolas, bonecas, carrinhos de bebê, berços e camas. Bones deitou-se, seus flancos arfando aos pés de Stanley, e colocou o focinho sobre as botas de seu mestre. Trigger sentou-se no chão.

— A vila foi martelada até virar pó... A luta por aqui deve ter sido metro a metro... Vilas inteiras bombardeadas até virar pó.

Stanley deu um pouco de água a Bones, ouvindo Rigby e Trigger falarem, vendo um franzir de cenho fugaz atravessar a testa de Trigger, e sua voz incomumente desanimada.

— Eles dizem que foi um momento difícil... E que precisaram de toda a ajuda disponível... Uma mistura desesperada compôs a linha de defesa: lavadores de pratos, cozinheiros, motoristas de artilharia...

O medo de Stanley em relação ao que estava por vir cresceu. Ele pôs a mão na cabeça de Bones. “Toda a ajuda disponível” significaria os adestradores dos cães também. Será que ele acabaria finalmente na linha de frente? Ele e Bones? Uma frota de ambulâncias passou, levantando nuvens de poeira sufocante.

A voz de Trigger continuava demonstrando desânimo:

— Eles estão vindo todos de Villers, esses fordecos... Todos de Villers.

— O tempo estava quente por lá — disse Rigby. — Tudo por causa de Paris. Se os hunos conquistarem Amiens, vão poder alcançar Paris com todos os seus canhões.

— Estão dizendo que ele vai fazer outro ataque em Villers — disse Trigger. — Ludendorff vai atacar novamente. É por isso que nós estamos indo para lá... Haig está enviando todos nós para salvar Amiens.

Quando a poeira baixou, Stanley conseguiu perceber, em meio a uma fileira de prédios em ruínas à frente, um bar e uma placa ainda pendurada: Estaminet au Cheval Noir. A pousada não tinha teto nem o andar superior, mas alguns cavalos, uma equipe de artilheiros,

talvez, estavam amarrados no térreo. Embora os edifícios de ambos os lados estivessem arrasados até o chão, lá, no meio de uma cena de desolação e destruição, os cavalos estavam quietos, tão sonolentos e pacíficos como se estivessem nos prados de sua terra natal.

A fileira de soldados de apoio jazia por aquela terra ondulante, acima de uma planície mais baixa cortada por canais e rodeada por todos os lados por colinas baixas e cheias de árvores. A fileira parou. A unidade de Stanley foi recebida por seu guia, um soldado de infantaria dos Devons. O soldado de infantaria parecia um pouco assustado, um pouco alarmado com Bones, e fez questão de manter uma boa distância entre si e o cão enquanto ordenava a todos que não fumassem e não falassem. Em silêncio e em fila única, eles desceram a uma profunda trincheira de comunicação que levava até as linhas da retaguarda.

O ar estava pesado e quente, e rançoso. Agora a curiosidade de Stanley levou a melhor sobre sua ansiedade, e ele admirou o trabalho de camuflagem que tinha sido feito acima de sua cabeça, fios de arame formando uma rede com arbustos de verdade, e as profundas paredes de barro da trincheira. Pensou no tempo que levava para fazer aquela escavação e construir aquela trincheira e ficou feliz por não ter sido designado para ficar com os engenheiros. Bones era grande e desajeitado, um gigante nessas proporções apertadas, e os homens que transportavam provisões para cima e para baixo pela trincheira o amaldiçoavam enquanto passavam.

Eles pegaram um acesso mais restrito que emergia nas linhas de trás. Mais guias estavam esperando em um cruzamento para levar a companhia a seus postos na linha de frente. Em absoluto silêncio, Stanley e Bones, Doyle, Rigby e seus cães e um sinaleiro do regimento com um par de bandeiras preso em sua mochila seguiram a empoeirada trincheira claustrofóbica e cheia de curvas e ziguezues por cerca de um quilômetro e meio. Alguns trechos retos, chamados de "bacias", estavam lotados de soldados, alguns encostados nas paredes de sacos de areia, fumando e parecendo entediados. Outros estavam sentados em latas de gasolina jogando

cartas ou lendo. Um homem estendeu a mão para Bones. Isso não era bom: Bones ficaria distraído e não faria seu trabalho se fosse acariciado ou se dessem comida a ele. Certamente os soldados da infantaria tinham sido avisados para não dar comida aos cães?

— Não — disse Stanley, com firmeza, um pouco surpreso consigo mesmo. — Nada de comida, nem carinhos.

Trigger pareceu ficar impressionado. Estava com seis dedos levantados. O rapaz tinha desenvolvido o hábito de contar as palavras de Stanley. Stanley sorriu de volta.

Quando Stanley podia ver por cima do parapeito, na extremidade dianteira da trincheira, havia uma visão clara em todas as direções. A linha de retaguarda aqui corria ao longo de uma espécie de cume, com vista para um declive, e abaixo disso a planície estava cercada de árvores e um rio. Então é isso, pensou Stanley. Esse é o Somme. Essa terrível planície, rasgada pelas trincheiras cortantes, é o lugar onde Tom lutou.

Era uma vista sem vegetação e abrupta: primeiro as plantações de batata, depois vinha o declive, a planície e, em seguida, as cercas e arames farpados alemães. Bem atrás da linha estava a vila de Villers-Bretonneux em um ponto visível no planalto, uma posição de comando montada em uma antiga estrada romana. Estava claro para Stanley por que os hunos queriam Villers.

Um novo guia veio se encontrar com Stanley e o levou para a estação na retaguarda, o quartel-general do batalhão, instruindo-o para se reportar ao cabo Hunter, o oficial no comando dos Sinaleiros dos Devons do Décimo Quarto Corpo da Infantaria. Eles alcançaram um canto no ângulo direito que tinha alguns degraus estreitos de madeira. Stanley foi instruído por acenos de mão a descer os degraus, enquanto Doyle e Rigby deviam seguir adiante. Trigger pôs um braço sobre os ombros de Stanley, mas se dirigiu a Bones enquanto falava:

— Agora é com você. Você vai ter que falar por ele. Cuide dele, tome conta dele.

E para Stanley:

— Boa sorte, Stanley.

— Boa sorte, Trigger.

Stanley e Bones desceram alguns metros no subterrâneo, o ar ficando mais espesso e mais próximo, e entraram em um aposento enfumaçado e iluminado por uma fraca lâmpada elétrica. Postes de madeira sustentavam o teto e tábuas cobriam as paredes. Stanley teve que dobrar o pescoço por causa do teto baixo.

Bones se esparramou no chão, ofegante aos pés de Stanley na entrada estreita. Ninguém se virou. Não havia nem barulho nem movimento naquela câmara, o ar ainda concentrado. Operadores de sinais e reparadores de instrumentos, usando fones de ouvido e o braço dos Royal Engineers, estavam sentados ao redor de um enorme aparelho sem fio. Havia lâmpadas para sinais noturnos e um heliógrafo, o simples e brilhante telégrafo sem fio que sinalizava o Código Morse com piscadas de luz do sol refletidas por um espelho. Além desse quarto, Stanley vislumbrou um menor, repleto de cavaleiros e alguns mensageiros.

Cabos pesados estavam enrolados ao redor da sala e para fora através da porta. No outro extremo havia telégrafos e Fuller-phones. Stanley tinha aprendido em seu curso sobre sinais em Chatham que as mensagens transmitidas pelos telégrafos com fio podiam ser facilmente interceptadas pelo inimigo, mas o Fuller-phone, um dispositivo de sinalização portátil, podia ser usado como telefone ou como telégrafo sem fio, e era mais seguro. Uma figura inclinada, os ouvidos num amplificador, os olhos em um mapa.

— Cabo Hunter?

A figura inclinada sobre o mapa girou a cabeça, avaliou Stanley, então avistou Bones. O cabo Hunter endireitou o corpo, sua cabeça, assim como a de Stanley, parada um pouco abaixo do teto baixo. Eles dois tinham quase a mesma altura, cada um olhando o outro com o pescoço dobrado. Os olhos do cabo chisparam na direção de Bones.

— Pelo amor de Deus, um cão? — o cabo agarrou um lenço e limpou a testa. — Um cão? Um cão e uma criança...?

Mas então Stanley e Bones não eram necessários? Será que o tal cabo não sabia para que serviam os cães? Ele não os tinha usado na linha de frente? Stanley viu o equipamento, todos os cabos, telégrafos e telefones que cercavam o cabo Hunter, e sentiu receio, mas Bones ainda estava sentado, orgulhoso e esperando por um comando.

Hunter levantou o lenço da testa e olhou para Bones, novamente com descrença.

— Um estudante e seu cãozinho de estimação...

— Este cão é tão bom para o serviço quanto qualquer homem, senhor — disse Stanley, irritado.

Hunter olhou para ele com surpresa, mas depois, sacudindo a cabeça com exasperação, despachou Stanley com um aceno furioso da mão.

— Fidget, leve esse menino para o seu beliche.

Fidget? Onde? Seria bom estar com alguém que ele conhecia. A figura encolhida em um canto desfraldou-se em uma forma longa e estreita e se deslocou para a porta — definitivamente era o Fidget: o mesmo rapaz alto que tinha uma irmã que fazia bolos de frutas, o Fidget que Stanley tinha visto pela última vez em Chatham. Stanley começou a avançar, mas Fidget desviou o olhar, rodeando Bones com exagerada cautela.

— Sujeito estranho... — chiou Stanley, irritado novamente, enquanto passava pela porta e puxava Bones com ele, de forma que eles encurralaram Fidget, todos eles amontoados na entrada estreita. Estava magoado também, porque Fidget poderia estar agindo desse jeito por sugestão de Hunter.

Stanley saudou Hunter e se virou, e Bones ficou de pé em um instante, dando início a uma passada tão disposta que ninguém diria que ele tinha marchado durante o dia todo. Fidget os guiou escada acima, subindo os degraus de madeira e ao longo de uns trinta

metros ou mais adjacentes à trincheira, passando em frente aos abrigos dos soldados, que não eram mais do que uma cavidade escavada na parede frontal.

Fidget deu um sorriso hesitante.

— O seu beliche, também conhecido como esconderijo subterrâneo.

Ele riu e pôs a mão no ombro de Stanley, um pouco mais amigável, agora que estava fora da vista de Hunter. Stanley sacudiu os ombros e afastou a mão.

Dois postes de madeira apoiavam um teto de ferro. Havia duas plataformas de madeira prensada uma por cima da outra, cobertas por sacos de areia. Uma pequena prateleira continha latas de carne seca, uma lata de geleia, uma de café com leite e uma de manteiga, e metade de um pão. Havia outra prateleira ao lado com um espelho, fósforos, velas e uma lata de cigarros. Era bom ter a geleia, o pão e a manteiga, e talvez ele pudesse trocar a lata de carne seca e os cigarros por outra coisa. Em frente ao esconderijo subterrâneo havia uma saliência cortada na parede da vala, coisa de um metro, um metro e meio acima do piso da trincheira, e que corria ao longo de toda ela, de frente para o inimigo. Se você se apoiasse nela, poderia enxergar por cima do parapeito.

Fidget se sentou na plataforma inferior de Stanley, sobre os sacos de areia, e ficou saltando para cima e para baixo sobre elas, com um ar zombeteiro:

— Confortável... — ele disse, seu rosto se contorcendo em uma expressão assustada de desconforto. Ele desapareceu no buraco adjacente e reapareceu segurando uma pá. — Se quiser, pode deixar isso mais largo para você.

Fidget estava sendo persistente ficando por ali, sem nenhuma pressa de voltar para a estação de sinalização e para o cabo Hunter. Stanley sentiu uma onda de aversão por Fidget, estava cansado e com calor, e irritado com a ideia de ter que dormir ao lado do homem que fingira não conhecê-lo. Bones, entretanto, com a cauda

retesada, estava procurando alguma coisa no abrigo de Fidget. Quando Stanley se mexeu para puxar Bones, vislumbrou o objeto da atenção do cão.

— Pombos? — balbuciou Stanley.

— Qual é o problema com os pombos? — perguntou Fidget, sua expressão incerta, suspensa em algum lugar entre o orgulho e a mágoa pelo desprezo de Stanley. Ele manobrou seu corpo para que ficasse entre o enorme e feroz Bones e sua cestinha de pombos. Stanley riu de novo, um pouco constrangido agora. Por mais ridículo que esse animal pudesse ser, Hunter devia estar acostumado a usar os pombos como portadores de mensagens.

Richardson dissera que havia mais de vinte mil pombos no serviço ativo. Fidget tinha rido timidamente antes, mas agora se reanimara.

— O cabo acha que meus pombos são muito confiáveis. Não acho que ele veja muita necessidade desses cães.

Se os cães nunca tinham trabalhado neste setor, pensou Stanley, então o cabo provavelmente sempre usaria os pombos de Fidget, de forma que Bones nunca teria sua chance.

— Uma cotovia — disse Fidget em tom de conversa, espiando através do teto de rede da trincheira, sua atenção atraída por um chilreio alto. Um pássaro subia cada vez mais alto com suas asas rápidas e esvoaçantes, descrevendo largos círculos no céu violeta. — Eles comem cotovias. Os franceses comem cotovias.

Como eu sei pouco sobre a França, pensou Stanley. Ele nunca tinha pensado muito sobre os franceses, nem sobre o que eles comiam ou deixavam de comer. No entanto, ali estava ele, na linha de frente, para defender os homens que comiam cotovias.

Fidget pairou atrás de Stanley, em busca de outra coisa a dizer, e Stanley sentiu que ele queria fazer as pazes, sabendo que tinha sido grosseiro. Fidget sempre fora um sujeito estranho, lembrava-se Stanley, estranho e mutável, mas nunca fizera mal a ninguém. Fidget estava dando tapinhas no ombro de Stanley.

— Não é tão ruim aqui depois que você se acostuma com isso, e o cabo é sempre áspero quando chega alguém novo. Vamos lá, eu vou fazer um pouco de chá para você.

Stanley tinha enchido a tigela de Bones com água, e estava olhando o cão beber quando Fidget apareceu por ali novamente. Aquelas aparições súbitas e fantasmagóricas de Fidget exigiriam dele algum tempo para se acostumar.

— Meia hora gotejando e... Bingo! Água estagnada morna. — Ele entregou a Stanley uma caneca de metal com chá, estalando os lábios e engolindo ruidosamente. — Tome, beba de uma vez. — A superfície do chá estava estranhamente untuosa, mas Stanley estava com sede e grato, e colocou a caneca nos lábios.

Fidget riu quando Stanley engasgou e cuspiu.

— Tudo aqui tem gosto de gasolina. Todos os bules e panelas são antigas latas de gasolina.

Mais tarde, na área das rações, quando o cozinheiro serviu o guisado de legumes, aquilo também tinha o mesmo brilho oleoso, e, quando Stanley se preparou para experimentá-lo, estava arenoso e não comestível.

Tudo ficou escuro e em silêncio, as luzes das aldeias distantes surgindo em aglomerados ao longo do horizonte. Stanley estava deitado em seu saco de areia, vestido com seu casaco e com as botas, o cobertor sobre ele, a mochila como travesseiro, ainda faminto, ouvindo o som reconfortante da respiração de Bones. Aqui, a menos de quatro quilômetros do peso maciço do exército do cáiser, era bom ter Bones deitado ao seu lado. Durante toda a noite, os homens passavam para um lado e para o outro ao longo da trincheira, a cada novo movimento fazendo Stanley pular sobressaltado. Ele rolou de lado. Os sacos de areia, assim como os jorros de palavras assustadas de Fidget falando durante o sono, eram coisas que exigiam algum tempo para a pessoa se acostumar.

Através da rede que cobria a trincheira, Stanley viu o enorme dossel de estrelas e sentiu o ar fresco da noite no rosto. Se ao

menos Tom escrevesse... Ele certamente faria isso assim que Lara Bird contasse tudo. E ela já teria contado a essa altura. O que quer que Tom pudesse fazer sobre o fato de o irmão ter se alistado no Exército, ainda assim seria bom ter notícias dele, e saber também como Da estava passando. Talvez Lara Bird escrevesse em breve novamente, para contar-lhe que tinha visto Da, que ele estava bem. Com que frequência, o rapaz se perguntou, se poderia esperar que uma professora de biologia lhe escrevesse? E quem sabe, se ela escrevesse, ela também pudesse mandar outra coisa para comer...

Bones reclamou no sono. Stanley sorriu para si mesmo, pensando que Bones poderia estar sonhando com maçaricos ou com os pombos de Fidget. Daria um trabalhão manter Bones longe daqueles pombos. "Ele sempre será verdadeiro, leal e corajoso, até a última batida de seu coração", tinha dito o coronel Richardson. Stanley sabia então, quando o oficial murmurou essas palavras, que, por mais que quisesse ver Tom, ele também tinha um dever para com Bones; que ele deveria ser verdadeiro e leal; e que, não importava o que Tom quisesse que seu irmão mais novo fizesse, Stanley ficaria com Bones. E, se eles tivessem uma oportunidade, os dois mostrariam ao cabo Hunter do que eram capazes.

31 DE MARÇO DE 1918

A poucos quilômetros a leste de Villers-Bretonneux



Deitado com sua correia totalmente esticada,

Bones contorcia o focinho numa ameaça brincalhona, cada nervo de seu corpo gigantesco retesado. Não muito maior do que uma bola de pingue-pongue, um rato do campo estava batendo em uma folha seca com uma das patas dianteiras. Stanley apertou ainda mais a mão que segurava a correia, sentindo uma afeição conhecida por essa criatura valente e destemida. Em cada uma das fendas desta terra sinistra havia aço suficiente para jogar as entranhas da terra para o céu, para lançar o ratinho a mil metros de altura.

— Não — disse Stanley, novamente, para avisar Bones que deixasse o ratinho em paz.

Ele, adestrador Ryder, do 2º Devons, da Décima Oitava Divisão, não tinha tido nada melhor para fazer, por oito dias inteiros, do que assistir Bones patrulhando um ratinho do campo. Bones gostava de dividir sua atenção entre o ratinho e a cesta de pombos. O cabo Hunter gostava de seu Fuller-phone, e gostava de pombos, portanto não via nenhuma utilidade em usar cães.

Durante as tardes, Stanley ficava jogando buraco com Fidget. Eles usavam o baralho que Joe tinha enviado, e esse baralho fazia Stanley ficar com saudade de Joe a cada vez que o via, mas ele tinha ganhado ontem. Sua sorte, ao menos no jogo de cartas, tinha durado desde Longridge até aqui, no Somme. Fidget poderia ser dono dos pombos que Hunter achava tão úteis, mas Stanley sempre tinha a melhor mão...

Stanley se levantou para pegar a escova de Bones. Bones saltou imediatamente sobre as patas, esquecendo-se do ratinho. Ele respondia a cada movimento de Stanley, até mesmo ao movimento de seu dedo mindinho, para o caso de aquilo ser um sinal de que ele era necessário. Sua prontidão, sua ânsia de ser acionado se assim seu mestre o exigisse, mesmo para ir até os confins da Terra, fazia o coração de Stanley doer. Se pelo menos o cabo lhes desse uma chance.

O jovem olhou por cima do parapeito assim que se levantou. Uma pega estava passeando no mato imediatamente em frente, suas penas iridescentes e densas se destacando ao brilho árido do sol, um brilho malévolos em seu olho carnívoro. Cada dia tinha sido mais quente e mais branco do que o dia anterior, a planície ficando mais ameaçadora, mais agourenta a cada hora que passava, enquanto os dois inimigos se observavam, cada um temendo o ataque do outro, que sabiam que viria, mas não sabiam quando. Durante o dia a planície ficava muito quieta, enquanto de noite os homens se espalhavam por ela como toupeiras, construindo galerias, túneis, passando cabos.

Aquela planície tinha sido drenada de suas cores sob o brilho do sol. Não havia arbustos. Nem tordos, nem folhas nem árvores. Somente pegas. Pegas e varejeiras. As duas criaturas lúgubres e vorazes. Aqui era um lugar meio engraçado pelo qual brigar. Não era como as colinas e os súbitos despenhadeiros e antigos penhascos de Longridge. Longridge, sim, era um lugar pelo qual valia a pena lutar.

Cada escovadela levantava uma nuvem de poeira cinza. Quando Bones já estava limpo, suas listras amarelas brilhavam como ouro. Stanley afastou a poeira dos olhos e começou a cortar o pelo entre as patas do cachorro, enquanto Bones ficava prostrado, ronronando, o pescoço e a cabeça se esticando em busca do ratinho. Stanley afastou uma nuvem de mosquitos com a tesoura. Quando não eram as moscas perturbando, eram os mosquitos. Ou era Fidget. Fidget, sempre lá, em seu degrau na trincheira, sempre pronto a deliciar todos com uma má notícia. Trigger teria sido uma companhia melhor

que ele. Stanley se perguntou se os cães de Trigger estavam sendo usados.

Ele limpou o suor da testa.

— Está muito quieto, tudo muito quieto — disse Fidget, soprando um anel de fumaça de seu Woodbine na rede de camuflagem. — Eu não gosto dessa calma toda. Isso significa que vai acontecer a qualquer minuto, Stanley, o ataque nesta frente. Temos dezenove divisões de infantaria, e eles... — Fidget acenou com seu Woodbine na direção do inimigo — ... Eles têm sessenta e quatro. Eles jogaram morteiros em Paris de novo, você ouviu essa? Foi no Domingo de Ramos, e novamente na Sexta-feira Santa. Eles estavam na igreja, Stanley, rezando ajoelhados, quando morreram.

A melhor coisa a fazer era ignorar Fidget e sua conversa agourenta, sua boataria, embora Stanley notasse que a infantaria de fato dava ouvidos a ele. Quando você servia no Serviço de Sinaleiros, sabia muito mais do que a infantaria, a quem eles nunca diziam nada, por isso as palavras de Fidget foram repetidas em sussurros para cima e para baixo por toda a trincheira. Os boatos eram trocados na hora de receber as rações, circulando mais rapidamente a cada repetição, e a maioria deles era iniciada por Fidget.

— Hoje, Fritz está ocupado ao sul da linha ferroviária. Empurrando os franceses de volta, nos empurrando para trás também. Mas aqui este setor está tranquilo demais. Vai ser ruim, Stanley, é por isso que Haig está enviando mais tropas... Australianos, neozelandeses, todos em que ele puder pôs as mãos... Estão todos a caminho daqui.

Três dias de silêncio sinistro e ameaçador se seguiram. O calor aumentava, dia a dia, minuto a minuto. Bones ficava cada vez mais inquieto, irritado mesmo, com o cesto fechado de pombos. O ratinho do campo tinha ido para outro lugar, e Bones tinha apenas os pombos para se divertir. Um homem estava passando pela trincheira desenrolando um carretel de cabo enorme. O cão rosnou. Stanley

olhou para ele ansiosamente. Bones não tinha rosnado por um longo tempo, mas agora estava tão agressivo quanto um tigre enjaulado. Hoje havia uma guinada para o lado e um brilho em seus olhos. Stanley olhou para seu livro de Mensagens de Campo não utilizado, aquele Livro Verde do Exército número 153 no qual ele deveria registrar suas atividades, e que estava na prateleira ao lado da vela. O cabo Hunter gostava de ocupar Stanley com pequenos trabalhos como o heliógrafo ou a lâmpada Aldis^[2].

Logo atrás de Fidget, o mensageiro de Devon estava arrumando suas bandeiras brancas e vermelhas e abrindo a caixa de aço preto. Ele vinha todas as noites, na hora da distribuição das rações, trazendo a correspondência. Onde quer que ele abrisse a caixa, aquele seria o posto dos correios do batalhão. Se a caixa estivesse aberta e as bandeiras dispostas em pé, então o posto dos correios estaria em operação.

Stanley ficou observando o mensageiro, pensando em como seria bom se recebesse mais pães doces e potes de mel. Você só receberia encomendas se estivesse de volta à base, mas agora ele poderia escrever uma carta a Lara Bird, para agradecer pela última remessa e perguntar como Da estava passando. Então talvez ela mandasse um pouco mais.

Stanley tirou um cartão-postal de sua mochila. Estava amarrotado, sujo e com as bordas arredondadas, apenas razoável para enviar para a sua professora se você estivesse escrevendo de uma trincheira na frente de batalha. Onze dias tinham se passado desde que ele recebera a carta de Lara. Tom já devia estar sabendo de tudo agora. O jovem virou o cartão-postal uma vez e outra em suas mãos. Na Inglaterra, ele queria tanto sair de lá e ficar longe de tudo que nunca tinha se preocupado com a reação de Tom. Agora que estava na França, ele não conseguia parar de se preocupar com isso. Será que Tom iria forçá-lo a voltar para casa através dos canais oficiais? Seu irmão ainda estaria por lá ou sua licença já teria terminado? Stanley colocou o cartão-postal de lado. Ele não ia

escrever uma carta para Lara Bird, afinal. Esperaria até ouvir alguma notícia de Tom.

Stanley e Fidget passaram pelo posto improvisado dos Correios e se juntaram à fila na cozinha, de pescoço dobrado.

A trincheira onde ficava o cozinheiro era tão baixa que não se conseguia ficar de pé totalmente. Dois homens na frente estavam conversando.

— Ludendorff está montando uma nova ferrovia... Seu pessoal de Ferrovias está fora, trabalhando dia e noite, colocando novos dormentes por causa de toda a munição que ele está pensando em trazer — Fidget não conseguia resistir a esse tipo de conversa melancólica. —Nós somos o último batalhão britânico à direita — depois de nós há somente os franceses...

— Olá, garoto, venha se servir do jantar...

Isso era o que o cozinheiro sempre dizia em todas as horas do rancho. Stanley tinha se acostumado com a parte do “garoto”, porque o cozinheiro se mostrava amigável com ele e gentil com Bones. Ele, assim como a maioria dos homens, tinha uma espécie de afeição reverente pelo cão.

De volta a seu abrigo, Stanley largou a marmita e a olhou com uma careta. Como seria a comida na frente de batalha, se aqui nas trincheiras da retaguarda era assim? Um pedaço de pão arenoso para doze homens e nada de rações quentes era tudo o que eles recebiam, segundo Fidget. Fidget estava empoleirado em cima de um caixote virado, o sinal de que ele estava pronto para outra partida de buraco.

— O ataque virá amanhã — disse Fidget pela enésima vez, seus olhos cor de chá saltando e olhando para os lados.

Ele parecia tão certo disso como tinha estado ontem, e no dia anterior, mas agora estava acenando com os braços e apontando na direção das pilhas de munição, altas como casas, que foram empilhadas ao longo de toda a extensão da trincheira.

Eles interromperam o jogo para ver dois homens se arrastando de barriga e segurando seus alicates e os pesados carretéis de cabos. Era o trabalho desses instaladores de cabos também repará-los. Ninguém gostava de fazer isso, mas os cabos precisavam ser mantidos em boas condições para ser usados pelos Fuller-phones. Nessa frente de combate, havia mais de onze mil quilômetros de cabos enterrados e camuflados. Era um trabalho perigoso. A terra aqui não era boa: se você escavasse mais de dois metros, encontraria água, e os atiradores inimigos faziam dos instaladores e das linhas enterradas seus alvos especiais.

Stanley tinha uma mão imbatível — ele estava pronto para ganhar seus cinco francos e esperava que Fidget fizesse sua jogada quando o cabo Hunter se aproximou com uma lâmpada Aldis e um rifle. Era difícil se deslocar ao longo da trincheira estreita com tanto equipamento, e sempre era uma boa ideia ficar fora do caminho quando Hunter viesse, por isso Stanley puxou Bones de lado.

— Fidget, prepare os pombos para subir. Os rádios não são seguros. Estamos muito próximos e os hunos estão pegando nossos sinais. Os pombos serão recolhidos em meia hora.

Hunter partiu.

— Vai ser na parte da manhã, o ataque virá de manhã — Uma mistura desconfortável de orgulho e preocupação mostrou-se no rosto incerto de Fidget. — O cabo vai contar com os meus pombos.

Não houve possibilidade de dormir naquela noite. Cabos e instrumentos foram verificados e reverificados, mais cabos foram colocados. Os instaladores e os reparadores de instrumentos entravam e saíam da estação de sinalização. Stanley estava deitado em sua plataforma acima de Bones, ouvindo sua respiração, imaginando se Fidget estava certo desta vez.

4 DE ABRIL DE 1918

Alguns quilômetros a leste de Villers-Bretonneux



Às 4h30 da manhã seguinte, as linhas aliadas estavam de pé em meio às trevas e uma preocupante névoa úmida. Às 4h45, os obuses inimigos arrotaram suas granadas, os canhões lançando um ataque que varreu a noite em horripilantes línguas de fogo. A terra mesma estava em erupção. O coração de Stanley batia continuamente com o estrondo das armas, com o grito dos obuses rasgando os tímpanos, as veias na testa latejando.

Balas uivavam e gritavam. Stanley manteve uma mão na cabeça de Bones, mas Bones, nessa profunda e escura trincheira, se mostrava calmo, apenas babando ligeiramente porque, para ele, o som de bombardeios significava também que devia haver comida.

A madrugada relutante rompeu e uma luz turva arrastou-se por todo o campo de batalha. Saindo do nevoeiro, aviões britânicos apareciam e desapareciam atacando as trincheiras inimigas. Horas e horas seguidas, de forma interminável, a luta continuou a ser travada, durante toda a manhã, com todos os canhões do mundo disparando ao mesmo tempo, toda a planície em chamas com as granadas explodindo, com estrondos selvagens e gritos ferozes.

Meio surdo agora por causa do barulho, embora ainda tremendo de terror, Stanley assistiu e tentou decifrar e desembaraçar o caos que via. As granadas que explodiam imediatamente com o impacto no solo, atirando pedras e terra trinta metros acima, eram altamente explosivas. Seus estilhaços podiam voar a sessenta quilômetros de distância da explosão e provavelmente podiam matar a essa

distância. Aquelas que explodiam no ar eram as granadas de fragmentação. Os canhões mais longos davam gritos quando disparados, e depois um guincho, enquanto os canhões de três polegadas emitiam um rosar contínuo.

Com as mãos tremendo, Stanley agarrou o pesado periscópio da trincheira. Agora ele conseguia enxergar o que estava visível em meio àquela neblina, sem ter que levantar a cabeça acima do parapeito. Ele queria checar o posto de observação avançado do cabo Hunter.

Diretamente abaixo do ponto onde estava Stanley, existia uma casamata britânica. Essa era a estação na qual estavam baseados os sinaleiros de Hunter e era um dos três pontos onde jaziam os cabos enterrados do militar. Três linhas de comunicação, com quinze metros de distância entre elas e em paralelo, que se aproximavam e se afastavam a cada cinquenta metros, iam do posto de sinalização de Hunter para cada um dos outros. Essas linhas podiam continuar trabalhando com até setenta impulsos ao mesmo tempo. Outras linhas de comunicação iam para trás, ligando a estação de sinalização do cabo Hunter ao quartel-general da brigada e aos oficiais de patente mais alta.

Fidget deslizou ao redor do poste de madeira da casamata de Stanley, as sobancelhas voando para cima e para baixo na testa. O barulho era muito alto para se poder ouvir qualquer coisa, mas as mãos de esqueleto de Fidget estavam descrevendo um pombo subindo, circulando no ar. Stanley ficou aliviado ao ver que os dedos de Fidget tremiam, e que ele parecia tão apavorado quanto Stanley. Fidget estava gesticulando agora para o nevoeiro, mergulhando a cabeça e cobrindo-a com um braço. Os pombos não iam gostar daquele nevoeiro, dizia ele, eles não voariam no meio daquilo. Se eu fosse o cabo Hunter, pensou Stanley, não incumbiria um pombo de tal missão.

E a lâmpada Aldis, também, teria ainda menor utilidade num nevoeiro dessa magnitude, assim como o heliógrafo. Um nevoeiro apresentava o pior conjunto de circunstâncias para uma estação de

sinalização. Se o cabo não pudesse usar o rádio, ou os pombos, e nem mesmo a lâmpada Aldis e o heliógrafo, ele estaria na dependência de os cabos não se romperem e dos mensageiros, caso contrário, todos os batalhões no setor seriam cortados do quartel-general da brigada.

— Está tudo bem, Stanley — berrou Fidget enquanto se dirigia para a estação de sinalização. — Eles estão segurando a linha de frente aqui. A Décima Oitava está atrasando o ataque.

Ao meio-dia o fogo inimigo se intensificou e se transformou em um furacão de bombas. Os morteiros martelavam a terra, atirando suas entranhas para o céu, revirando-a completamente. Poderiam as linhas de comunicação ainda estar funcionando? Mas como elas poderiam ter sobrevivido a esse bombardeio tão intenso? O posto de observação (PO) abaixo, o único suficientemente perto para que pudesse ser visto em meio à neblina, estava sendo flagelado pelas granadas. Stanley tinha abandonado o periscópio, o parapeito tremendo tanto com as explosões que seu campo de visão pulava de um lado para outro na planície a cada martelada. Como alguém poderia saber o que estava acontecendo?

Fidget voltou, seus olhos de groselha mutáveis totalmente abertos, alarmado.

— A Décima Quarta Divisão, que estava mantendo as linhas ao norte, eles recuaram.

Stanley pegou o binóculo e, usando os dedos, fez a lente aproximar o campo de visão para poder enxergar com as duas lentes. O PO estava balançando como um barco no mar diante dele. De repente, o PO se desintegrou, dispersando-se no ar como se tivesse sido construído de farinha.

Um sapador gritou da escada de madeira abaixo:

— Sem comunicação com a companhia à frente à esquerda, a cerca de setecentos metros a leste da ferrovia.

Acima do rugido geral, Fidget gritou no ouvido de Stanley:

— Cortou as linhas... O bombardeio cortou as linhas.

Sob as ordens do cabo Hunter, dois homens afundaram na terra acima do PO. Horrorizado, Stanley assistiu enquanto eles se arrastavam, desprotegidos, descendo a encosta com nada além de sua bobina de cabos, seus alicates e fitas isolantes, pinos de segurança e canivetes. Não se poderia esperar, evidentemente, conseguir manter as linhas telefônicas funcionando quando o mundo inteiro estava sendo virado do avesso. Será que ele seria capaz de fazer isso, Stanley se perguntou, se recebesse a ordem de rastejar, descendo aquela encosta desolada? Os dois instaladores de cabos corriam as mãos ao longo dos fios e cabos, dando tapinhas e chamando a estação de sinalização em intervalos. Stanley ouviu a resposta dos sapadores vindo lá de baixo:

— Uma companhia deu o sinal de OK.

E então veio outra chamada, do operador do Fuller-phone do quartel-general da brigada:

— O cabo foi reparado, temos linha até a Companhia A.

—Sem comunicação com a Companhia B — gritou o sapador. — Não há sinal da Companhia B.

Houve uma súbita cintilação, como os relâmpagos de verão. Uma chuva trovejante de luz e faíscas e de granadas azuladas explodiu do outro lado do canal.

De longe veio o barulho de gongos e de batidas com baioneta em latões de metal vazios — essa era a sirene de gás, o alarme de gás. Os hunos estavam respondendo ao fogo britânico com bombas de gás.

— Levem os homens a campo aberto! — era alguém na estação de sinalização gritando na linha. Uma fumaça espessa, sinistra e amarelada inchava dentro da névoa.

Stanley agarrou o braço de Fidget — lá fora, abaixo de onde eles estavam, entre as granadas caindo do céu e a espuma vazando do interior da terra, estava um homem, correndo em direção à sua trincheira. Seria um corredor, um mensageiro da Companhia B? O

corredor se aproximava, estava quase chegando ao parapeito. O cabo Hunter estava lá, pisando no degrau interior da trincheira, pronto para deixá-lo entrar.

Stanley viu o mensageiro falando, ouviu o cabo repetindo suas palavras, gritando escada abaixo:

— Postos avançados inimigos, soldados inimigos... Atrás de nossas linhas a nordeste... A Companhia B forçada a recuar. Uma estação de sinalização avançada destruída. A Décima Quarta sofreu um revés. O inimigo está dentro de um raio de trezentos e cinquenta metros de Villers.

Mas onde estava o outro corredor? Eles eram sempre enviados em pares, mesmo que levassem a mesma mensagem, na esperança de que pelo menos um deles conseguisse chegar ao seu destino. Stanley agarrou o binóculo, olhou para fora e viu o homem... Lá... Cambaleando até a encosta aberta, uma mancha escura em seu peito, uma mancha crescente em carmesim rastejando para fora. Até que ponto ele tinha corrido com essa ferida? Seus gritos pareciam perfurar a própria terra, pareciam até mesmo dilacerar o barulho ensurdecedor dos canhões. Stanley começou a escalar o degrau da trincheira, mas o cabo Hunter o puxou de volta e juntos eles assistiram, impotentes, enquanto o mensageiro desabou no chão, apertando o peito, arfando, morrendo a apenas quarenta e cinco metros de onde eles estavam. Stanley estava horrorizado. Ninguém poderia ir ajudar o homem? Fidget e os homens mais além, eles todos viraram a cabeça para longe. Mesmo assim, o rapaz continuou olhando, procurando algum sinal de vida, observando, até que viu bolhas vermelhas espumando pela boca e pelo nariz. Em seguida, ele também virou a cabeça.

— Eles sofreram um revés, a linha de frente está recuando! — gritou Hunter. — Forçados a recuar por causa do recuo da Décima Quarta!

O cabo Hunter pegou o binóculo de Stanley e o levantou até os olhos. Sulcos profundos estavam esculpidos pela testa como dois vales gêmeos. Hunter gritou para que mais dois instaladores de

cabos fossem lá fora consertar as linhas de comunicação, e, quando fez isso, Stanley viu os olhos dele cintilarem sobre o parapeito, em direção à parede de fogo ao longo do lado mais distante do canal. Que chances de sobrevivência o cabo estava dando aos seus homens? Ele sabia, mesmo que os homens saíssem, que não havia nenhuma possibilidade de sua volta? Outro instalador estava lutando para abrir caminho na trincheira e alcançar o superior:

— O bombardeio está cortando as linhas, senhor... Não há sentido, senhor, elas estão sendo explodidas aos pedaços assim que são colocadas.

— Oh, Deus — suspirou Hunter. — Não temos como enviar mensagens e não há como instalar novas linhas de comunicação até de noite. Temos apenas os corredores, e eles não têm chance. Os hunos tomaram o túnel que passa sob o canal, e eles teriam que atravessar a nado.

Hunter correu de volta para a estação de sinalização. Houve mais gritos vindos de baixo, ininteligíveis. Fidget gritava a Stanley que a linha de frente tinha recuado mais uma vez, que eles não estavam conseguindo resistir. Um homem veio subindo a escada, a pele pálida, os olhos cheios de medo; era um novo mensageiro, com Hunter logo atrás. Hunter olhou para o canal e para a foice de labaredas que se aproximavam cada vez mais com o passar das horas.

Stanley olhou para o rosto do corredor. E olhou para Bones, pronto e disponível. Será que agora eles iam querer sua ajuda? Era o que os olhos redondos do cão pareciam perguntar. Stanley observou, com uma onda de amor, o grande crânio quadrado e as orelhas de pé como asas, e sentiu um carço subindo em sua garganta. Bones é quem deveria ir, e não um homem. Um cão era mais rápido, menor, teria melhores chances.

— Não, senhor. Não envie um homem. E-envie meu cão, senhor.

Hunter se virou.

— Enviar um cachorro?

Sua cabeça agitou-se de maneira irritada e em zombaria.

— E-envie o cachorro, senhor — disse Stanley. — Salve o homem e envie o cão. — Bones se aproximou de Stanley, a cauda se agitando rapidamente. — Foi para isso que ele foi treinado, senhor.

Hunter olhou para a planície.

— Ele é tão bom quanto um homem, senhor, é melhor do que um homem. Envie Bones para a Companhia B com o corredor, senhor, mas deixe que o cão volte para cá com a mensagem. Ele é um poderoso nadador, senhor.

— Tudo bem — Hunter fechou os olhos e balançou a cabeça. — Certo — disse —, vamos fazer uma tentativa.

O corredor movimentou os lábios num sincero “Deus o abençoe” dirigido a Stanley.

O rapaz se ajoelhou no estrado de madeira na frente de Bones. O cachorro era tão alto, tão imponente, que fez o coração do jovem ficar apertado.

— Faça o seu melhor, Bones. É muito importante. Fique sempre abaixado. Volte para cá. Acima de tudo, Bones, volte para cá.

Stanley levantou-se e entregou a guia do cachorro para o corredor que estava esperando.

Poucos quilômetros a leste de Villers-Bretonneux



Ambos os lados estavam esperando, ambos observando, ambos desconfiados. O bombardeio tinha acabado, o nevoeiro começou a se dissipar e a planície devastada começou a poder ser vista com mais clareza. A linha de frente estava fina e esporádica, apenas alguns pelotões aqui e ali. Os postos de observação das duas companhias, A e B, eram agora apenas montes de entulho. Não havia nenhuma linha de comunicação com a Companhia C.

Hunter estava ao lado de Stanley, ouvindo um dos instaladores dos cabos de comunicação.

— Há muitas pausas, senhor, há pausas demais... Nós não sabemos onde estão os homens... Se os homens estão...

Nauseado de preocupação, Stanley vasculhou a planície. Bones e o corredor tinham sido enviados para a Companhia B — ou para onde tinha estado a Companhia B, mais à frente à esquerda, na posição de dez horas. Para o norte, desse mesmo lado das linhas dos Aliados, havia certamente postos avançados do inimigo — pelo menos era isso que Fidget tinha dito. Stanley tinha enviado Bones. Ele em pessoa tinha enviado seu cachorro. Mas seria uma vitória sem sentido sobre o Fuller-phone se Bones fosse ferido de alguma forma.

Hunter vasculhou a linha ao longo do canal pela centésima vez. Gotas de suor cobriam a sua testa. O cabo virou-se abruptamente para Stanley.

— Ele já fez isso antes? Esse seu cão já trabalhou neste setor antes?

— Não, senhor, mas ele vai fazer. Ele pode fazer, senhor.

O cabo ergueu o quepe para enxugar a testa e Stanley notou, pela primeira vez, que Hunter não era muito mais velho do que Tom.

— Ele já trabalhou na linha de combate alguma vez, em qualquer lugar da linha de frente?

— Não, senhor, mas ele pode fazer isso, senhor. Ele é tão bom quanto um homem para esse tipo de trabalho.

Bones ia fazer o trabalho que ele conhecia tão bem, Stanley tinha certeza disso. O cachorro voltaria para casa de qualquer lugar onde estivesse, de qualquer ponto marcado na bússola. Ele era forte e destemido, e, se fosse apenas uma questão de correr da linha de frente para a linha da retaguarda, Bones faria isso. Mas se a linha de frente estivesse rompida, e se houvesse um batalhão de soldados inimigos por trás dela...

— E as coisas têm que chegar a isso? A um cachorro? — perguntou Hunter, ainda enxugando a testa.

Fidget agarrou Stanley, apontando.

— Stanley... Lá!

Um grito subiu da cozinha, emitido pelo cozinheiro.

— O cachorro do garoto... Lá! Vejam!

Mais gritos se ouviram ao longo da trincheira.

— É o cachorro do garoto! Ele está atravessando o canal!

Dois sapadores correram e ficaram de pé ao lado de Hunter. Stanley olhou, com o coração disparado. Lá, do lado mais próximo do canal — lá estava ele, o majestoso gigante, quarenta e cinco quilos de músculos reluzentes, sacudindo-se, agora galopando facilmente para longe, sem pressa. Agora mergulhando na linha férrea soterrada. Stanley esperava, a respiração presa.

— Isso, garoto esperto, isso mesmo, proteja-se — sussurrou Stanley.

Os minutos se passaram. Muito tempo, muito tempo — ele devia estar subindo a esta altura. Stanley vislumbrou Hunter balançando a cabeça de um lado para o outro. Stanley se acalmou. Não, Hunter estava errado, o cão viria para cima, mas em que ponto? Fidget agarrou Stanley novamente, apontando. O cão tinha subido agora, saindo da proteção da via férrea que tinha afundado com o bombardeio, e estava se mantendo abaixado no chão como um tigre, o corpo malhado resoluto, contornando sulcos, cristas e pedaços irregulares de ferro. Eles assistiram enquanto Bones fez um semicírculo, rodeando a borda alta e firme de uma cratera.

— Espantoso... — disse Hunter.

Stanley podia enxergar em seu coração os triângulos negros das orelhas e os olhos brilhantes, podia ouvir em seu coração as pisadas firmes daquelas patas enormes. Aquela pequena mensagem presa em seu pescoço, se Bones pudesse entender, ia de Hunter para o quartel-general da brigada, e depois pelo cavaleiro ao comandante do Exército e por telefone até o quartel-general do Exército. A partir dali a mensagem iria até a sede do comandante-chefe e finalmente seria enviada cruzando o Canal da Mancha até o Departamento de Guerra, em Londres.

Transbordando de orgulho, Stanley viu Bones correndo através da planície devastada. Ele mesmo havia treinado esse cachorro, disse o rapaz em voz baixa, vendo-se abrindo o cilindro, puxando a mensagem para fora, checando o tempo, anotando em seu Livro de Registro do Exército, entregando a mensagem para um Hunter surpreso e agradecido.

Stanley, Hunter e Fidget, todos estavam próximos, todos com a atenção voltada para Bones. Mais além de Fidget se estendia uma fileira de homens tensos, todos observando o cachorro. Bones mergulhou em um pequeno afluente raso e Stanley ouviu Hunter dizer:

— Incrível... Ele está procurando um abrigo de novo...

— Vem, Bones, vem — Stanley sussurrou.

Havia talvez apenas uns trezentos metros para prosseguir. Stanley estava preparado para deixar o cão entrar, segurando de lado a rede de arame farpado que ficava acima dos degraus da trincheira, mexendo no petisco do cão em seu bolso, pronto com as palavras na boca: “Bom garoto, bom garoto...”.

Um morteiro explodiu subitamente do lado esquerdo de Bones e ele foi lançado para o céu em uma erupção vulcânica de terra e aço. Congelado de horror, Stanley viu seu cão com as pernas para cima, como um brinquedo de pelúcia voando pelo ar. O chão caiu debaixo de Stanley. Atordoado e doente de medo, ele procurou com os olhos, mais de uma vez, a área onde tinha visto Bones pela última vez.

— Mas de onde veio isso? — disse Hunter. — Alguém consegue ver o cachorro?

— Lá, senhor, a cem metros, senhor, ao norte... Onde as linhas foram rompidas... Um posto avançado inimigo bem atrás de nossas linhas! — gritou Fidget.

Hunter segurou o braço de Stanley e apontou.

— Lá... Lá está ele, seu cão se levantou...

Stanley não pôde ver num primeiro momento, estava tremendo tanto e tão violentamente... Então, conseguiu... Bones estava de pé, mas se dirigindo para o lado errado.

— Bones! — gritou Stanley, debruçado no parapeito. Hunter o puxou de volta para baixo. — Bones! — chamou de novo o rapaz.

A cabeça do cachorro virava para um lado e depois para o outro. Ele estava confuso. Desconcertado por sua queda no chão, ou pelo bombardeio. Stanley bateu um punho no outro, passando mal de medo, mas agora Bones estava correndo para longe em um curso em zigue-zague, perpendicular àquele que havia tomado antes. Ele seguiu em frente, sua extremidade traseira arredondada e arqueada. Hunter amaldiçoou o que via. Stanley subiu no degrau da trincheira de novo, para poder enxergar por cima do parapeito. O cão não

estava bem, ele tinha que chamá-lo de volta — Bones nunca se desviara de seu caminho até então.

— Bones! — chamou. — Bones!

Hunter o puxou de volta.

— Não... Não... — o braço de Hunter estava por cima do ombro do rapaz. — Abaixese, fique abaixado. Deixe o cachorro ir.

Stanley sacudiu-se para se libertar daquele braço e subiu o degrau de novo.

— Desça, Ryder! Isso é uma ordem! — gritou o cabo.

Duas horas escorreram em uma tristeza silenciosa. Stanley varreu a planície, dolorosamente, centímetro por centímetro, uma e outra vez. Se Bones estivesse vivo, voltaria; ele tinha sido atingido, talvez, mas continuava capaz de correr.

O emaranhado de fios, arames e mato no parapeito ficou escuro e indistinto. Ao longe, ao norte, os canhões inimigos recomeçaram a rosar e despejar seus clarões de luz e suas piscadelas mortais. Sabendo que Stanley estava esperando por Bones, e que não deixaria seu posto até que o cachorro voltasse, o cabo Hunter levou para ele a ração. Hunter não disse nada, mas Stanley sentiu seu desespero, o desespero de todos os soldados do regimento dos Devons, cuja esperança residia no cilindro ao redor do pescoço de Bones. Hunter colocou a ração de Stanley na plataforma, descansou a mão no ombro de Stanley e disse:

— Coma, Ryder, você precisa... — ela parou de falar, com a boca aberta, pálido ao olhar ao longo do comprimento da trincheira. — Ryder... — a voz de Hunter morreu.

No final da baía, na seção da trincheira que ficava além do abrigo de Fidget, estava o cozinheiro, com uma vela acesa na mão. Agora alguns homens estavam subindo, alguns ainda segurando a marmitta, subindo em uma onda e ficando de lado, com um horror silencioso nos rostos.

— Ryder, o seu cachorro, ele conseguiu voltar... — novamente, as palavras sussurradas de Hunter desapareceram.

Stanley pulou adiante, depois parou. Bones estava tropeçando, sem saber onde colocar as pernas, sem saber onde estava o chão, sem saber para onde ir... O que havia de errado? Ele estava cambaleando, pernas bambas e cabeça baixa, arrastando-se no chão... O que havia de errado? Aqueles olhos — estavam pegajosos, escorrendo. Bones não conseguia mais enxergar. Erra terrível de assistir. Cego e cambaleante, toda a graça desaparecida, cada passo desolador uma pálida lembrança de sua antiga nobreza, coragem e lealdade.

A vela que o cozinheiro tinha acendido foi passada pela fileira dos homens. Mais velas foram acesas por aqueles que estavam ao lado, como se fosse uma guarda de honra para aquele enorme cão tropeçando em meio a eles, as ancas dobradas.

Não querendo confundir o cão, Stanley deu um passo adiante lento e deliberado, estendendo a mão, agora se movendo para mais perto novamente. As orelhas de Bones se agitaram. Ele ergueu a cabeça alguns centímetros.

— Bom garoto, bom garoto — sussurrou o rapaz. Bones deu mais um passo trôpego. Mais um passo e ele chegou ao seu mestre, cambaleando, e caiu aos pés de Stanley. Um segundo se passou. — Bom garoto, bom garoto.

Stanley estava sussurrando, mas agora, usando suas últimas forças, Bones tentava se erguer, endireitar as patas dianteiras trêmulas, para levantar a cabeça para o seu mestre.

Stanley viu as orelhas ficarem eretas, a cauda tremer, e viu os olhos pegajosos, danificados.

— Bom garoto, bom garoto — com dedos desastrados e inúteis, Stanley soltou o cilindro e tirou a mensagem, entregando-a depois a Hunter.

A cabeça de Bones bateu no chão, suas mandíbulas soltas se espalhando pelo deque de madeira empoeirado.

Fidget retorcia as mãos.

— Foi gás, Stanley, eles jogaram gás no cachorro. Atire nele... É a melhor coisa a fazer... Sacrificar o cão.

— Pois eu vou atirar em você antes que eu atire neste cão.

Stanley ouviu a raiva na voz de Hunter, virou-se e viu que ele estava limpando os olhos enquanto tentava ler a mensagem.

Havia uma nova nota de pânico na voz de Hunter quando, ainda lendo, ele gritou chamando um sapador.

— A Companhia B está mantendo alguns prisioneiros boches. Não há nenhuma linha de frente por lá, eles estão presos, cercados pelos três lados, a cento e cinquenta metros à direita da interseção da estrada e da ferrovia que foi soterrada. Todos os equipamentos de sinalização destruídos antes de deixarem o posto. Os prisioneiros revelaram que haverá um novo ataque esta noite. Às vinte horas...

— Hunter olhou para cima. — Daqui a quinze minutos não teremos mais nenhuma linha de frente neste setor. Somos alvos fáceis — Hunter entregou a mensagem ao sapador, virou-se para Stanley, em seguida girou o corpo para ir embora, hesitou e voltou-se de novo.

— Quinze minutos... Meu Deus!... Graças a Deus, Ryder, pelo seu cão. Eu nunca teria acreditado se não tivesse visto com meus próprios olhos.

Hunter saltou para longe, gritando e chamando um veterinário, enquanto corria para a estação de sinalização.

Minutos depois, houve pânico e desordem ao longo da trincheira.

— Para trás, para trás. Tomem posição nas linhas de apoio.

— Para trás na trincheira. Para trás, para trás na trincheira.

— Continuem se movendo para trás!

Em meio à enxurrada de homens indo para a trincheira de comunicação, Stanley ficou sentado sozinho, embalando a cabeça de Bones, procurando com dedos nervosos nos flancos do cachorro por outros ferimentos. Faltavam apenas quinze minutos para o ataque dos hunos. Ele sentiu uma picada aguda na ponta de um dedo. Ao

longo da borda inferior do flanco exposto, ao longo da linha da barriga, havia um corte profundo do comprimento do braço de uma criança, a pele rasgada, as entranhas atadas em farpas de arame. Stanley emitiu um som engasgado, as mãos tremendo, impotentes acima daquela pele rasgada. Cego. Com arame farpado nas entranhas e com gás venenoso nos pulmões. Quando é que alguém apareceria para ajudá-los? Ele não seria capaz de carregar seu cachorro... Eles iriam ficar para trás quando todos recuassem?

Por todo lado havia gritos confusos. Um fluxo de homens se derramava pela trincheira de comunicação, os remanescentes de uma divisão inteira surgindo em uma retirada precipitada. Stanley ficou de pé e olhou em volta. Uma maca — ele tinha que encontrar uma maca. Insensatamente, espiou por cima do parapeito. Sombras de passagem de repente se transformavam em homens, figuras macabras e esfarrapadas que tropeçavam ao longo daquela trincheira em suas botas pesadas e enormes capacetes, usando os fuzis como muletas. Naqueles lugares onde as trincheiras estavam muito congestionadas, os homens subiam para o espaço aberto, tropeçando sobre os destroços e caindo nas poças de lama, por cima de carros e vagões quebrados. Uma equipe arrastava um canhão, os artilheiros aterrorizados chicoteando e amaldiçoando suas montarias para que seguissem em frente. Um soldado da infantaria estava empurrando outro, com o rosto púrpura, os olhos esbugalhados e avermelhados, em um carrinho de mão. Um carrinho de mão! Stanley poderia levar Bones em um carrinho de mão... Mas... Onde conseguir outro carrinho de mão?

— Stanley. Depressa!

Era Fidget. Fidget estava trazendo uma maca. Stanley foi dominado por completo por alívio e gratidão.

— Rápido, Stanley. Ponha ele em cima. Rápido!

Fidget estava amarrando a cesta de pombos em suas costas.

Além do parapeito, alguém gritou:

— Onde está a linha de frente?

— Não existe mais.

Stanley colocou a maca na plataforma e, juntos, eles ergueram o cachorro indefeso e o colocaram sobre ela, enquanto ao redor deles os homens gritavam e xingavam:

— Continuem indo para trás. Depressa. Não parem, vão para as trincheiras de reserva. Sigam em frente. Sigam em frente.

Stanley e Fidget abriram caminho naquele fluxo de soldados que inundavam as linhas de apoio, alcançaram o ponto de interseção com a trincheira de comunicação, e, poucos segundos depois de virarem, ouviram uma confusão de paredes desabando e explosões de morteiros.

Gritos de alarme e de homens se espalhando e correndo em direção às linhas da retaguarda.

— A linha de frente... Está nas mãos do inimigo! A linha de frente caiu nas mãos do inimigo!

— Os hunos tomaram os postos de observação e partes da trincheira a cento e quarenta metros de distância!

— O inimigo vem vindo atrás de nós!

Outra explosão selvagem fez Stanley saltar enquanto terra e sujeira choveram naquela trincheira de comunicação.

— Deus! — lamentou Fidget enquanto se virava para Stanley, e os dois se entreolharam, afastando a poeira e os detritos dos olhos, e limpando o suor e a sujeira do rosto. Ambos olharam para trás com o mesmo sentimento de pavor.

— Pegue, segure isso.

Stanley enfiou o cabo da maca nas mãos mais próximas e saltou para cima do parapeito. O teto da estação de sinalização tinha desabado. A fumaça estava saindo lá de dentro. Hunter teria estado lá destruindo os equipamentos antes de abandoná-los. Stanley viu uma figura alta chegar ao degrau da trincheira, cambaleiar dois passos e cair, contorcendo-se.

— Hunter — suspirou o rapaz.

O corpo de Hunter sofreu um curto espasmo súbito, e então ficou rígido. Houve outra explosão. Insensível ao choque, Stanley caiu de volta na trincheira de comunicação, olhou para Fidget e balançou a cabeça lentamente de um lado para o outro.

— Hunter — disse ele. — Eles pegaram o Hunter.

O soldado da Devon que estava segurando a maca a empurrou de volta para as mãos de Stanley.

Na linha de apoio, um oficial estava segurando um rifle para deter os fugitivos, berrando:

— Parem! Fiquem firmes. Assumam aquela posição!

Ele deixou Stanley e Fidget passarem, acenando e apontando uma estação de primeiros-socorros veterinários. Eles costuraram seu caminho passando por unidades que cavavam novas sepulturas, por uma fila de feridos envoltos em cobertores num posto de enfermaria, entre fileiras de padiolas, carrinhos, caixas de munição e colunas de soldados, o tempo todo Stanley sussurrando continuamente a Bones:

— Bones, fique comigo, Bones, fique. Agente mais um pouco. Você vai ficar bem, você vai ficar bem...

— Ali.

Fidget apontou para uma carroça puxada por cavalos, ao lado da qual dois homens estavam tratando de um cão ferido sobre uma pequena mesa de madeira. Um oficial veterinário com o rosto magro se aproximou e lançou um par de olhos cansados sobre Bones.

— Gás... Caso grave.

Em silêncio, Stanley guiou os dedos do homem ao arame farpado na barriga de Bones. O oficial olhou para cima e disse:

— Não é um caso para as Unidades Móveis.

Atordoado com o terror e o horror daquele dia, Stanley cobriu os olhos enquanto falava.

— N-não há n-nenhuma esperança?

O veterinário pegou sua mão.

— Nós tratamos de centenas de animais — todos os dias — e setenta e cinco ou mais ficam aptos o suficiente para voltar para a linha de frente.

— O que acontece com... com aqueles que não ficam bem o suficiente para voltar?

Havia mágoa na voz do oficial quando ele teve que responder:

— Temos ordens para sacrificar os animais que não podem ser liberados de volta ao serviço ativo.

Com um aperto suave, ele soltou a mão de Stanley e o dirigiu para uma ambulância puxada a cavalo que iria para o Hospital Veterinário 10. Fidget ajudou a carregar Bones na ambulância e se virou para ir embora.

— Boa sorte, Stanley — disse ele. — Deus abençoe o seu cão.

Sozinho na ambulância, Stanley chorou abertamente por Bones, que tinha corrido com olhos cegos através de uma batalha que ficava tantos mundos além de sua compreensão.

NOITE DE 4 DE ABRIL DE 1918

Hospital Veterinário 10, Neufchâtel, perto de Etaples



Juntos, Bones e Stanley viajaram sozinhos por uma curta distância durante a noite, o piloto da ambulância escolhendo seu caminho sem iluminação através de uma estrada esburacada, passando por batalhões da infantaria, da cavalaria e por intermináveis engates de caixas de munição, até que alcançaram o que parecia ser uma grande tenda branca de circo. Uma bandeira branca com uma cruz azul ao centro tremulava em um mastro.

Enfermeiros recolheram Bones da ambulância e o levaram por um espaço fracamente iluminado repleto de tendas de isolamento com janelas gradeadas, alas de pneumonia, alas de sarna e uma sala de cirurgia.

Um oficial vestindo um avental branco sobre o uniforme cáqui, os olhos rodeados de círculos escuros, se aproximou.

— Tenente Fielding, Jolyon Fielding.

Ele estendeu a mão. Por trás de Fielding viam-se fileiras de cavalos, em talas ou enfaixados, sendo limpos e arrumados.

Fielding pôs a mão no coração de Bones, estudando Stanley enquanto fazia isso. Ele puxou o cobertor para baixo. Sob a luz amarela da lanterna, ambos viram o pelo listrado brilhando como veludo à luz de velas, e abaixo as vísceras brancas e rosadas, os pedaços de arame farpado.

— Oh... — Fielding olhou para cima. — Ele voltou correndo desse jeito?

Stanley assentiu, sem voz. Fielding sustentou o olhar por um ou dois segundos e então balançou a cabeça.

— Não há nada que eu possa fazer. Sinto muito — Fielding tomou a mão de Stanley. — Ele tem muito pouco tempo. Você deve ficar com ele até o fim.

Ainda mudo, Stanley balançou a cabeça novamente. Fielding assistiu enquanto Stanley subiu na mesa e se deitou ao lado de seu cão.

— Bom menino... Bom menino — disse Stanley, e deitou a cabeça ao lado de Bones, a mão sobre o flanco do cão, sentindo a respiração subir e descer lentamente. Fielding puxou o cobertor sobre eles e disse que estaria de volta em pouco tempo.

— Bom garoto... Bom garoto. Vá, vá, garoto, pode ir... — sussurrou Stanley, acariciando as orelhas, o focinho profundo. — Pode ir... — lágrimas silenciosas corriam pelo seu rosto. — Vá, garoto, vá.

Uma hora se passou antes que Stanley sentisse o tremor de uma única orelha contra seu rosto, suave como a batida de uma asa de borboleta.

Na manhã seguinte



Embriagado de exaustão, desincorporado por causa da tristeza, Stanley andou sem ver e sem ouvir, passando pelas barracas, pelas tropas, em direção ao Canil Central, sem o suave caminhar das patas atrás de si, sem a enorme cabeça onde descansar a mão. Ele tinha uma única ideia na cabeça: ir para casa, ir para Lara Bird, para Nethercott. Pegaria seu pagamento, confessaria ser menor de idade e iria embora.

— Adestrador Ryder, senhor — Stanley saudou o major em sua mesa no Canil Central.

— Ah! — O oficial saltou sobre seus pés. — Adestrador Ryder. — Ele deu a volta na mesa para ficar na frente de Stanley. — Sinto muito, rapaz. O cabo Hunter telegrafou para nos contar... Todos nós ficamos sabendo, Ryder, todos nós ouvimos o que o seu cão fez.

— O cabo Hunter? — perguntou Stanley, estupidamente.

O major assentiu, fechando os olhos.

— Sim, ele telegrafou para dizer que o batalhão foi salvo, pela mensagem que seu cão carregou. Não a Companhia C. Não houve nada... Não havia nada que alguém pudesse fazer, mas as linhas de retaguarda, os remanescentes da linha de frente, sim, todos esses voltaram. Dez minutos depois que ele enviou o telegrama, a estação foi atingida. E ele foi morto imediatamente. Hunter disse que o cão merecia a Cruz da Vitória, que sua coragem e seu sentido de dever eram iguais aos de qualquer homem.

Entorpecido e indefeso, Stanley se permitiu ser dirigido pelo major para a porta.

— Eles contra-atacaram no final da tarde com tropas descansadas, e os australianos comandados pelo coronel Milne capturaram duas divisões alemãs. Bem, nós não conseguimos interromper o sonho dos hunos de conquistar Villers, mas pelo menos os detivemos por mais algum tempo.

Stanley, ficando um pouco atrás do major, chutou a areia branca.

— Você é um dos nossos melhores homens, Ryder. Nós vamos levar você de volta para lá assim que for possível.

— Não... Não. Eu não, eu não... Eu não vou voltar, eu não quero outro cachorro.

— Siga-me. — O major parecia ter treinado a capacidade de não escutar os outros falarem. — Temos um cão na espera. O veterinário poderá lhe contar tudo sobre ele. Pode ser que apareça outro, mas comece com esse e nós, muito em breve, o levaremos de volta ao front.

Sem forças para resistir, Stanley se viu sendo levado para a tenda do veterinário do canil, onde foi passado, como se fosse uma criança indefesa, do major — que lhe desejou boa sorte — para o tenente-coronel Thorne. Thorne então começou a dirigir o rapaz para a parte de trás da enorme barraca. Ele dava muitos passos pequenos e rápidos com seus pés delicados. Thorne parecia ter apenas o tronco, e os quadris e as pernas vinham num rabicho atrás com se ele fosse um girino.

— Aqui está ele. Pistol.

Stanley não olhou para o cão; estava olhando diretamente para Thorne; não queria receber outro cão. Thorne estava todo inchadinho, com o peito de pombo estufado. Tinha cara de pássaro também, olhos redondos e o nariz pontudo, mas estava sorrindo agora, com o rosto se enrugando em um brilhante, surpreendentemente simpático sorriso, e parecia querer algum tipo de resposta de Stanley. Stanley olhou e viu, rapidamente, um cão

quieto e silencioso, enrolado naquele chão empoeirado, a uns quinze metros de distância dali, mais ou menos. Stanley olhou de volta para o tenente-coronel.

O tenente-coronel provavelmente já tinha ouvido isso antes, Stanley percebeu — tinha tanta prática quanto o major em pastorear os homens de volta para a linha de combate —, mas Stanley não tinha mais nada para dar, estava sem força, sem amor, sem coragem, tinha sido esvaziado pela dor e pela perda. Ele queria, simplesmente, estar de volta em casa. Soldier e Bones tinham levado com eles tudo o que ele tinha. O jovem desviou o olhar para a cegante vastidão branca, passando pelas fileiras de canis até as barracas mais além. E viu apenas um mundo que tinha sido drenado de cor e sentimento. Eram tantos homens, muitos homens, mas ainda assim um rapaz poderia se afogar em sua própria solidão. No entanto, se Bones não tivesse corrido de volta para as trincheiras, Stanley pensou estupidamente, ele também teria estado naquele posto de sinalização, ele também teria morrido.

— Eu acho que você poderia fazer bem ao cachorro, ajudar esse animal... Ele passou por maus momentos.

Thorne estava se aproximando timidamente do cão. Que ficou de pé nas quatro patas e se virou, rosnando, encolhendo-se, arreganhando a boca e mostrando os dentes. Ele estava sem pelos em alguns lugares, com tufo de cor de aço em outros. Os olhos apáticos do cachorro fizeram com que Stanley tivesse vontade de olhar para outro lado, com medo de ver a cabeça que pendia como um peso daquele pescoço, a carne salpicada de feridas abertas. O cão urinou onde estava sem sequer levantar uma perna. Agora estava agachado e encolhido, cada fibra de seu corpo expressando um medo extremo. O tenente-coronel, parecendo um pouco magoado, tinha se deslocado para ficar ao lado de Stanley.

— O que aconteceu? — perguntou Stanley simplesmente. — Quem fez isso?

O cachorro tinha se agachado tanto que a pele nua de sua barriga estava raspando o chão.

— Bem, é uma longa história... Esse cachorro era um vira-lata que foi apreendido pela polícia em Liverpool. Eles não estão mais matando os cães de rua, como se vê, e foi assim que o coronel Richardson o conseguiu. Macy, o veterinário, tratou dele — o coitado tem um caso grave de sarna sarcóptica, e é por isso que a pele dele é tão áspera, parecida com couro em alguns lugares. Macy deu-lhe um banho contra a sarna e faz algum tempo que ele está em tratamento.

Stanley estava olhando para longe, muito além das barracas. Bastaria que eu começasse a andar, ele pensava, bastaria girar o corpo e começar a andar e andar e andar, até eu chegar aos barcos.

— Agora, veja bem, adestrador Ryder, esse cão pode não ter lá uma boa aparência, mas ele é leve e musculoso, é forte e é inteligente. Eles têm cérebro, esses mestiços, e eu sei que inteligência é o que você precisa. Ele é bom; você não vai ter que lhe ensinar absolutamente nada.

O cachorro choramingou e soltou mais urina, a cauda sem pelos dobrada entre as pernas traseiras, e depois se deixou cair no chão que tinha acabado de encharcar.

"*Não!*", Stanley teria gritado para o céu se ainda tivesse forças, mas simplesmente olhou para o tenente-coronel Thorne e balançou a cabeça.

— Não — repetiu o jovem em voz alta.

Ele seria ouvido. Iria para casa. Talvez todos os oficiais estivessem acostumados a ouvir os soldados dizerem "*Não*", porque o tenente-coronel ainda estava falando.

— Não se deixe levar pela aparência dele. Você vê ali, em volta do pescoço; aquelas manchas de pele eram muito doloridas, mas agora estão mais suaves, viu? Está nascendo pelo de novo. Ele está melhorando dia a dia. Ganhe sua confiança e você vai fazer dele um bom soldado.

Stanley viu a pele rachada e seca ao redor das orelhas, as manchas de carne nua. Sentia-se débil, sem energia, nauseado,

então se virou, incapaz de lutar contra a sua repulsa. Ele não era cativante, esse cão, não era como Bones. Nenhum cão nunca poderia ser como Bones. Thorne estava pisando dentro de sua barraca, talvez para buscar alguma coisa.

— N-n-não — disse Stanley, tarde demais para Thorne ser capaz de ouvi-lo. — Eu não vou voltar para lá.

Distante e desconectado de tudo ao seu redor, Stanley ainda estava pensando, *eu só preciso andar, andar e andar, e, se eles me pararem, vou dizer a eles que sou muito jovem.*

O cão cinzento soltou um gemido estranho e de cortar o coração, cutucando Stanley e obrigando-o a sair de seus sonhos. Apesar de si mesmo, apesar de seu cansaço, Stanley se agachou e se obrigou a ficar um minuto ou mais olhando para o cão.

— Por que você está tão triste? — sussurrou.

Ainda agachado, Stanley moveu-se um pouco para a frente. O cão estremeceu e reagiu com um reflexo abrupto, arreganhando os dentes.

— Você está cansado, não está? Tão vazio e tão desgastado quanto eu... — Entorpecido com a exaustão, com pena e com repulsa, o rapaz ficou ali, a cabeça agora inclinada sobre os braços. Thorne estava na porta, segurando uma coleira, um cilindro de mensagens e uma guia. — O q-que aconteceu? O que aconteceu com ele? — Stanley explodiu. — S-sarna, a sarna sozinha... Ela não faz isso com um cão!

O tenente-coronel respirou fundo, o peito inflando além de toda probabilidade razoável.

— Pistol teve um curto período de serviço ativo, mas seu adestrador... Bem, seu adestrador sofreu de um caso agudo de "shell shock"^[3]. Ele perdeu a cabeça e surtou, pegou uma arma — Thorne cobriu os olhos —, pelo menos foi o que nos disseram, apontou-a para a cabeça desse cão e disparou...

Stanley cambaleou. O próprio mestre de Pistol tinha pegado uma arma e... Thorne ainda estava falando.

— Alguém apareceu e empurrou o cano para o lado, mas o cão sabia...

Apontar uma arma, Stanley estava pensando, para um cão que daria tudo de si, que daria tudo dele por você! Desgostoso e enojado, Stanley olhou para o inocente cão cinzento deitado no solo.

— Oh... — disse ele. — Oh...

Alguns minutos se passaram.

Stanley chegou um pouco mais perto.

— Não é de admirar — ele sussurrou. — Não é à toa que... — Ainda agachado, mantendo as mãos ao lado do corpo, Stanley avançou novamente.

O cachorro virou a cabeça para o rapaz. Um segundo, talvez mais, se passou e o focinho do cão se contraiu, depois se contraiu novamente. Ele piscou e se esgueirou para a frente dois ou três passos, as ancas dobradas quase até o chão, depois parou e esperou, o focinho se contraindo. Começou a tremer. Suas sobrancelhas piscaram para cima e para baixo, a cauda sem pelos deu uma sacudidela pela areia, levantando nuvens de poeira. Stanley ficou onde estava. O cão tremia agora, da cabeça à cauda. Thorne ficou em silêncio, observando. O cão se esgueirou para mais perto e sua cauda deu uma sacudidela uma vez mais. Lentamente, Stanley abriu a palma da mão por baixo da longa mandíbula estreita. Mais lentamente ainda, ele avançou até a pele ferida e rachada sob o pescoço e mais acima, em torno das orelhas. O cão descansou o focinho comprido sobre o colo do rapaz, sua cauda chicoteando para a frente e para trás.

— Bem, eu nunca... — disse Thorne, parecendo satisfeito, o peito inchando ainda mais.

— Todo mundo — sussurrou Stanley —, todo mundo também anda triste. Quebrado. Aterrorizado. Todo e qualquer homem por aqui... — Stanley continuava a sussurrar, agora passando a mão

aberta ao longo do flanco do animal, sentindo o tremor sísmico abaixo de seus dedos. — Eu posso ver o branco dos seus olhos. Você está aterrorizado também, não é? Você não sabe nem se importa, certo? Você está além de receber carinho...

Pistol era uma mistura de cruzamentos de algum tipo, seria difícil dizer até que sua pelagem melhorasse, mas ele tinha peito largo e pernas compridas — focinho comprido, pernas finas, e não tinha barriga. Stanley viu a seriedade do cão, sua falta de expressividade, e sentiu, como se fosse a ferida de uma faca, o bom humor de Bones, sua truculência, sua ingenuidade, seu entusiasmo otimista. Stanley baixou a cabeça. Não, ele pensou, estou sem forças mesmo, estou fraco demais para cuidar de você. Mal posso cuidar de mim mesmo... Stanley moveu as mãos para que ficassem sob as mandíbulas do cão e levantou a cabeça do seu colo, sentindo quando fez isso as crostas secas atrás das orelhas.

— Não — Stanley levantou-se até a metade, dizendo a si mesmo: — Eu não consigo voltar lá, não consigo levar outro cachorro — e disse a Thorne. — Não, não posso. Eu não posso fazer isso.

Thorne pareceu chateado, depois perturbado quando o cão se empinou e se encostou penosamente nas pernas de Stanley.

— Não — disse o rapaz a Pistol. — Quietos. Senta — Para Thorne ele disse: — Não. Eu vou para casa.

Stanley girou nos calcanhares antes que pudesse ouvir qual seria a resposta de Thorne e marchou para ir embora. Ele ia voltar para o major e dizer que era menor de idade, que queria ir para casa. Na porta do quartel-general, Stanley fez uma pausa, vendo com uma onda de irritação que o estranho e silencioso cão de repente estava ao seu lado.

— Não. Vá, vá! — O cachorro parecia agoniado. A exasperação de Stanley cresceu. — Não. Vá embora. Vá!

O cão se manteve firme, cheio de convicção de que estava no lugar certo.

— Vá, garoto, vá!

Ele ergueu uma pata dianteira. Onde é que esse rapaz quer que eu vá, se não for aqui mesmo?

— Vá, rapaz. Vá!

Stanley estava entre a porta do quartel-general e o cão, frustrado. Precisava conversar com o pessoal do canil, devia dizer a eles imediatamente que estava indo para casa, mas também precisava se livrar daquele cão. Virou-se e marchou de volta para a barraca de Thorne. O cão trotou, leve como uma nuvem, bem ao lado, o longo focinho erguido na altura da mão do rapaz. Stanley caminhou mais rápido, com raiva de si mesmo, zangado com esse cão cinzento miserável. O cão o seguiu bem atrás de seus calcanhares, a cabeça erguida, as mandíbulas abertas em um meio sorriso.

— Não! — Stanley chiou finalmente. — Eu não quero você. Estou indo para casa.

O estranho cão cinzento acariciou as pernas de Stanley com o focinho. Stanley livrou-se dele e seguiu em frente.

Thorne estava esperando na porta. Ele tinha visto tudo. Stanley tirou a guia de Bones do bolso, prendeu-a firmemente em Pistol e o entregou a Thorne.

— Não. Eu não vou. Não é lugar para um cão.

A pequena cabeça de Thorne estava balançando para cima e para baixo, compassivo e paciente, como se estivesse pensando em persuadir um teimoso animal ferido, mas Stanley não queria nem compaixão nem compreensão, ele não daria tempo para que Thorne começasse a falar, e seus passos rápidos levantavam nuvens de poeira enquanto marchava para longe.

Ele alcançou as bandeiras azuis e brancas do quartel-general do Canil Central e se virou para verificar, antes de entrar, que Thorne ainda estava segurando o cão. Ao fazê-lo, viu o cão rodar e rasgar a correia através dos dedos de Thorne, observando horrorizado enquanto o cachorro voava direto para ele, correndo com todas as fibras do seu corpo, a traseira encolhida, a cauda estendida, o pescoço esticado, seu movimento líquido e suave, toda a sua forma

a perfeita expressão de uma vontade sincera e poderosa. A cabeça de Thorne estava balançando tristemente contra o peito, e Stanley descobriu-se gostando do homem ao vê-lo mais afetado pelo sofrimento do cão do que pelo seu próprio comportamento insubordinado. Pistol chegou aos pés de Stanley e se sentou, com os olhos estreitos, ofegante, sua cauda zumbindo, sorrindo para o rapaz.

— Stanley, meu rapaz, é você?

O garoto girou daquele enlouquecedor sorriso do cão para aquela voz familiar. Era Hamish, o mesmo Hamish que sempre tinha olhado por ele em Chatham, e que vinha correndo em sua direção.

Hamish abraçou Stanley, em seguida, com uma mão em cada ombro, recuou e olhou para ele com cuidado.

— Sim, eles me contaram — ele inclinou a cabeça, apontando para o quartel-general — Eles me falaram sobre o seu cão.

Uma súbita onda de tristeza tomou conta de Stanley e ele assentiu silenciosamente.

— Dizem que ele foi um belo cão...

Quando Stanley retomou a consciência, Hamish estava inclinado, acariciando o estranho e silencioso cachorro. Stanley balançou a cabeça.

— Eu nunca vou ter outro cão, Hamish, nunca.

— Sim, este amigo não é tão ruim... Tem um lébrel escocês nele em algum lugar... Sim, ele vai ser um cão bastante esperto... Um dos bons. Silencioso também — Hamish afagou as orelhas nuas de Pistol. — Assim como seu mestre — Hamish sorriu para Stanley, em seguida voltou-se para o cão. — Pobre bichinho; seu coração está nas Terras Altas, se está. Você é ainda muito jovem, não? — Hamish afastou os lábios finos do cachorro. — Muito jovem. Mesma idade, talvez, de uma criança de nove anos. Sim, um cão desses pode surpreendê-lo ao ver como cresce depressa. Você pode pensar que ele vai ter porte médio e, de repente, lá está um gigante peludo! — Hamish sorriu e despenteou as orelhas do cão novamente. — Isso

mesmo, esse é um cão das Terras Altas, com certeza, a soma e a substância dessa espécie canina e não menos do que isso, rapaz. Sim, você é um daqueles busca-pés, sim senhor.

Hamish olhou para Stanley mais uma vez, examinando-o.

— Venha, eu tenho duas bicicletas e vamos procurar alguma coisa para comer... Essa é a graça dessas faixas azuis e brancas que a gente usa, temos mais liberdade para nos deslocarmos por aqui do que os pobres coitados da infantaria, e parece que você não tem comido nada faz muuuito tempo. Vamos levar nosso amigo junto?

Stanley fez uma pausa e deu meia-volta, viu Thorne balançando a cabeça de novo, mais feliz agora. Ele queria ir para casa, mas para quê? Onde estava Tom? Se voltasse para casa, ele iria perder a carta de Tom, que certamente estava a caminho. Hamish colocou um braço em volta dele e, mais uma vez, Stanley se permitiu ser levado.

A bicicleta do Exército era muito mais pesada que a bicicleta velha que Stanley tinha em Thornley, e pedalar em cima daquele cascalho era mais acidentado. Reprimindo as lágrimas, e concentrando-se na estrada que estava percorrendo, Stanley contou a Hamish sobre Bones em uma enxurrada incontrolável de palavras. Passaram por uma placa oferecendo um ovo, batatas fritas, chá, manteiga e doces, tudo por 2,40 francos.

— Sim, e essa foi a maior quantidade de palavras juntas saindo de uma só vez que já ouvi de você — disse Hamish, estudando Stanley quando ele parou em uma segunda placa, oferecendo dois ovos, batatas fritas, chá com manteiga e doces, mais uma vez tudo por 2,40 francos. — Esse é o negócio — disse Hamish, descansando sua bicicleta contra o poste onde estava a placa. — Continue falando, rapaz.

Stanley comeu vorazmente, surpreso com sua fome, e incapaz de se lembrar de quando tinha comido pela última vez. Ele se sentiu melhor por estar com Hamish, sentiu-se melhor pelos ovos, pelas batatas fritas, pelo pão crocante e quente e pelo leite que não era em pó, mas sua mão continuava escorregando pelo lado e, no lugar

do grande crânio quadrado de Bones, lá estava esse animal de pernas compridas, leve como um sussurro ou uma sombra, e sempre ao seu lado.

10 DE ABRIL DE 1918

Etaples



Stanley e Pistol estavam caminhando em direção às dunas.

No dia anterior, Hamish tinha contado a Stanley que seu irmão, James, tinha recebido ordens para ir à frente de combate, e que ele iria também, servindo sob as ordens de James. Dois irmãos trabalhando juntos. Stanley, depois de tantos meses longe de casa, ainda não tinha encontrado Tom. E ainda não tinha chegado nenhuma carta. Nem nada do padre Bill, aquele sacerdote com as esporas brilhantes. Nada de ninguém. Certamente ele iria receber notícias de Tom a qualquer momento. Assim que Lara Bird contasse tudo a ele, com certeza Tom escreveria uma carta.

Stanley sentiu um nariz molhado na mão. O cão o estava cutucando com o focinho. Aquela estranha e imediata afeição do cão por Stanley parecia muitas vezes um fardo demasiado pesado, grande demais para um coração tão vazio, mas ele mesmo assim disse, com alegria forçada:

— Pista de obstáculos. Pista de obstáculos novamente para você hoje.

As sobrancelhas de Pistol se ergueram e sua cauda circulou no ar. Apesar de si mesmo, Stanley sorriu enquanto entregava a correia do cão a um ordenança do canil, para levá-lo para longe.

A cada dia, novos tufos de pelos cresciam cada vez mais espessos, estavam se aprofundando numa cor de ardósia cinzenta, mas a pelagem era toda errada, tão longa, tão áspera e tão pouco familiar depois do pelo curto e aveludado de Bones. Era isso que lhe causava

estranheza, isso e a leveza de Pistol. Onde Stanley sempre esperaria ver um peso sólido e musculoso apoiado contra suas pernas, estava em vez disso uma sombra mercurial, só pernas e focinho pontudo.

O sinal foi dado e os cães foram liberados pelos ordenanças. Pistol estava avançando, subindo pelo primeiro obstáculo, sobre o segundo, passando depois pelo terceiro e mais alto dos obstáculos, um portão de cinco barras, com graça, alegria e facilidade, as patas traseiras dobradas quando saltava. Esse cachorro sabia saltar como um cervo, Stanley teve que admitir a si mesmo. Ele nunca tinha visto um cão saltar daquele jeito.

Estavam todos correndo de volta agora, arremessando-se em meio aos pinheiros, atirando-se na areia e por cima das dunas. Lá estava Pistol. Stanley prendeu a respiração: o cão tinha uma maneira de surpreender seu mestre: seu galope era tão rápido, tão rápido que mal se podia dizer, ora, ele era um cachorro, as pernas traseiras empurrando com tanta força que atingiam seu queixo a cada decolagem. Era ele que estava na frente, uma enxurrada de cães em sua esteira, as mandíbulas abertas, as pernas no ar, numa passada eternamente suspensa no ar. Ele parecia estar sorrindo ao correr, as longas mandíbulas abertas, a cauda prateada erguida como se fosse o mastro de uma bandeira, os pelos macios da traseira voando, as costas arqueadas, as intermináveis patas dianteiras estendidas.

— Ele é um novo cão, adestrador Ryder — disse o tenente-coronel Thorne ao se juntar a Stanley. — Ele começou a gostar de você desde o início. Mas o coitado passou por maus momentos; seja gentil com ele. — Thorne parou um pouco de falar antes de dizer: — Lembre-se de que tudo o que ele faz é para você.

Stanley deixou escapar um som involuntário, como se estivesse bufando. A responsabilidade por esse cão era demais para um coração tão dormente e estupefato quanto o dele, mas ele se recuperou, olhou para cima e disse simplesmente:

— Sim, senhor.

Quando Pistol chegou, com os olhos apertados, ofegante e sorridente, Stanley foi capturado, apenas por um instante, pela alegria prateada do cão.

Mais tarde, segurando uma lata de damascos e um pouco de chocolate, Stanley foi mais uma vez para o posto dos Correios, apenas para o caso de haver alguma carta ou encomenda para ele. Quando se aproximou, o soldado que cuidava do posto levantou um braço, acenando. Ele parecia satisfeito por ser capaz de dar a Stanley uma boa notícia, depois de tantos dias dizendo sempre a mesma coisa, "Desculpe, nada hoje".

O coração de Stanley estava na boca quando ele pegou o envelope, um do tipo oficial, na verdade um telegrama, carimbado do lado de fora "URGENTE BRITISH EXPEDITIONARY FORCE, EM SERVIÇO ATIVO" e cruzando todo o canto superior esquerdo, além de um carimbo com a data de 9 de abril. Tom! Esse telegrama deveria ser de Tom. Mas... Por que ele enviaria um telegrama? Ele sabia que o censor lia cada palavra. Havia um monte de selos britânicos colados ao telegrama em si, muitos selos por palavras e, para um telegrama, muitas palavras. Stanley rasgou o envelope e leu:

☆ BRITISH EXPEDITIONARY FORCE ☆

Em casa de licença. Da desapareceu. Lara diz não em seu juízo perfeito quando visto pela última vez. Ele deixou bilhete, "FUI INJUSTO COM MENINO. AGI MAL COM ELE, MAS CÃO NÃO TEM COMO VOLTAR". Você deve voltar, o que quer que tenha acontecido, há mais em jogo aqui do que um filhote de cachorro. Volte para casa. Tom.

Tom não perguntou como seu irmão caçula estava, que trabalho vinha fazendo, se ele estava em segurança. Era tão diferente do Tom que ele amava; tão zangado — era isso —, tão irritado. Tom não estava dizendo que queria rever Stanley, só queria que ele voltasse

por causa de Da, porque Da tinha desaparecido. E parecia que tudo tinha sido culpa de Stanley. "Há mais em jogo aqui do que um filhote de cachorro". Tom estava querendo dizer que algo poderia ter acontecido com Da. Parecia mais preocupado com Da do que com o irmão.

Chocado, Stanley inclinou-se para conseguir apoio contra uma pilha de caixas de provisões. Seria possível que Tom não enxergasse que Stanley tinha se alistado porque precisava estar ao lado do irmão mais velho? "Não", respondeu em voz alta, furioso e magoado. "Não. Eu não vou voltar para casa." Amassou o telegrama em uma bola, com raiva. Não podia contar com Tom mais do que pudera contar com Da.

Stanley marchou furiosamente para sua barraca. Era demais, era demais, tudo aquilo era demais para suportar. Não tinha sido sua culpa Da ter desaparecido. Marchou mais rápido, balançando os braços, desejando poder soltar o fogo de um dragão, para advertir os homens, para advertir o mundo, para avisar a Tom que ficasse longe dele.

O rapaz chegou à sua barraca, ouviu conversas e risos e parou. Não podia entrar. Não podia entrar num lugar onde outros homens estavam falando e rindo e lendo para os outros as cartas de seus irmãos e mulheres e irmãs e mães. Ele se voltou, olhando fixamente para o imenso mar solitário de barracas. Perdido e sem propósito, ficou parado, ainda segurando o telegrama amassado, os damascos e o chocolate. Não havia nenhum lugar onde pudesse ficar sozinho em um acampamento militar com dez mil homens.

Stanley caminhou à toa pelos caminhos que conhecia até que se viu no Canil Central e foi, sem pensar, para o canil de seu cão. Ele não teria que conversar com seu cão. Poderia ficar em silêncio e ainda não ficar sozinho. Se Tom não desejava ver seu irmão, se Da não queria o filho, o cão poderia tê-lo. Stanley poderia pertencer ao estranho cão cinzento.

Pistol estava lá esperando por Stanley como se tivesse esperado por ele o tempo todo, como se fosse esperar por ele a noite toda, se

necessário. Sem cumprimentá-lo, Stanley deixou-se cair contra o canil, e apenas se sentou, com os damascos no colo e o telegrama na mão. Bones teria demonstrado interesse no chocolate, mas Pistol não.

— Coisa estranha você é — disse o rapaz, ciente de quão intensamente Pistol estava observando o rosto dele, observando cada movimento seu. — Mais interessado em mim do que no chocolate, hein? — disse ele, divertido.

Se ele ficasse parado, pensou Stanley, o cachorro ficaria parado; se ele se mexesse, o cão se mexeria. O rapaz o testou. Se ele olhasse para a direita, Pistol viraria a cabeça e olharia para a direita? Sim. Se olhasse para a esquerda, Pistol olharia para a esquerda? Sim...

— Você sairia ganhando mais se pensasse mais no chocolate do que em mim — disse ele, tristemente.

Stanley cobriu o rosto com as mãos, desejando que o seu coração não estivesse tão entorpecido.

A lata de damascos rolou de seu colo. A mão de Stanley estava em seu bolso, segurando a caixa de fósforos que ele tinha carregado desde que tinha saído de casa, aquela que continha o apito de junco. Da nunca pegara o apito que Stanley tinha feito para ele — nada mais significava alguma coisa para Da, nunca mais, não agora que todo o amor tinha se esvaído e a raiva tinha ocupado o seu lugar.

A caixa de fósforos agora estava deformada de tanto ser esmagada pelas granadas levadas no bolso, as palavras "Bryant & May" quase ilegíveis. Stanley forçou-a para abrir, viu o apito de junco, viu nele os espinheiros e vales e as paredes de pedra da casa.

Triste, o rapaz colocou o apito nos lábios e soprou, sentindo a vibração no aparelho. O chamado que seu Da havia lhe ensinado borbulhou, límpido e claro naquele ar empoeirado. A saudade que Stanley sentia de casa inchou dentro do peito. Pistol pulou ao ouvir

o apito, frenético, aninhando-se ao rapaz. Ainda perdido em seus pensamentos sobre Thornley, Stanley o afastou, irritado.

— Sente-se, garoto... Quietos. Para dentro. Do canil.

Deixando os damascos e o chocolate no chão, Stanley ficou de pé. Segurando o apito e o telegrama, ele se afastou, olhando para trás só para se certificar de que o cão não o estava seguindo. Vendo as orelhas cabisbaixas, as pernas graciosas e a cauda hesitante, Stanley virou-se e acariciou a pele áspera onde antes havia sarna.

— Somos apenas você e eu, só você e eu.

O cão abriu as mandíbulas finas e fez sua expressão estranha e sorridente. Stanley vislumbrou a nitidez dos dentes de Pistol, e foi atingido pela brancura quase imatura deles.

— É, Hamish tinha razão. Você é mais jovem do que eles pensam. Sabe, eles não gostam de levar cães com menos de um ano. Bem, eu sou muito jovem também, mas vou ficar. Eu posso fazer esse trabalho como qualquer outro homem, e você também pode fazê-lo.

14 DE ABRIL DE 1918

Etaples



Tinha sido um bom começo para o dia. Stanley tinha ido duas vezes para a fila do café da manhã, mantivera a cabeça baixa e conseguira uma segunda porção. Apesar de Hamish ter ido embora, ainda assim tinha sido bom porque, em vez do desfile até a igreja, houve o desfile para a praia, uma marcha de seis quilômetros ao longo de touceiras de capim espetado, passando por barcos de pesca indistintos ao longe, em direção a um balneário elegante.

Stanley tirou o uniforme. Como seria bom lavar do corpo aquela poeira branca. Os outros homens já estavam na água, rindo e jogando água para cima e nadando com seus cães. A água salgada do mar faria bem a Pistol — água salgada sempre foi boa para problemas de pele, Da costumava dizer. Stanley correu para as ondas, jogou-se de cabeça, aproveitando o choque da água limpa e fria. Levantou-se, sacudiu a cabeça e se virou para a praia, olhando os telhados rosa e cinzentos caindo aos pedaços da cidade, em direção às barracas brancas do acampamento, que se arrastavam até o morro como velas brancas, e além delas os pinheiros e colinas.

Pistol estava lá na praia correndo para um lado e para outro, excitado, empinando-se contra as ondas e recuando quando elas quebravam na praia, agitado com a ansiedade de chegar até Stanley, receoso por causa dessas ondas. Bones, pensou Stanley, teria ficado indignado com as ondas. Como o rei Canuto, ele esperaria que o mar recuasse diante dele. E o rapaz deixou um sorriso triste se formar em seus lábios.

Pistol enfiou a cabeça na mão de Stanley, agarrando-se a ele tão perto como se fosse sua sombra, enquanto Stanley subia e descia correndo pela praia. Esse cão se agarrava com tanta força a Stanley que os outros adestradores notaram e ficaram com inveja. Havia sempre uma pergunta nos olhos de Pistol: “O que você quer que eu faça?”.

Sem fôlego, Stanley lançou-se na areia branca cheia de cacos de conchas e jogou a cabeça para trás para aproveitar o sol. Pistol se acomodou ao lado dele. Mais tarde, quando Stanley sentou, Pistol sentou também, e seguiu o olhar de seu mestre para o mar lá adiante. Para além desse cintilante mar azul, o rapaz estava pensando, estão a Inglaterra, Da e Tom.

Irritado com a direção que seus pensamentos estavam tomando, Stanley sacudiu-se e ficou de pé.

— Chocolate — disse ele a Pistol. — Eu tenho cinco francos. Quando voltarmos, vamos comprar chocolate e damascos novamente na ACM.

Hamish tinha ido até o setor de Villers com seu irmão, James, que agora era um capitão no comando de uma estação de sinalização de dez homens. Stanley tinha ouvido dizer que outro ataque era esperado no setor. E as notícias que vinham de lá tinham piorado, com Amiens sendo ainda o foco de atenção de Ludendorff. Desde que Stanley tinha saído da linha de frente, algum terreno tinha sido perdido, algum tinha sido conquistado, apenas alguns centímetros dos dois lados.

No acampamento, naquela noite, uma carta estava esperando por Stanley, a letra de Tom no envelope.

— E agora, Pistol? O que Tom vai dizer agora? — disse Stanley, com a voz resignada, e começou a ler em voz alta para favorecer o cão atencioso:

Thornley

12 de abril de 1918

Caro mano,

Minha licença vai ser reduzida. Minhas ordens são para voltar à linha de frente em dois dias a contar de hoje. Tem sido um período muito difícil por aqui. O pai de Lara foi morto em combate há um mês, Da ainda está desaparecido. Tem havido muita tristeza e muita ansiedade a seu respeito e de Da, mas também muita alegria. Lara e eu nos casamos ontem na igreja de St. Mary. Não foi certo acontecer isso sem a sua presença e a de Da, mas, com tantas coisas incertas neste mundo, e comigo sendo forçado a voltar para a guerra, achamos que foi melhor apressar as coisas

Da ainda não está em casa? Por quê? Certamente ele teria querido estar lá, sabendo que Tom estava de licença? "Minhas ordens são para voltar em dois dias a contar de hoje." Tom estava voltando, estaria de volta à França em breve.

Lara e eu conversamos muito sobre você e sobre o que o motivou a ir embora, e eu agora sei que você sofreu muito mais do que eu imaginava. Eu me culpo por ter deixado você sozinho com Da quando, lá no

fundo, eu sabia que ele não era mais o mesmo. Não quero forçar você a voltar para casa, mas vou procurar por você pelos quatro cantos da França e vou implorar para que volte. Lara vai cuidar de você em Nethercott e as coisas serão muito diferentes. Por favor, saiba que meu último telegrama foi escrito mais com medo por você, com medo por Da, do que pela raiva que ele demonstrava. Eu estava com tanto medo por você que nem sabia como escrever. Da pode se cuidar sozinho, e você... Bem, você não tem que se preocupar com ele, tem que se preocupar em ficar a salvo.

Stanley sorriu e chamou Pistol para mais perto. Tom estava novamente sendo ele mesmo.

Não consigo suportar a ideia de que alguma coisa possa acontecer a você, não consigo suportar a ideia de que você está vendo as coisas que eu vi. Rezo para que o coronel Richardson esteja certo, para que o trabalho que você realiza o mantenha na retaguarda.

E, apesar de tudo, anseio por saber mais sobre isso, porque vi muitos cães trabalhando pelo inimigo, mas não vi nenhum dos nossos.

Escreverei assim que chegar à França.

Fique em segurança, Stanley, até que eu encontre você.

Seu irmão, Tom.

Tom estava a caminho da França!

Stanley enfiou a carta no bolso e correu para o Canil Central, o último a se juntar às fileiras de homens reunidos para ouvir o general Haig no rádio, as palavras da carta de Tom ainda girando como choque elétrico dentro de sua cabeça, enquanto as palavras do general ribombavam nos alto-falantes:

— Três semanas atrás, o inimigo começou seus terríveis ataques contra nós...

Tom não estava culpando Stanley pelo desaparecimento de Da, mas de alguma forma Stanley estava começando a sentir que fosse talvez culpa dele. O fantasma do velho homem, de cabeça branca, agarrando o ar vazio, tinha voltado para perturbá-lo.

— Seu objetivo é... Destruir o exército britânico... Cada posição deve ser mantida até o último homem: não há como haver retiradas. Com nossas costas contra a parede, e acreditando na justiça de nossa causa, cada um de nós deve lutar até o fim.

Um arrepio percorreu a espinha de Stanley, um arrepio que agitou cem vezes as fileiras de homens que escutavam o discurso. O rádio foi desligado e uma comunicação foi feita.

— Todas as seções ativas de cães serão enviadas para o front, até o último homem e até o último cão. Devem ser enviados para lá sem nenhum tipo de atraso. Os cães estão sendo requisitados com urgência. Sigam em frente e honrem a reputação que seu trabalho já conquistou.

Os homens que estavam esperando se agruparam em suas unidades para receber instruções específicas. As ordens de Stanley foram para voltar imediatamente ao setor de Villers-Bretonneux.

— Você, Ryder, vai se reportar ao capitão James McManus, na Estação de Sinais da Brigada. O capitão McManus solicitou especificamente você. A estação do capitão se reporta à Décima Terceira Brigada da Quarta Divisão Australiana do general-de brigada Glasgow. Espera-se uma ação decisiva em Villers. Observações aéreas mostram tropas inimigas se reunindo em Hangard Wood, cerca de um quilômetro ao sul da cidade. Os hunos reabasteceram suas tropas, trouxeram seus grandes canhões e puseram seis divisões descansadas nesse front. O assentamento do terreno em seu setor é estranho. Um declive íngreme voltado ao norte leva até a estação. Por isso eles estão tendo grandes baixas entre os corredores, porque há cobertura quando se desce, mas não há cobertura para os corredores que precisam vir para cima. Faça o seu melhor, Ryder — nossas ordens são para manter o Somme a todo custo. Lembre-se: se Villers cair, Amiens cai. Se Amiens cair, Paris cai.

Stanley estava em tumulto por dentro. Paris e Amiens nada significavam para ele. Tom estava chegando, e, mesmo que viesse implorar para que ele voltasse para casa, ainda assim Stanley estava ansioso por vê-lo.

— Tem mais uma para você, Ryder — veio um grito dos Correios.

Um cartão, desta vez, não uma carta. Era um cartão dos correios internos do Exército, carimbado no dia 13, um dia antes de ontem, e dois triângulos invertidos da ACM — Tom! Era outra carta de Tom! Stanley leu:

Minhas ordens foram para seguir direto para Amiens, e não parar em Etaples onde eu esperava encontrá-lo. Espero que você não esteja no setor de Amiens. As coisas não estão indo muito bem para nós por lá e o inimigo continua a trazer mais homens. Estou apavorado por você, Stanley, estou dividido entre desejar que você parta de volta para casa e permaneça onde está para que eu possa vê-lo.

Lara continua a procurar por Da. Nós devemos ambos rezar para que ela o encontre com saúde.

Com muita pressa, Tom.

Essas mensagens internas do Exército só levavam vinte e quatro horas para ser entregues dentro uma área específica: Tom poderia estar em qualquer lugar por aqui — poderia estar aqui agora —, sendo encaminhado para a região de Amiens do mesmo jeito que Stanley. Onde ele estava? Havia um tipo de carimbo diferente para cada posto dos Correios no campo, mas esse carimbo era apenas um número e não significava nada para ele. Qual seria a divisão na qual ele tinha sido engajado? Qual brigada, qual corpo?

Stanley se virou, procurando em cada um dos comboios e em cada um dos veículos e trens que partiam. Um batalhão de australianos, usando chapéus marrons de aba mole e amplos sorrisos, marchando pela estrada poeirenta ao longe com o passo arrogante e rápido ao som de uma banda de gaitas de fole.

— Bem, que Deus os ajude — suspirou o ordenança do posto dos Correios que tinha dado a correspondência a Stanley.

O rapaz olhou para os homens das Forças Armadas da Austrália e da Nova Zelândia, viu seus sorrisos, viu-os passar em fileiras intermináveis, seus emblemas brilhando e piscando à luz pálida do anoitecer, viu cada rosto sorridente, cada um deles pronto para lutar até o fim.

Stanley observou tudo isso e soube então que eles deveriam voltar, ele e Pistol, e fazer o trabalho que tinham sido treinados para fazer. Tom encontraria Stanley depois. Nesse meio-tempo, ele e seu cão estariam sob ordens e tinham um dever a cumprir com James e Hamish.

Na manhã seguinte, mais uma vez ele se viu apertado no canto da carroceria escura de um caminhão de transporte de gado, as palavras do marechal de campo Haig ecoando de forma inquieta na mente do rapaz: “Cada posição deve ser mantida até o último homem... cada um de nós deve lutar até o fim”.

Enquanto estavam aguardando em um cruzamento na estrada, um reboque com metralhadora puxado por doze cavalos, todos cavalos baios, passou em frente a eles. A preferência de Da sempre tinha sido por cavalos baios; ele dizia que eles necessitavam de menos limpeza do que os outros. Como sempre, Stanley examinou com cuidado os cavalos para o caso de haver algum deles que fosse de Thornley. Não, disse a si mesmo, um bom cavalo de Thornley seria um cavalo da cavalaria. Trumpet, porém, o velho cavalo baixo e atarracado, esse sim seria um belo cavalo para puxar peças de artilharia em seus bons tempos...

Stanley sentiu uma pontada no estômago quando se lembrou de Da chicoteando Trumpet tão violentamente lá na beira do lago, quando Da queria correr para longe e evitar o filho. Era estranho, Stanley pensou, seus pensamentos se desviando de Trumpet, Da ter pegado a charrete. Ele se perguntou por que não tinha pensado nisso antes. Estaria ele vendo agora as coisas mais claramente,

agora que o horror de perder Soldier tinha refluído, que seus sentimentos em relação a Da tinham ficado mais embaçados e confusos?

Stanley seguiu em frente, com Pistol trotando alegremente em seus calcanhares, mas o mal-estar sobre a charrete cresceu e se emaranhou em torno de todo o seu ser. Aonde Da tinha ido naquela manhã, e por quê?

As dúvidas e os medos ainda roíam o rapaz por dentro quando sua unidade parou na entrada de uma trincheira de comunicação e ficou esperando sob o sol quente. Ele pulou assustado quando sua mão tocou uma cruz de madeira. Havia um grupo delas à sua esquerda que ele ainda não tinha notado. Stanley se deslocou para longe, em direção aos estrados de madeira e à placa que dizia “Feridos que podem caminhar”. Quatro semanas antes ele tinha ido até o front, apenas para ser saudado pela ridicularização de Hunter. Do cabo Hunter. Stanley olhou para as cruces, imaginando.

Ele chamou Pistol para mais perto, para permitir a passagem de um oficial subalterno com um braço ferido apoiado numa tipoia branca.

— Boa sorte, senhor — murmurou Stanley.

Sem se virar ou levantar a cabeça, o oficial subalterno resmungou:

— Quem precisa de boa sorte é você, eu estou caindo fora daqui.

Eles alcançaram o final da trincheira de comunicação. Um grupo da “Guarda Negra”, batalhão de infantaria do Regimento Real Escocês, passou em frente, os joelhos brancos brilhando debaixo dos kilts negros. De um lado da pista de estrados de madeira estava um cabo em frente a grupo de homens cansados, encharcados de sangue e manchados de suor, as lonas jogadas sobre seus ombros. O cabo segurava um maço de papéis e ficava chamando nomes, um após o outro.

— Fraser — ele chamou, esperou, então chamou de novo: — Fraser. — Pela terceira vez, ele chamou o nome. Quando novamente não houve resposta, o cabo marcou o nome com um X.

A linha da retaguarda corria em frente a Villers e por dois vales, um que levava às margens do Rio Somme, para o norte, e o outro que descia ao sul até o Rio Luce, disse o guia de Stanley. Enquanto o rapaz seguia seu caminho, os simpáticos australianos lhe sorriram, cumprimentando Pistol. Eles tinham uma boa reputação no Canil Central por gostarem de cães.

Ao longo de toda a linha, grandes preparativos estavam em andamento, comboios de mercadorias cruzando em ambas as direções, enquanto toda a linha de frente, desde o bosque que estava à direita mais adiante até a estrada romana em frente à esquerda, levando a Villers, piscava com os clarões distantes de armas sendo disparadas. O acive que corria até o cume junto da trincheira que Stanley percorria tinha vales cujos barrancos e fendas ajudariam um inimigo que a estivesse escalando a lutar para conquistar o terreno mais elevado. Os corredores levando as mensagens de fato tinham passado por maus momentos por aqui, porque essa encosta era um negócio perigoso.

— Capitão McManus, senhor? — Disse Stanley quando entrou na estação de sinalização da brigada e olhou em volta com interesse. Era maior e mais bem equipada do que a estação de Hunter.

James deu um passo adiante e colocou um braço em volta do ombro de Stanley. Lá estava Hamish também. Em outro canto, junto de um Fuller-phone, estava Fidget, enrolado ao lado de sua cesta de pombos — desarrumado, como se fosse uma toalha largada no chão.

Foi bom vê-lo também. James, apesar de seu gesto cálido e acolhedor, foi breve com Stanley, um pouco tenso, e voltou rapidamente para o Fuller-phone, mas Fidget e Hamish levaram Stanley para sua nova casamata.

NOITE DE 23 DE ABRIL DE 1918

Bosque de Aquenne, perto de Cachy



Dois dias se passaram. Mais homens chegaram, mais munição, mais provisões. A certeza de que um ataque seria deflagrado muito em breve crescia com a chegada de cada novo comboio. No rancho, o mensageiro tinha uma carta para Stanley. Era de novo do correio interno do Exército, desta vez num envelope do capelão, escrita numa letra elegante e precisa que o rapaz não reconheceu, mas imaginou que devia ser do padre Bill; ele finalmente tinha conseguido rastrear Tom. Uma vez que Stanley também já sabia por onde andava o irmão, ele levou a carta consigo para seu abrigo para lê-la na hora do chá.

Etaples

22 de abril de 1918

Caro Stanley,

Espero que esta o encontre bem e com saúde. Peço perdão por ter demorado tanto tempo.

Como você sabe, Tom está servindo com os East Lancashires. No momento em que estou escrevendo esta carta, ele já voltou de sua licença e foi instruído a se unir à Oitava Divisão na área de Amiens. Mais do que isso eu não posso lhe dizer.

Stanley começou: na Oitava Divisão? Mas ela estava *neste* setor. Parte da Oitava Divisão estava na reserva e parte estava nas linhas de frente. Onde estaria Tom?

Enquanto estava na busca por seu irmão, acabei encontrando outro Ryder, um que você não estaria esperando encontrar por aqui, imagino: seu pai, Dixon Ryder.

Stanley saltou, pasmo, o coração disparado. Da? Não pode ser!

Seu pai está servindo no Serviço de Remonta do Exército, que fornece cavalos para a cavalaria.

Da era muito velho, não? Os homens do Serviço de Remonta não alistavam pessoas daquela idade. Quantos anos ele tinha? Mais novo do que aparentava, com certeza; devia ter uns cinquenta anos, talvez. Bem, o pai de Lara Bird tinha se alistado, e talvez eles estivessem convocando os mais velhos agora. Stanley girou o corpo para o lado de trás das trincheiras, como se pudesse enxergar, em meio aos carros e reboques e tropas em movimento, a cabeça branca de Da.

A unidade em que ele está chegou a Etaples na semana passada. Eu o procurei e disse a ele que você também estava nesse setor, e que eu tinha conversado com você.

Etaples? Stanley teve um impulso irresistível de abandonar seu posto, de correr e correr, para procurar em todos os buracos e fendas da França até encontrar Da, para ouvir dos próprios lábios de Da a verdade sobre Soldier.

Ele me recebeu com uma robusta explosão de linguagem pitoresca, e a maioria das palavras não poderia ser repetida por um sacerdote como eu, mas eu acredito que todas elas vieram de seu medo pela segurança do filho. Ele está assoberbado de preocupação com você e, caso não consiga encontrá-lo primeiro, irá lhe escrever pedindo que volte para casa.

As coisas nunca mais serão as mesmas para todos nós que estamos aqui. Quando você voltar, é possível que se sinta um estranho até para si mesmo. Se isso acontecer, Stanley, não se mostre também um estranho para sua família. Você tem um pai que o ama profundamente, e que o seguiria até o fim do mundo.

Que Deus o abençoe e o mantenha em segurança,

Padre Bill

Stanley estava em pé na areia movediça, tudo mudando ao seu redor. Seja como for, ele pensou, qualquer coisa que tenha sido feita ou não, Da estava aqui, porque ele tinha vindo procurar por Stanley.

O Serviço de Remonta. Havia quinhentos mil cavalos na Frente Ocidental. Stanley sorriu. Isso manteria Da ocupado. Ocupado e orgulhoso novamente, orgulhoso por estar fazendo o trabalho que ele amava. Da sabia tanto sobre cavalos como qualquer homem... Não! Ele sabia mais do que qualquer homem. Ainda inundado com tantas incertezas, Stanley ficou sentado esperando com Pistol. O emaranhado de mato sobre o parapeito brilhava com um amarelo violento contra o céu bronze sinistro.

Duas horas mais tarde, ele ainda estava esperando pelo soldado que viria buscar Pistol, o céu agora mais selvagem e mais sinistro, rasgado por estrias flamejantes de cor vinho e violeta.

Hamish! Aquele era Hamish se aproximando, seu vulto familiar enchendo toda a altura e a largura da trincheira. Hamish cumprimentou Pistol — ele sempre cumprimentava Pistol do mesmo jeito que cumprimentava Stanley.

— Sim, senhor, você é um bom menino. Um danado de um cachorro. O moleque ali está fazendo bem a você, rapaz, e você não está fazendo mal a ele, tampouco — ele afagou as orelhas do cachorro. — E eu sei que terei a mesma resposta de você e de seu mestre — Hamish sorriu para Stanley e se ergueu, e os dois homens ficaram ali, olhando para o céu por trás da rede de camuflagem.

Hamish cheirou o ar, como se fosse um cão.

— Não gosto nem um pouco do aspecto desse céu — disse ele. — Não há chuva nele, chuva pesada — Hamish desceu os olhos para a planície queimada lá embaixo. — Dezenas de milhares de homens, Stanley, se escondendo como ratos. Em cada fenda dessa planície. Trazidos aqui como peões vindos de todos os cantos do globo. Amanhã a terra vai desistir de seus homens, vai vomitar milhares de toneladas de aço bem lá de suas entranhas...

Hamish foi interrompido por um soldado de infantaria que tinha se aproximado por trás deles:

— Adestrador Ryder?

O rosto sério de Hamish se suavizou com um reconfortante sorriso enrugado.

— Aqui está ele, rapaz, veio para levar o seu pequenino cão embora.

Stanley se endireitou para dar um corajoso e breve adeus.

— Volte a salvo, Pistol. Volte a salvo... — ele entregou a guia para o soldado de infantaria. — Cuide bem dele, senhor.

Enquanto Pistol se virava para tomar a rampa de acesso, seu longo focinho se dobrou para trás ao longo da espinha para olhar Stanley, com a cauda zunindo.

— Fique de pé às três horas — disse Hamish. — A hora-zero é às 3h30. Boa noite, rapaz.

AMANHECER, 24 DE ABRIL DE 1918

Bosque de Aquenne, perto de Cachy



Às três horas da manhã, todo o caminho ao longo da linha de frente, pelo menos tão longe quanto os olhos de Stanley podiam ver, estava ocupado pelos homens da Décima Terceira Brigada, posicionados nos degraus logo abaixo do patamar da trincheira. Ele ouviu ainda o tic-tac-tic-tac parecido com o de uma bomba-relógio do relógio de Fidget.

O líder do pelotão passou uma rodada de rum pelos soldados, numa jarra de pedra de dois litros:

— Abra e tome um gole — dizia ele a cada homem.

Com a pulsação rufando como um tambor, Stanley tomou rum pela primeira vez na vida, a esperança ainda batendo em seu coração, mas a bebida queimou sua garganta e tirou seu fôlego.

Halos de uma névoa luminosa oscilavam sobre as depressões e as fendas da planície. Uma palavra de aviso sussurrada voou como o vento ao longo da trincheira. O sangue de Stanley corria gelado pelas veias, com o medo por si mesmo e com o medo pela segurança de Pistol somados em um só.

Às 3h30, os líderes de pelotão acima e abaixo da linha de frente sopraram seus apitos. Os australianos subiram nos parapeitos da trincheira, com as baionetas caladas. Stanley escavou com sua baioneta um buraco no parapeito da trincheira, perfurando como um cupim na madeira, um riacho de terra e de areia se derramando parede abaixo. Agora, como os artilheiros, ele podia ver sem ter que levantar a cabeça acima do parapeito. Com o olho no buraco, ele viu fileiras de homens com uniformes cinza, azuis e cor de camurça se

espalhando além dos limites das trincheiras que ele nem sabiam que estavam lá — à direita o azul dos franceses, diretamente em frente a camurça dos australianos e alguns cáquis ingleses, juntos, as armas erguidas, as baionetas caladas, uma enxurrada de homens avançando em silêncio.

Por trás da onda dos homens da infantaria seguiam quatro sinaleiros, dois deles carregando uma bobina de cabo, deitando-o à medida que avançavam, e os outros dois transportando lâmpadas, telefones e cabos sobressalentes. Os cabos iriam até os postos que esses sinaleiros esperavam estabelecer na linha de frente, conectando-os com a estação de sinalização.

Os canhões começaram a disparar.

— Três mil obuses — temos três mil obuses ao longo dessa frente!
— gritou Fidget, a voz embalada pelo orgulho.

Os obuses soltavam fogo e clarões, atirando os morteiros, que guinchavam como um vasto rasgão num tecido em arcos tremendos no céu, deixando trilhas vermelhas até que, quando alcançavam a parte mais alta de seu arco, mergulhavam e explodiam com um estrondo distante.

— Eles estão formando uma barragem —, uma barragem de fogo, que acompanha o movimento da infantaria, para protegê-los. — Fidget gesticulou para aquele contínuo e terrível arco de fogo que corria para o norte até onde a visão de Stanley alcançava, a uns onze ou doze quilômetros de onde estavam. Fidget riu alegremente. — Nós os pegamos dormindo. Eles estavam dormindo.

Às quatro horas, eles acordaram, e agora todos os canhões do mundo estavam disparando, o solo se soerguendo, todo o horizonte em chamas. Enquanto tudo corresse bem, enquanto as linhas todas se defendessem e fossem mantidas, não haveria necessidade de Pistol.

— Continuem avançando, sustentem as linhas, continuem avançando — orava o rapaz com a boca seca por causa do medo. — Sustentem as linhas e Pistol ficará bem.

Já não era possível dizer de quem eram os morteiros e as granadas. Em meio à fumaça e à névoa, Stanley não conseguia enxergar mais de vinte metros à frente, e mesmo assim só dava para ver labaredas e chamas, explosões e clarões de luz colorida. O cheiro de pólvora encheu o ar e flutuou até ele. Os assobios e os gritos dos morteiros, o rugido da artilharia, o farfalhar de balas, estava tudo misturado em um tremendo e contínuo rugido, de modo que os tímpanos do garoto se rasgaram com aquele ruído infernal e enlouquecedor que parecia vir de dentro e de fora.

O mundo estava se despedaçando, o coração de Stanley pulando enquanto pedaços de terra e rocha e estilhaços saltavam pelo ar. Pedacos de rocha e grandes bocados de terra tão grandes quanto um homem, ou até maiores, vinham caindo como chuva de granizo. Os morteiros explodiam com uma tonalidade azulada, rasgando a terra, lançando centenas e centenas de toneladas de terra em direção ao céu, transformando a planície em uma massa de chamas rastejantes, matando qualquer sentimento dentro dele que não fosse o medo por Pistol.

— Essa é uma frente de seis quilômetros. O inimigo está respondendo por mais de seis quilômetros — gritou Fidget na orelha de Stanley. — Eles querem Villers a qualquer custo...

Havia uma nova palpitação naquela alegria desgastada de Fidget, uma mobilidade excessiva em seu rosto, em seus dedos vibrantes. Será que Fidget tinha passado tempo demais no front? Ele não tinha tirado licença, Stanley sabia, tinha retornado imediatamente à frente de batalha depois de deixar Stanley e Bones na ambulância.

À direita de Stanley, uma súbita e horrível parede de fogo se levantou, com tons de verde, marrom e cinza, todos fundidos numa coisa só. Aquela era a linha de frente, com certeza. Será que o fogo inimigo estava agora caindo por trás das linhas de frente? Lá, exatamente no lugar onde Stanley tinha estado observando, subiu o facho de uma pistola sinalizadora. Aquela chama de magnésio branco era o sinal de SOS dos Aliados. Alguma coisa estava errada lá em cima à direita, onde nuvens de fumaça se enroscavam e línguas

de fogo lambiam o céu. Como seria possível que as linhas de comunicação suportassem quando as entranhas da terra tinham sido rasgadas? E se as linhas falhassem, o que eles fariam então? Não mandariam um cão, certamente, em tal inferno.

Faltavam quinze minutos para as cinco horas da manhã, uma frágil aurora começou a rastejar através do campo de batalha. Nenhum pássaro alçou voo para saudar o dia. A frente avançada estava sendo severamente martelada pelos canhões, o chão debaixo dos pés de Stanley estava tremendo como uma geleia, o ar em ebulição. Tremores sísmicos ondulavam até a borda da trincheira, lançando cascatas de terra sobre o seu capacete. O que estava acontecendo? Onde estava Pistol? Será que o bombardeio estava se aproximando? Estaria o inimigo agora apontando os canhões para as tropas de reserva? Era impossível ver o que estava acontecendo, o inimigo podia muito bem estar construindo uma barragem de fumaça. Os olhos de Stanley doíam e picavam.

Os céus finalmente se abriram. Um temporal caiu e rolou pela planície. A chuva batia e martelava a terra. Mais fochos disparados pelas pistolas sinalizadoras subiram como estrelas cadentes acima das linhas aliadas, queimando contra as cortinas brilhantes de chuva. As coisas estavam indo muito mal.

Será que Pistol seria enviado em meio *àquilo*? E Tom, ele estaria *lá fora*? Por alguns segundos, Stanley fechou os olhos, depois se virou. O medo insuportável, o barulho e o medo somados, tudo isso poderia fraturá-lo, dividi-lo em dois. Aquilo estava além do insuportável; ele deveria pensar em alguma outra coisa para combatê-lo. Lá... Stanley dobrou-se contra a parede contínua do parapeito: uma multidão de besouros estava trotando para cima e para baixo. Aquele terreno calcário, que ficara escorregadio por causa da chuva, tinha se tornado agora o lugar dos besouros-rinocerontes. Eles apareceram com a chuva, hordas deles, com seus corpos blindados e as mandíbulas como as galhadas de um cervo. Esse era o estegossauro dos besouros. E os besouros, lembrou-se Stanley, existiam em todos os lugares, em todos os cantos do

planeta, desde o deserto mais árido até o pântano mais úmido. Em todos os lugares, exceto na Antártida.

Hamish tinha vindo de baixo e estava olhando por cima da trincheira. Stanley tirou a capa de chuva e segurou-a sobre os dois para abrigá-los da chuva que desabava através da rede de proteção.

— Nós nunca vamos ver algo assim novamente, nunca. É o maior bombardeio de artilharia que qualquer um de nós vai certamente ver na vida — berrou Hamish.

— E as linhas, eles estão aguentando? — gritou Stanley de volta.

— Sim... Até agora... Até agora eles estão segurando... Mas Villers está cercado por metralhadoras inimigas ao norte, oeste e sul. Amiens está sob observação direta. Os hunos têm um bolsão de seis quilômetros de largura e dois de profundidade ao redor de Villers — Hamish gesticulou para os dois grupos de árvores a nordeste, quase imperceptíveis — e em parte dos bosques de Monument e Hangard.

Houve gritos vindos da Estação de Sinalização, muito pânico e pandemônio mais abaixo.

— A Companhia A se foi.

Hamish saltou para descer os degraus.

— A Companhia B também.

— A Companhia C está bem!

— Mensagem da Companhia C. *Estamos cercados, o que faremos?*

Será que Pistol estava com a Companhia C?

Dois instaladores de cabos correram para fora e afundaram no solo, rastejando como ratos, para a frente e para baixo sob a chuva torrencial.

— A Companhia C se foi!

Hamish correu escada acima e ao longo da trincheira, cinza e firme, o uniforme escorrendo água como se fosse uma cachoeira das Terras Altas da Escócia. Ele colocou os olhos na luneta. Alguns segundos se passaram.

— Tudo se foi. Todos mortos. — Havia descrença em sua voz. — Sem comunicação com a linha de frente.

Stanley colocou seu capacete sobre a lente da luneta para mantê-la fora da chuva.

— Mortos! — Disse Hamish novamente. — Todos eles, um por um, todos mortos.

Os instaladores de cabos continuavam deslizando para a frente. Stanley ficou observando-os, agitado e horrorizado. Seria impossível, certamente, sob uma chuva dessas, debaixo desses tiros de canhões, encontrar e reparar as pontas dos cabos, mesmo assim ele ainda rezava: “Encontrem as extremidades. Por favor, encontrem as extremidades dos cabos. Não permitam que eles enviem o Pistol”.

Hamish balançou a luneta para um lado e para o outro, para um lado e para o outro ao longo do horizonte.

— A Companhia C foi cercada... Todas as estações de sinalização visual... destruídas. Tudo se foi. Todas as linhas de comunicação caíram — Ele se virou horrorizado, para Stanley. — Não temos nada, nenhuma comunicação com a linha de frente — Hamish balançou a cabeça em horror. — Nenhum semáforo, nenhuma lâmpada de sinais. Pombos. Nada debaixo disto... — e ele gesticulou para a chuva. — Eles não podem pedir apoio de artilharia, não podem enviar um SOS... Nada...

— O-onde está ele? Pistol está com a Companhia C?

Hamish fez uma pausa e pareceu chocado por um segundo. Então ele se virou e, como se estivesse falando com uma criança que não estivesse compreendendo nada, respondeu suavemente:

— Não, rapaz. B... Ele está com a Companhia B.

Hamish foi embora, e Stanley ficou sob a chuva batendo forte, os tímpanos rasgando com aquele barulho incessante. À sua frente, à direita, as linhas aliadas pareciam frágeis e confusas. Não mais do que uma brigada aqui e uma brigada ali. A torre da igreja, no vulnerável contraforte do planalto que se projetava para oeste, ardia em fogo lento. O que estava acontecendo? Onde estava Fidget?

Fidget saberia dizer. Será que a linha de frente tinha sido rompida? Os soldados estariam recuando? Onde estava Pistol?

A chuva torrencial continuava trovejando. As valas se estendiam agora em pântanos reluzentes, um intrincado rendilhado de riachos bloqueados pelas crateras das bombas, o terreno transformado em atoleiro. Encharcado até a medula, com um fluxo constante de água escorrendo pela parte de trás de seu capacete e para baixo em seu pescoço, Stanley viu figuras cambaleando de volta da linha de frente, vindo do bosque conhecido como Monument, tropeçando e afundando no chão enlameado.

Tudo estava retorcido e molhado. As valas tinham vazado, a trincheira, já cheia de poças, se enchia de forma constante. Havia um sapo no estrado que cobria o chão. Engraçado como os sapos não se importavam com o bombardeio, mas os ratos tinham sumido e se escondido no subsolo. Se ele ao menos pudesse parar com o tremor nas pernas, os dedos, o coração tremendo, pensou o rapaz, poderia focar seu binóculo naquela cratera de morteiro mais abaixo, aquela que estava mais próxima, e veria mais sapos, ou rãs do pântano, mais provavelmente, dez ou vinte delas por lá. Trigger, onde quer que estivesse, teria se divertido com essas rãs do pântano.

O capitão McManus apareceu.

— Onde está o cão? Ele não entrou? Deus queira que eles tenham enviado o cão... Eles não têm mais nada... — O capitão apertou os ombros de Stanley. — Ouça, Stanley, ele está aqui, ele está aqui...

Stanley ficou de pé. Lá, na confusão de fumaça e de névoa e debaixo da cortina brilhante da chuva, lá estava Pistol, correndo como uma sombra prateada cruzando aquele atoleiro reluzente, deslizando de maneira tão leve e tão facilmente como se fosse um pássaro. Lá estava aquela comprida cabeça cinzenta, o cão comum com os olhos risonhos. Stanley se sentiu girando em um carrossel de amor e de orgulho.

Houve então o grito repentino de um morteiro.

— Corra, Pistol, corra... Corra! — gemeu Stanley.

O morteiro mergulhou do ponto mais alto de seu arco e explodiu no solo, cerca de doze metros atrás do cão. O solo abaixo do rapaz balançou e se sacudiu, a terra do parapeito caiu numa cascata, mas o cachorro nem mesmo estremeceu — continuava correndo para a frente!

— Mas que cachorro, rapaz, que cachorro!

Stanley puxou de lado a tela encharcada e desmantelada do parapeito para ver e, em seguida, afastou a camuflagem, pronto para receber Pistol, sentindo com os dedos o petisco em seu bolso, observando com a respiração suspensa como o cão pulou por cima do degrau e, num único movimento fluido, sentou-se, sem fôlego, a língua solta, ofegante, sorrindo, ofegante, sorrindo. Havia algo nesse cão, esse cão insignificante que ele pensava que nunca amaria um dia, alguma coisa naqueles olhos sorridentes, que apertava o coração de Stanley como um torno. Ele soube, neste momento, e com total certeza, que nunca, jamais poderia perder esse cão.

As mãos de Stanley tremeram quando ele tirou o cilindro. Ele observou o momento da partida que tinha sido marcado no bilhete, 9h30 da manhã, e entregou a mensagem a James.

— Bom garoto, bom garoto — Stanley deu um bocado de carne enlatada a Pistol.

James inclinou-se e deu um tapinha na cabeça de Pistol; então, abrigando-se sob a capa de chuva de Stanley, olhou para a nota e verificou o relógio.

— Nove e trinta e sete. Eu saúdo o seu cão, adestrador Ryder. Quase seis quilômetros em sete minutos — James olhou para baixo. — É da Companhia C — disse ele, e depois leu o bilhete em voz alta, pois assim Stanley poderia ouvir. — *As companhias da linha de frente, Second East Lancs e Second West Yorks, forçadas a voltar do bosque Monument para o norte, para a estação ferroviária, vindo para cá pelo oeste ao longo da linha ferroviária para o quadrante noroeste do Bosque Aquenne. As tropas inimigas tomaram Villers e*

Monument, e infiltraram-se em Aquenne vindo de Monument. Todos os sinaleiros nas estações avançadas foram mortos ou capturados. Todas as linhas de comunicação caíram. Os remanescentes de Yorks e de Lancs estão cercados em Monument, sem munição e sem suprimentos. As posições alemãs para o ataque não são conhecidas. E novos ataques são esperados.

Stanley olhou para James. Os East Lancs? Tom... Ele estaria com eles, cercado e sem suprimentos? “Infiltraram-se em Aquenee”? Estão vindo para cá? Ele agarrou a manga do casaco de James.

— Os East Lancs?

Mas James se virou e estava se lançando pelos degraus abaixo, em direção à Estação de Sinalização e gritando:

— Eles vão ser dizimados!

O binóculo estava encharcado e Stanley tinha que limpá-lo, mas suas mãos estavam molhadas, seu casaco encharcado também. Os homens surgiam ao longo da trincheira de comunicação, à direita de Stanley, lotando a intersecção além do buraco de Fidget, juntando-se nas linhas de trás, eram homens sem as perneiras e com a túnica rasgada. Havia gritos de que o flanco direito estava voltando em desordem.

Em algum lugar um oficial gritou:

— Retirada! Retirada! Virem-se e corram o mais rápido que suas pernas puderem!

Havia disparos em todas as direções.

— Protejam-se! Protejam-se!

— Peguem as granadas de mão, armem-se! Continuem caminhando para trás. Assumam posição a noventa metros daqui.

O parapeito de Stanley foi açoitado por uma tempestade de balas. Todo mundo ficou de quatro na água barrenta da vala. Perto do buraco de Fidget, os homens gritavam e disparavam. Na divisão da trincheira que ficava depois de Fidget havia uma passagem que

estava cheia de homens feridos, indefesos e imóveis, um amontoado de homens de todas as graduações.

— Sigam em frente! Sigam em frente!

Houve um grito. A terra do parapeito foi cuspidada para cima. A terra choveu sobre Stanley em avalanches. Uma chuva de barro e metal fez desabar a rede que cobria a trincheira, as balas zunindo quando atingiam a cobertura de zinco da estação de sinalização.

— Sigam em frente! Em frente!

À esquerda de Stanley, os artilheiros se reuniram nos degraus abaixo do que sobrara do parapeito, saltando para dentro do fluxo de homens feridos e mantendo-se abaixados, meio que se arrastando sobre o estrado de madeira.

— Desçam a trincheira! Desçam a trincheira!

Stanley hesitou. Onde estavam os sinaleiros? Quais seriam as instruções de James? Ele forçou seu caminho contra a enxurrada de homens, em direção à estação de sinalização, sabendo sem precisar olhar que Pistol estava em seus calcanhares. Balas assobiaram e gritaram em cima. Lá estava James na escada que dava para a estação. Atrás dele vinha uma multidão de sinaleiros, de corredores, um artilheiro de morteiros, o operador do rádio — todos eles enlameados, carregando caixas, cabos, mesas, o Fuller-phone, emergindo na luz, piscando como estranhas lesmas que saíam de seus esconderijos debaixo da terra.

No final daquela área, o general de brigada australiano estava correndo contra o fluxo de homens que rastejavam, gritando com eles.

— Levante-se e assuma posição, e eu lhe direi quando for a hora de se proteger! Fique no seu lugar!

Hamish enfiou um rifle nas mãos de Stanley.

— Prenda a baioneta!

Stanley prendeu a baioneta e a girou. Ele estava na linha de frente e teria que se defender, e matar, se necessário. Ele deslizou a

baioneta sobre seu lugar acima do cano do rifle.

— Se precisar, enfie esse palito de dentes o mais longe que você conseguir. Sim, e gire também, antes de puxar de volta. Será ele ou você, e, pelo amor de Deus, certifique-se de que seja ele.

Ouviram-se mais gritos.

— Fique onde está e mantenha a posição!

— Você vai entrar em ação agora mesmo!

Stanley foi empurrado de lado quando outra enxurrada de soldados, não australianos desta vez, mas ingleses em uniforme cáqui, veio por cima dos degraus dos parapeitos e caiu na vala enlameada. Aquilo eram as rosas vermelhas dos East Lancs nos colarinhos de suas túnicas? Esses homens eram do batalhão de Tom?

Abandonando a baioneta, Stanley correu atrás deles. Eram Lancashires? Pulando e se esquivando, ele forçou seu caminho à frente através daquele fluxo de homens, com Pistol em seus calcanhares, leve e ágil como uma sombra. O último dos Lancashires, aquele atrás, aquele! Aquele último homem tinha a altura e o porte de Tom. Stanley correu, gritando freneticamente:

— Tom! Tom!

Ninguém se virou nem parou de correr.

— Tom!

Stanley chamou novamente, lutando através dos homens para passar. Ele alcançou a intersecção entre as trincheiras e pegou na parte de trás da túnica, mas acabou soltando e pegou novamente em uma manga.

— Tom Ryder. Ele estava com você? Tom Ryder?

O soldado correu e Stanley sentiu, onde um braço deveria estar, apenas um punho desgastado que se desintegrou em sua mão. Ele abriu a mão fechada e viu, na palma, apenas pedaços de tecido ensanguentado. Desesperado demais para alcançar aquele homem

ferido, Stanley correu, pegou outro homem pelos ombros e o fez voltar-se.

— Senhor, senhor, Tom Ryder estava com vocês? Você conhece Tom Ryder?

O homem olhou para Stanley, com os olhos vidrados de medo.

— Sim, ele está lá fora, cercado em Monument. O que restou da Companhia C está lá em cima com o que restou do Segundo West Yorks. Corajoso, esse seu Tom Ryder — ele segurou os boches com um revólver, ficou atirando sem parar e deu tempo para seus homens colocarem os sacos de areia no lugar. Há uma metralhadora sobre eles em algum lugar, atiradores em todos os lugares, eles são alvos fáceis; sem munição, não podem mandar mensagens, a estação de sinalização deles voou aos pedaços. — Ele balançou a cabeça, virou-se e seguiu em frente.

Stanley pulou sobre o degrau abaixo do parapeito, esforçando-se para ver o grupo de árvores que ele sabia ser o bosque de Monument. Tudo estava quieto lá. Atrás dele, alguém gritava:

— Recuem e tragam os rapazes de volta! Tragam os rapazes de volta!

Stanley forçou caminho contra a torrente de homens, de volta para seu posto. Com mãos tremendo e enlameadas, ele agarrou o binóculo e novamente varreu o anel de árvores ao redor da planície.

O general de brigada estava de volta, caminhando ao longo da trincheira. Sua voz era calma e ele falava devagar.

— Fiquem onde estão. Mantenham as posições. Os comandantes das companhias estão reunindo os homens. Estamos na posição mais avançada. O inimigo rompeu nossa frente mais imediata. Ele passou por nós e está agora em nosso flanco direito.

Fidget estava encolhido na plataforma de Stanley, ao lado de sua cesta de pombos. Fios de cabelo encharcados da cor de palha agarravam-se à testa dele, o rosto magro parecendo o retrato do medo, névoa e confusão em seus olhos úmidos. O dia tinha talvez

sido demais para ele. Os olhos de Fidget tremeram e a boca falava de modo desordenado quando ele balbuciou:

— Nós nunca vamos sair daqui... Nunca vamos s...

Stanley deu uma sacudida irritada nos ombros dele.

— Estamos bem melhor do que os homens no Aquenne. Você preferiria estar lá?

— Fiquem onde estão. Mantenham as posições. Fiquem onde estão. Mantenham...

Uma hora se passou enquanto os oficiais recolham os retardatários e os não combatentes. Homens de todos os postos estavam armados — alfaiates, cavaleiros, corneteiros, assistentes dos oficiais, até os cozinheiros. Fidget e Stanley esperavam na posição, as baionetas no lugar. Eles receberam um biscoito seco para comer, em seguida se colocaram em formação de batalha.

A chuva era mais leve agora. Stanley podia ver onde a linha, para a esquerda, se espalhava e onde estava rompida, tripulada por um batalhão desorganizado e exausto. A Oitava Divisão na linha de frente estava esmagada, tinha sofrido perdas além de qualquer resistência. O serviço médico estava sobrecarregado e, na área que existia depois do buraco de Fidget, os feridos dos Lancs e dos Yorks estavam sendo remendados por seus próprios companheiros.

Hamish e os sapadores, sob as ordens do capitão McManus, estavam preparando os equipamentos no esconderijo subterrâneo de Stanley, e construindo uma nova estação de sinalização. Stanley, com os olhos desgarrados, observava impotente o Monument, e supostamente devia estar manipulando a lâmpada Aldis.

— Vai haver um contra-ataque — disse Hamish, com ar sóbrio.
— Os generais não vão deixar Amiens cair, não vão deixar Villers ficar na mão dos alemães. Não há opção para eles. Mais cedo ou mais tarde, vai haver um contra-ataque.

Pistol ficou meio sentado, meio agachado, tentando manter as ancas acima da água depositada na trincheira, sem nunca tirar os olhos de Stanley. Um telhado de ferro foi arrastado ao longo da

trincheira, os homens arrastavam bobinas de cabos, passando os fios ao longo das paredes, preparando os instrumentos. Erguendo os olhos de sua atividade de polir as lentes da lâmpada, Stanley viu o cão cinzento levantar a cabeça também. Viu a aparência corriqueira do cachorro e viu, dentro daqueles olhos solenes, a alma sábia e leal que existia lá dentro. Hamish também observou como o focinho de Pistol seguia as mãos de Stanley quando ele enrolava o fio da lâmpada e disse:

— Por qualquer medida que se use, rapaz, esse cão é mais do que um cão.

INÍCIO DA TARDE, 24 DE ABRIL DE 1918

Bosque de Aquenne, perto de Cachy



Stanley olhou, pela milésima vez, a noroeste, para os fragmentos de árvores que arranhavam o céu, como mãos desesperadas sem dedos.

Um comandante de brigada apareceu com novos homens, todos descansados e limpos.

— Temos que contra-atacar imediatamente. A Companhia B irá ficar no centro, a Companhia C vai pegar a direita. Fiquem prontos. Não há tempo a perder.

Havia descrença e resignação nos rostos dos homens da infantaria, a exaustão tomando conta de seus corpos exauridos, e mais uma vez eles se prepararam para a inspeção e ficaram esperando pelo que pode ter sido por uma hora. Houve mais gritos, uma patrulha, espera, mais espera, mais gritos, outra patrulha.

E por mais uma hora não aconteceu nada. A chuva se esgotou. Os desentendimentos dentro do Alto Comando se filtraram como contraordens.

— Fiquem onde estão. Mantenham as posições. Não haverá nenhum ataque.

Um tenente-coronel apareceu.

— Vocês entrarão em ação imediatamente.

Ele foi recebido por um general de brigada de rosto rude e honesto.

— É o general de brigada Glasgow — sussurrou Fidget.

— Toda a nossa artilharia está fora de ação, e o inimigo tem todos os canhões posicionados. Nós seremos aniquilados pelas metralhadoras estacionadas no Bosque Monument se tentarmos atacar — a voz do general de brigada era calma e profunda, seu sotaque australiano exótico soava estranho para Stanley. — E se foi Deus Todo-Poderoso quem deu essa ordem, nós não iríamos fazer isso à luz do dia. — Era bom, pensou Stanley, ser comandado por um homem assim.

No meio da tarde o sol apareceu totalmente. O uniforme encharcado de Stanley começou a secar. A água acumulada na trincheira se transformou em um arroio fétido.

Tom teria escapado? Stanley levantou o binóculo e examinou o labirinto de sulcos e poços abaixo, vendo apenas pás, garrafas de água, latas de estanho, mapas, luminosos, macas, latas de gasolina, marmitas e encerados. Será que Tom estaria lá, enterrado debaixo das relíquias de coisas que um dia existiram? Stanley viu uma figura se contorcendo, como um verme, para dentro e para fora das crateras abertas pelas bombas. Aquele homem não teria a menor chance, nem sequer conseguiria firmar uma arma no meio daquela lama.

Por ora não haveria nenhum contra-ataque, o Alto Comando ainda discutia entre si, com os australianos se recusando a obedecer às ordens dos ingleses para atacar durante o dia. Algum tipo de ração tinha chegado e uma fila estava sendo formada pelo cozinheiro. Ele devia estar aliviado, pensou Stanley, por conseguir baixar sua baioneta e se ver de volta ao comando de sua cozinha. Stanley ficou onde estava, seus pensamentos ainda em Tom, em Da, os dedos preocupados brincando com as orelhas de Pistol.

Fidget apareceu, segurando seus biscoitos do exército em uma mão, na outra uma carta. Fidget entregou os biscoitos e, então, como se fosse uma coisa de infinitamente menor valor, a carta. Stanley viu o selo "SERVIÇO ATIVO" no topo, viu a letra empolada no envelope... Da. Com o coração acelerado, as palmas das mãos suadas, viu o selo do correio do Exército APO S11: era o selo do

posto de Correios estacionário no campo de Etaples... Da ainda estava em Etaples! Stanley respirou fundo, abriu o envelope, desdobrou a folha, viu as palavras escritas laboriosa e cuidadosamente a mão. Cautelosamente, começou a ler:

Etaples,

22 de abril de 1918

Stanley,

Ele está aqui, Stanley, seu cachorro está aqui.

Como assim? Da tinha perdido o juízo? Ou ele não teria... Soldier não estava morto... Ele estava lá? Vivo e estava lá? Stanley correu adiante.

Eu agi mal com você quando o levei para o canil em Livenpool, mas tentei desde então fazer dessa coisa errada uma coisa certa, e rezo para que você encontre um lugar em seu coração para me perdoar.

Stanley engoliu em seco e congelou. Da não tinha feito isso, ele nunca tinha feito isso... Ele tinha levado Soldier ao canil, ele não o tinha afogado... Soldier estava vivo... Vivo? Stanley continuou, lutando e tropeçando nas palavras.

Quando Ma morreu, senti tanta falta dela que me esqueci de todas as outras coisas que existiam no mundo. Espero que você nunca tenha que sofrer

do jeito que eu sofri. E, apesar de eu rezar para que você nunca conheça o estado de espírito que pode levar um homem a um ato desesperado, desejo que um dia, daqui a muitos anos, você compreenda que a dor pode levar um homem a realizar coisas terríveis. Eu quis mesmo afogar seu cachorro, Stanley, e que Deus me perdoe, eu quis fazer isso, mas não o fiz.

Onde ele está, Da? Diga-me onde ele está.

Quando descobri que você tinha partido, fui buscar o cachorro, mas eles me disseram que ele tinha fugido na mesma manhã em que o deixei lá, e nunca mais tinha sido encontrado. Uma semana depois eles me escreveram para contar que ele tinha sido capturado como cão de rua e recrutado como Cão de Guerra. Eles o enviaram para cá, filho. Na coleira está escrito CÃO MENSAGEIRO NÚMERO 2176.

2176? O coração de Stanley saltou no peito... Os números em azul, o 2, o 1, o 7 e o 6 brilharam e saltaram da página branca. Com os dedos tremendo, Stanley agarrou a gola de Pistol... Ele sabia o número, mas... Não... Tinha alguma coisa errada. Pistol é que era 2176. Stanley olhou para a placa. Os dígitos pularam, saltaram e ficaram desordenados. Os dedos de Stanley soltaram a etiqueta. Ele começou a tremer. 2176, *Pistol* era 2176. Febril e desajeitado, Stanley pegou a carta. 2176, estava escrito... Da tinha se enganado,

ele tinha conseguido o número errado. *Pistol* era 2176. Stanley virou-se da carta para a coleira de novo, ainda sem ser compreendido nos olhos conturbados de *Pistol*. Stanley prendeu a respiração — aqueles olhos escuros —, suas entranhas cambaleando com a dúvida, o choque e a maravilhosa esperança — aqueles olhos... Seria possível? Seria possível que aqueles olhos fossem de *Soldier*?

Aquele filhote tomando leite que ele segurara na palma da mão, aquele pacotinho que *Rocket* deixara cair em seu colo... Seria possível? Teria ele crescido e ficado tão alto assim? *Soldier* teria cinco meses agora, quase seis... As perninhas de *Soldier*, nas quais ele tropeçava, será que elas teriam crescido tanto assim, tão depressa? Stanley pegou um punhado dos pelos cinzentos de *Pistol* na mão. A pelagem cor de mingau de *Soldier* teria escurecido para esse cinza prateado?

Com as lágrimas escorrendo pelo rosto, o rapaz pegou as orelhas de *Soldier*, a cauda, as pernas, em uma febre de espanto.

— *Soldier* — ele engasgou. — Você sabia, não é? — Com olhos risonhos confusos e apertados, *Soldier* abriu as mandíbulas e sorriu de volta para Stanley. — Você sabia assim que me viu, você sabia o tempo todo, mas eu, eu não percebi...

Stanley lançou-se em *Soldier*, apertou o cão inteiro nos braços, balançando-o para um lado e para outro, uma erupção de calor e de assombro no centro machucado de seu coração, desatando seu nó escuro de tristeza. À deriva e sem peso em uma onda de alegria, Stanley se inclinou para trás contra o saco de areia, puxando o cão para mais perto, respirando o cheiro quente e úmido de seu pelo, sentindo as lágrimas tranquilas em suas próprias faces.

— Era eu? — ele perguntou. — Era eu que você estava tentando encontrar quando fugiu do canil?

A cauda de *Soldier* virou para lá e para cá com prazer diante daquela demonstração súbita e inesperada de afeto de seu mestre. Aquela cauda e aquele pelo, aquilo tudo era o cão *Laxton* em *Soldier*, era *Jake*, o cão que Stanley tinha encontrado em *Rocky Brow*

naquela tarde em que ele tinha perdido Rocket; mas a leveza e a velocidade de Soldier, essas eram de Rocket...

Segurando a carta de Da por trás da cabeça de Soldier, Stanley continuou a ler.

Eu estou aqui para encontrar vocês dois, o filho e o cão. Stanley, foi um erro meu que fez com que você saísse de casa, mas eu rezo para que eu possa encontrar seu cão e o devolva a você, e daria tudo para saber que vocês dois estão a salvo em Thornley.

Aquele padre Bill me contou que seu trabalho com os Sinaleiros é na retaguarda e não na linha de frente, e eu estou grato por isso, mas eu rezo para que você esteja indo para casa e, se Deus quiser, vou me reunir a você lá.

Da

“Se Deus quiser”? O que Stanley tinha feito? Ele olhou com os olhos borrados aquele pedaço de papel amarrotado. Algumas gotas caíram através do telhado da trincheira, manchando a tinta. Da estava aqui.

Stanley saiu daquela tontura causada pela alegria e pulou no vazio criado pelo medo. O que ele tinha feito?

— Da precisa voltar para casa, Soldier, aqui não é lugar para ele — Stanley ficou de pé. — Ele não devia estar aqui. Temos de encontrá-lo, para dizer a ele que todos nós podemos ir para casa agora.

O que será que o garoto quer?, perguntavam as sobrancelhas arqueadas do cachorro.

— Nós precisamos encontrar Da e devemos levá-lo para casa.

Com a mente correndo, Stanley pegou sua mochila e prendeu uma guia na coleira de Soldier. Ele diria a James que ele e Soldier estavam indo embora.

Os dois alcançaram os degraus da estação de sinalização e Stanley se viu abruptamente cara a cara com o capitão McManus. Atrás dele estava Hamish, ambos preenchendo toda a altura e a largura da trincheira, dois homens nascidos para terras maiores, para vales mais profundos e morros mais íngremes do que estes.

— Ah, não — suspirou Stanley, e começou a sacudir a cabeça com firmeza e lentamente de um lado para o outro.

Mantendo seu olhar em Stanley, os olhos azuis do capitão estavam preocupados, seu rosto sombrio e abatido.

— Não — disse Stanley. — Não. Eu não posso. Eu tenho que encontrar o meu pai.

O capitão não ouviu porque estava falando ao mesmo tempo.

— Adestrador Ryder, nós temos que fazer contato com os nossos homens no Monument. Temos que limpar as posições inimigas daquelas metralhadoras antes que possamos fazer o nosso contra-ataque. Prepare o seu cão. Eu o estou enviando pela rota sob o canal.

Hamish adiantou-se e colocou a mão suavemente no ombro de Stanley. Stanley balançou a cabeça.

— Não.

O capitão aproximou-se, baixou a voz e disse, com urgência:

— Stanley, apenas os homens no Monument conhecem as posições inimigas. Temos que receber uma mensagem deles. Posso mandar um corredor para lá, mas não teria como ele voltar e subir a encosta. Não há cobertura, é exposto demais lá debaixo.

— Não. Eu preciso encontrar o meu pai.

— Stanley, eu não tenho escolha. Seu cão é a nossa única esperança.

Você não tem escolha, mas eu tenho, pensou Stanley.

— Não — ele disse, balançando a cabeça de novo —, eu não posso perder este cão — As palavras de Stanley eram firmes e fortes, sem ressecamento na garganta, sem gaguejar. — Não — ele disse de novo.

Quando o capitão respondeu, havia angústia em sua voz.

— Perdemos dez corredores, Stanley. Dez...

Por trás de Hamish, Stanley viu um soldado de infantaria australiana à espera. Stanley olhou por cima do parapeito. Enviar Soldier? Ele girou.

— Não — disse ele de novo. — Não.

O capitão inclinou-se para a frente e sussurrou:

— Aqueles homens lá em cima são alvos fáceis até que eu receba deles uma mensagem com a posição das metralhadoras. Adestrador Ryder, os Lancs não têm outra esperança.

Os Lancs. Stanley recuou assim que a agonia total de sua posição o atingiu. Sem a mensagem de Soldier, Tom e os homens no Monument não poderiam ser salvos. Para Stanley, era perder um irmão ou um cão.

— Eu vou. Eu vou. Não envie o cão, me envie no lugar dele.

James sacudiu a cabeça com exasperação, levantou-se bem ereto e disse em uma voz aguda, ríspida:

— Eu não tenho outra opção, e você, adestrador Ryder, tem o dever e a obrigação de obedecer à minha ordem.

Hamish intercedeu suavemente.

— Você não tem escolha, Stanley. O cão deve ir.

Com medo misturado a horror, Stanley virou-se para Soldier. Viu o olhar atento de Soldier, as sobrancelhas erguidas e os olhos líquidos, a cauda balançando, a pata dianteira pronta. Stanley baixou a

cabeça, ajoelhou-se na água fétida da trincheira, segurou a longa cabeça cinza do cachorro e disse:

— Traga-me uma mensagem de Tom, mas... Volte... Volte. — Com um som estrangulado, ele acrescentou: — Vá, garoto. Vá!

E entregou a guia para o soldado que estava esperando.

Bosque de Aquenne



Lá, naquele amontoado desolado de árvores, estavam dois dos três seres que Stanley mais amava.

A vida de Tom dependia do retorno em segurança de Soldier, e, claro, a vida do cachorro estava em risco também. E desse retorno em segurança ainda dependia o destino de Villers, de Amiens e de Paris. Como era estranho que os eventos da vida de Stanley, as batidas de seu coração, tivessem de soar em colisão tão precisa com o pulsar da Guerra...

Hamish, o rosto iluminado pelo âmbar de um raio de sol, permaneceu ao lado de Stanley. Seus olhos estavam descansando na carta de Da.

— É de seu pai?

Stanley concordou.

— Ele não sabia, não é, o seu pai? Ele não sabia que você estava aqui?

Stanley balançou a cabeça.

— Não — respondeu.

— Stanley, este lugar não é para você... Mesmo no serviço com os cães.

— Não! — Stanley explodiu. — Isto não é lugar para cães, nem cavalos, não é lugar para filhos nem pais nem irmãos. Mas, até que eu tivesse lido a carta de Da, não havia nenhum outro lugar para mim. — Hamish esticou o braço sobre os ombros de Stanley. Passou-

se um pouco de tempo. Quando o rapaz estava mais calmo, continuou a falar. — Meu irmão... Ele está lá, com os East Lancs...

— Oh, rapaz...

Hamish ficou em silêncio enquanto, juntos, os dois olharam por cima do parapeito, os olhos seguindo a rota que Soldier poderia fazer, por fora do bosque, através de um cinturão de terra pantanosa sem nenhum tipo de abrigo, sobre o canal e então pela encosta íngreme, até a trincheira onde estavam os dois.

— Tanta coisa depende de seu cachorro, Stanley — Hamish balançou a cabeça, em dúvida —, os boches estão aqui em volta, por toda parte, não se pode dizer onde há um alemão e onde não há.

Ele estava pondo o binóculo de volta nos olhos quando a quietude calma do crepúsculo foi quebrada com uma súbita rajada de metralhadora, um grito selvagem, vindo da direita do bosque.

Um vulcão de terra e de detritos irrompeu em Monument. Mais perto, havia novas rajadas de metralhadora, mas de onde vinham? Mais abaixo na trincheira, onde a infantaria Devon estava, um grito subiu. Fidget apareceu do nada, agarrando Stanley — algo estava lá ao longe, arremessando-se baixo e rápido em direção ao canal. Não se conseguia enxergar um cão, apenas um borrão cinza, uma faixa prateada. Hamish estava gritando por James; Stanley estava medindo a distância que o cão teria de cobrir, calculando a distância e o tempo que o cão deveria demorar para cobri-la. Doze minutos, talvez. Doze; se Soldier conseguisse manter essa velocidade, seriam doze.

Cada toco e cada fragmento de galho de árvore e espinhaço que separavam Stanley daquele cão que ele amava, da ponta da cabeça até o dedão do pé, pareciam sinistros e malévolos. Qualquer buraco ou vala poderia esconder uma arma. Soldier estava quase no canal. A água devia estar grossa e espessa por causa da lama. Lá estava ele, agora, deste lado do canal. Ele tinha de atravessar a planície agora, atravessá-la na posição de dez horas de Stanley. Com a velocidade aumentando, Soldier disparou sobre algo, talvez um

dique, um riacho, um afluente do canal, e Stanley sentiu uma onda crescente de alegria. As batidas de seu coração estavam em suspenso, acompanhando o ritmo daquelas intermináveis passadas das pernas explosivas. Toda a sua respiração convergia para aquele único corpo, era apenas o raio prateado que ele via. Foi com orgulho e esperança que ele assistiu ao aumentar daquela velocidade, a traseira encolhida, o pescoço esticado, a cauda estendida. Ele viu a graça suave e líquida de um cachorro que corria com cada átomo do seu ser em direção ao rapaz que ele amava.

O avanço era mais pesado agora, a lama grossa e gananciosa; as pernas de borboleta de Soldier estariam agora afundando naquele lodo malcheiroso, mas em volta de seu pescoço, naquele cilindro de metal, estava a preciosa mensagem, a mensagem que poderia salvar Tom.

Como um azougue, Soldier corria adiante. Em torno dele jaziam dispersos os corpos dos mortos. Não tinha havido tempo de recolher os corpos, de buscar os feridos. Stanley observava, Hamish observava — James, Fidget, o cozinheiro, a linha de australianos, uma fileira de chapéus aparecendo sobre o parapeito por toda a sua extensão, até onde o olho podia alcançar, todos assistindo enquanto Soldier se atirava no reluzente disco de uma cratera de bomba cheia de água, atingindo-a a toda a velocidade, com uma chuva de gotas. Agora ele estava fora, de volta ao campo aberto, subiria agora a encosta sem proteção.

Houve o som de uma metralhadora cuspidando balas.

A mão de Hamish subiu em horror ao rosto. Ele balançou a cabeça.

— É uma Maxim leve. Quatrocentos tiros por minuto...

Mas Soldier continuava correndo para a frente, inabalável, as mandíbulas abertas, sorrindo. Ele parecia estar fora de alcance. Fez-se silêncio naquela Maxim mortal. Stanley visualizou os cartuchos diabólicos rodando na cinta de munição, alimentando aquela metralhadora, e sabia que seu alcance era de mais de trezentos

metros. Onde estava a Maxim? E Soldier, estaria entrando ou saindo do alcance do artilheiro?

— Há só um atirador, só um atirador na metralhadora — sussurrou Hamish, acrescentando: — Corra, cachorrinho. Corra enquanto ele recarrega.

Em que fenda daquele pântano maldito estava escondida essa Maxim? A metralhadora deu uma segunda salva selvagem de tiros. O artilheiro tinha aguçado a pontaria, e as balas, do tamanho de bolas de gude, caíam como granizo, chicoteando e rasgando o chão ao redor de Soldier. A metralhadora estaria na linha férrea?

—Vamos... Vamos... Depressa, Soldier, depressa!

Stanley não conseguia pensar em nada, não ouvia nada, não enxergava nada a não ser aquele vislumbre de um azougue, apenas aquela forma cinzenta que deslizava pelo chão, como se fosse uma sombra correndo. Uma trincheira coberta com arame farpado estava por vir. Soldier correu em direção a ela e saltou aquele obstáculo, alegre e sem esforço como um veado, as pernas traseiras encolhidas. Seria uma subida mais difícil agora, o chão um pântano, um mingau, como chamava Hamish, mas o crepúsculo estava se aprofundando e Soldier poderia usar os arroyos como cobertura se não estivessem cheios de água.

Houve um único disparo agora, vindo da direita. Não era a Maxim, era um rifle.

— Um Mauser, lá, bem embaixo — disse Hamish. — Postos avançados inimigos em toda parte.

A cabeça de Stanley oscilava muito — onde, onde estava a arma, onde estava Soldier?

Na parte inferior da encosta à direita de Stanley, tons sobrenaturais de cinza, verde e marrom se misturavam.

— Há boches por toda parte! — disse Fidget.

Soldier ainda continuava ileso e correndo, e Stanley respirou novamente. A linha de chapéus pontilhando o parapeito da trincheira

estava lá, todos observando, gritando e aplaudindo o cão.

Ouviram-se dois, talvez três disparos de rifles. Onde estava ele? Soldier tinha desaparecido. Não... Ele caíra em um dique, um dique inundado, que corria perpendicular à trincheira no fundo da encosta. Estava se abrigando... Não, tinha saído em campo aberto, talvez obrigado a fazer isso por causa da lama asfíxiante. Estava lá fora, de novo.

Não havia nenhum tipo de cobertura agora. Apenas fragmentos de coisas que um dia existiram... Alguma coisa... Só havia agora eles e o valente cão cinzento. Para além de Soldier, via-se a ardente silhueta do vilarejo contra um pano de fundo de luz em constante mudança. O céu, cintilante sobre a aldeia, parecia estar sendo sustentado por fitas de luz.

O rifle deu um único e brutal disparo. O sangue de Stanley gelou. Onde estava ele? Soldier, onde estava ele?

— Ele está em cima, garoto — ele está em cima! — disse Hamish.

Lá... Lá! Ele tinha caído, mas estava em cima de seus pés novamente, e era apenas o impacto que o tinha derrubado, era só isso, apenas o impacto. O punho de Stanley estava em sua boca.

Soldier parou e soltou um grito de dor de gelar a espinha. Ele tinha sido atingido. Tinha parado. Seu flanco direito estava tremendo, enrugando-se. Stanley ouviu, ainda que de modo turvo, os gritos dos homens que observavam sobre o parapeito, viu Hamish e suas mãos enormes voarem para cobrir um rosto que estava perturbado de dor, viu quando ele desviou o rosto de uma visão que estava além do que se podia suportar. Ele viu, como se fosse num sonho, seu cachorro cair...

— Soldier... Soldier — sussurrou.

O rapaz pegou o binóculo, varrendo a vastidão coberta de lama, as mãos tremendo, as pernas quase se dobrando debaixo dele, seu campo de visão saltando de um ponto a outro. Viu panos rasgados que flutuavam ao vento e homens mortos deitados como destroços trazidos em uma maré. Onde? Onde estava Soldier? Stanley viu fios

emaranhados, latas, armas. Viu os mortos e os feridos — mas onde estava Soldier?

— Soldier? — sussurrou, vendo lá, no lodo reluzente, o cão deitado como uma boneca de pano, as pernas quebradas espalhadas.

Stanley virou-se, segurando o poste de madeira, mas Hamish o estava puxando, girando-o para olhar o front de frente.

— Olhe, garoto, olhe!

Soldier tinha levantado a cabeça. Estava de pé, sobre três pernas, as patas dianteiras tremendo, as mandíbulas abertas, ofegando, uma perna traseira se arrastando. O que Stanley não podia ver com os olhos, ele podia sentir em seu coração — a dor, o medo e a censura com os quais aqueles olhos certamente estariam preenchidos.

Soldier estava se movendo para a frente, ainda atraído, apesar da perna inútil, pelo misterioso puxão magnético de seu mestre. Ele mancava encosta acima, hesitante enquanto se equilibrava na perna quebrada.

— Vem, garoto, vem.

Quanto mais subisse, ainda mais fora do alcance das armas ele ficaria. Apenas uma centena de metros ou menos acima da encosta e ele estaria a salvo.

Stanley estava tremendo da cabeça aos pés, com medo por Soldier, e tremendo também por causa de seu casaco pesado e encharcado.

— Continue, meu rapaz, continue seguindo! — sussurrou Hamish.

Ouviu-se outro chicotear do Mauser, e mais um. Jorros de lama estouraram para cima. Stanley agarrou a mão de Hamish — as balas estavam chicoteando o solo ao redor de Soldier, enviando jorros de terra e de lama em um raio em torno do cão. Mas onde estava esse atirador? Stanley se debruçou nas paredes da trincheira, que estavam se desintegrando, tentando chegar mais no alto para ver

melhor. Onde estava o atirador com aquela pontaria mortal, com a mortal Mauser?

— Cinco tiros, ele disparou cinco tiros. O atirador está recarregando. Continue, cãozinho, continue. Continue avançando enquanto ele recarrega!

E ele continuou, as patas dianteiras valentes afundando e deslizando a cada passo, o galope irregular, além do suportável. A mão esquerda de Stanley estava em seu quadril, pressionando-o como se quisesse dominar a dor de uma perna quebrada. De cada lado os homens gritavam para o cão. Homens adultos, os mesmos homens que tinham visto seus companheiros morrerem e com os olhos secos de lágrimas, esses homens que tinham estado tanto tempo longe de mulheres ou crianças ou de qualquer tipo de ternura, eles eram levados às lágrimas por um cachorro arrastando a perna quebrada através de uma tempestade de fogo.

— Continue vindo, não pare, continue vindo... — Os olhos de Stanley estavam borrados por causa das lágrimas, os punhos cerrados em uma oração. — Soldier, Soldier...

A Mauser disparou de novo... Um-dois-três... As passadas de Soldier vacilaram... Quatro-cinco. Seu flanco direito tremia agora como a superfície de um córrego — ele caiu.

As delgadas patas dianteiras do cão estavam alinhadas para a frente, a coxa direita torcida de forma hedionda como se fosse ser arrancada de onde estava. Ambas as ancas agora haviam sido atingidas, a direita e a esquerda.

— Oh, rapaz...

Hamish e James estavam pálidos, devastados, abatidos, todas as esperanças de receber notícias daqueles homens cercados no bosque agora perdidas.

Alguns segundos se passaram. Uma eternidade sem fim, de respiração suspensa. Os homens que antes gritavam ficaram em silêncio, os rostos agora contritos e sem cor. Stanley observou a cabeça de Soldier, rezando até mesmo pelo ligeiro mexer de uma

orelha. Mais além do cachorro, em meio ao emaranhado de fios mais escuros e às armas, um pano rasgado tremulava ao vento, como se fosse uma mão acenando, mas o corpo cinza-ardósia do cão, a estrela polar da esperança de Stanley, continuou imóvel. O lodo brilhante pegou o brilho do sol que se inclinava em um halo ao redor do corpo imóvel. Nada mais existia na Terra para Stanley, apenas aquele corpo caído e retorcido.

— Chame seu cachorro, Stanley, chame! — disse Fidget.

Stanley se virou abruptamente para Fidget. Ele tinha visto o cão se mexer? Mas Stanley não podia chamar até que livrasse a garganta da pedra que tinha se colocado lá. Ele tentou uma vez.

— Soldier!

— Mais alto, chame mais alto! — disse Fidget, com urgência.

— Soldier! — a voz de Stanley soou como um sino.

As orelhas de Soldier se mexeram levemente, o focinho se levantou, talvez um centímetro acima do chão, e sua cabeça virou-se, como um girassol, em direção à voz de seu mestre.

— Chame de novo, rapaz, chame! — pediu Hamish.

Stanley levantou a cabeça acima do parapeito. Procurou pontos de apoio naquela parede escorregadia, e mais uma vez chamou. Soldier ergueu-se nas patas dianteiras, com as mandíbulas abertas, ofegante. Deu um salto à frente, mas estava atolado com o peso morto de seu traseiro inútil, e não conseguia avançar. Stanley observava, de modo agonizante, aquela bravura desoladora, as patas dianteiras tremendo de tensão quando o cachorro se lançou para a frente de novo, mas ainda não conseguindo fazer o traseiro se deslocar. Ele tocou o solo com uma inclinação desafiante da cabeça, apalpou o solo de novo, como se a própria encosta íngreme talvez tivesse de responder por tudo que estava acontecendo, então levantou a cabeça, latiu, estendeu novamente o corpo e jogou as patas dianteiras para a frente como se quisesse dividir-se em dois, tanto era o seu desejo de chegar a seu mestre, expresso no pescoço estendido e nas pernas trêmulas.

Stanley colocou um punho na boca para parar o grito de dor que estava nascendo dentro dele.

Soldier apalpou o chão.

Segundos se passaram. A cabeça e o peito de Soldier caíram no chão.

— É muito, sim, muito. Metade de seu corpo e ele tem que arrastar o peso... — disse James.

A equipe da Companhia de Sinais reunida em torno de Stanley começou a desviar o olhar, os rostos assombrados.

Hamish colocou um braço em torno de Stanley e baixou a cabeça, levando o rapaz para longe do parapeito.

Minutos se passaram. A primeira estrela apareceu. Os discos prateados das crateras começaram a brilhar no terreno como se fossem lanternoas. Em cada disco subia uma lua cor de sangue, mil globos púrpuras em mil mares prateados.

— Suba em meus ombros e deixe que ele veja você — disse Hamish, e ele e James ataram os dedos como se estivessem ajudando uma criança a montar num pônei.

Stanley se apoiou em quatro grandes mãos McManus e se puxou para cima. Ele não era alto o suficiente, o cão não iria vê-lo. Ele tinha que ficar mais no alto, num lugar mais visível. Stanley deu um pulo, o som da lama esmagada sob suas botas suficiente para acordar todo o exército do cáiser.

— Não, rapaz, não! Abaixese, o franco-atirador...

Stanley ficou na beira, todo o medo por si mesmo abandonado pelo medo por Soldier, e gritou "Soldier" uma vez e de novo, "Soldier!". Impávido e exposto, ele chamou uma última e desesperada vez:

— Soldier!

Não houve nenhum movimento. Ele deveria apitar. Se houvesse alguma respiração ainda em Soldier, ele se lembraria daquele apito e levantaria a cabeça. Stanley procurou no bolso, encontrou a caixa,

abriu-a desajeitadamente com dedos trêmulos, colocou o apito na boca e soprou.

As notas luminosas dançavam em um fluxo cintilante ao longo da planície desolada. Uma única orelha piscou e se virou. Stanley soprou novamente. Ambas as orelhas ficaram em pé. Stanley soprou uma vez mais. Soldier levantou a cabeça, ergueu-se sobre as patas dianteiras; seu peito e sua cabeça foram para cima e ele estava arranhando o chão.

— Soldier! — chamou Stanley.

Ouviram-se o disparo de um rifle e uma martelada em seu braço. Ele apertou abaixo do cotovelo, semiconsciente da umidade que escorria, o cheiro ferroso do sangue que vertia de onde a bala tinha roçado o braço.

— Abaixem-se, rapaz! — Hamish gritou.

Ainda de pé, balançando um pouco, Stanley soltou o braço, ergueu o apito mais uma vez e soprou. Soldier moveu uma pata dianteira. Em seguida, a outra. Ele avançou, arrastando as ancas para a frente. A pata dianteira direita, tremendo de tensão, moveu-se novamente, depois a esquerda.

O tempo expulsou todo o restante da órbita de Stanley, exceto o cachorro, e desacelerou até parar enquanto o rapaz via Soldier lutar além dos limites da resistência, do dever e do amor.

Stanley agachou-se. Passo a passo, aquelas valentes e trêmulas patas dianteiras avançaram, arrastando as ancas mutiladas através daquele terreno mutilado, centímetro por centímetro, até que Stanley não conseguiu suportar mais e se jogou no chão.

Usando o braço bom, o nariz enterrado naquela lama salobra, ele se arrastou por todo o terreno plano em frente do parapeito das trincheiras e para baixo. Polegada a polegada, deixando uma trilha púrpura sobre o lodo brilhante, menino e cachorro arranhavam seu caminho um em direção ao outro.

Havia apenas alguns metros entre eles agora. Stanley tremia incontrolavelmente, cada som ensurdecido de lama sendo

esmagada sacudindo seus nervos. Sua mão apertou um pedaço rasgado de roupa, uma luva talvez, o que o fez pensar que tinha visto um fantasma. Stanley chegou à frente e com um último e desesperado avanço ele tinha a cabeça de Soldier em suas mãos, puxando-o para mais perto.

Soldier deu um arranco e, com suas últimas forças, levantou-se, as pernas dianteiras deslizando enquanto ele tentava sentar-se, ergueu o peito, ergueu a cabeça para seu mestre. As mandíbulas finas estavam abertas e sorrindo, os olhos brilhantes. Entorpecido pela dor e pelo amor, Stanley não conseguia se mover para recuperar a mensagem. Soldier ergueu o focinho um pouco mais alto. Ainda assim, o rapaz não fez nenhum movimento. Soldier arranhou o chão, a cauda girando. As entranhas de Stanley se convulsionaram, e as palavras saíram estranguladas e sufocadas:

— Bom garoto, bom garoto...

Ele arrancou o cilindro da coleira com uma torção.

— Pode deitar, garoto, deite...

Stanley virou-se para a linha de chapéus desmazelados que estava empoleirada no parapeito da trincheira. Ergueu o braço bom e atirou o cilindro para lá, vendo quando Hamish o agarrou, então, virou-se e tirou um biscoito encharcado, enfiando-o nas mandíbulas de Soldier.

INÍCIO DA NOITE, 24 DE ABRIL DE 1918

Bosque de Aquenne



Amaldiçoando a dor que lhe queimava o braço, ele tirou o casaco e o espalhou no chão. Delicadamente, arrastou-o sob Soldier, puxou o cachorro para cima e o cobriu, amarrando as mangas do casaco atrás das costas do animal. Carregando o cão debaixo de seu corpo nessa rede, Stanley arrastou-se para um afluente raso que ficava a poucos metros de onde estava.

— Ajustem suas miras para aquele tronco oco de árvore que está na frente à direita — ele ouviu alguém gritar para os artilheiros.

Stanley continuou rastejando. A mensagem de Soldier devia ter identificado aquele tronco oco como sendo o local onde se escondia o franco-atirador alemão. Embalando o cão ferido, Stanley entrou no riacho.

— Podem explodir aquilo. Mandem tudo que tiverem — veio a instrução para os atiradores.

Cinco minutos se passaram. Quanto o tiroteio parou e Stanley olhou para fora, nem um fragmento do tronco permanecia em pé.

— Acertem as miras. Duas horas. Na borda oriental de Monument. De novo, deem tudo que tiverem.

Stanley novamente ouviu o barulho de sua própria artilharia.

— Isso é por você, Tom — disse ele. — Por você.

Aquele riacho tinha talvez menos de um metro de profundidade, apenas o suficiente para abrigar um rapaz e um cachorro. Eles ficaram deitados lado a lado, Stanley penteando com os dedos o pelo enlameado de Soldier, centímetro por centímetro. As artérias de

Soldier não tinham sido atingidas, por isso aquela hemorragia era apenas superficial. Lá estava a ferida de bala no flanco esquerdo, uma punção redonda e profunda. Na perna direita havia outras três balas, uma perto da outra. Eles deveriam esperar ali, não deveriam arriscar mover Soldier até que fossem resgatados.

Stanley descansou a cabeça ao lado de Soldier, sentindo o hálito quente, assistindo enquanto os instaladores de cabos se arrastavam adiante sobre a lama fazendo reparos apressados. Stanley viu novas tropas passarem em filas intermináveis, com um pavonear arrogante, não através da trincheira de comunicação, mas lá por cima, os australianos, seus chapéus desleixados em silhueta contra a luz da lua.

A lua subiu mais alto, a lua cheia, vermelha. Quando Soldier e ele seriam resgatados? Um cachorro ferido era uma prioridade baixa, o próprio ferimento de Stanley era baixa prioridade. O contra-ataque seguiria em frente, mas ainda assim os feridos e os mortos seriam deixados onde jaziam.

Às dez para as dez, um oficial se movimentou ao longo da trincheira, servindo a ração de rum.

— Depressa, depressa, depressa! — o general de brigada Glasgow levantou-se e ficou de pé, visível contra o céu noturno. — Não há tempo para o reconhecimento do terreno e vocês não conhecem a área, mas irão surpreender um inimigo exausto. Não parem até que tenham tomado o bosque de Monument, e depois mantenham a posição a qualquer custo.

Pelo que Stanley conseguiu enxergar em todas as direções, uma fileira única de homens se ergueu daqueles cumes prateados pela luz do luar e pelas cristas das trincheiras.

— Vão em frente, matem todos os malditos alemães que encontrarem pela frente. Adeus, homens... É tudo ou nada!

Stanley viu os australianos saltarem para fora, os rifles erguidos, tão casuais como se estivessem indo caçar coelhos. A Companhia A se separou do pelotão principal. Em silêncio absoluto, eles se

arrastaram até o riacho e se colocaram em posição. Todas as cabeças se viraram e, em formação perfeita, eles ergueram os fuzis.

— É para você, cão de guerra — gritaram a uma só voz. — Para você, rapaz!

E, todos ao mesmo tempo, dispararam um tiro em direção ao céu, baixaram os fuzis e, novamente, em formação perfeita e com galhardia deslumbrante, começaram a correr declive abaixo, para se unir ao avanço principal.

Em um instante, cem sinalizadores inimigos dispararam para o ar como velas romanas, fazendo com que a planície ficasse clara como o dia. Os australianos, rugindo e correndo agora como uma horda viking, mergulharam em direção a Monument, e aos edifícios incendiados do vilarejo. Mais sinalizadores alemães de SOS foram disparados. Deixando rastros fantásticos como se fossem fogos de artifício, eles se arquearam e ficaram suspensos no ar antes de explodir em uma luz brilhante que flutuava sonhadoramente até chegar ao chão.

O braço de Stanley estava queimando, mas ainda assim ele tremia. Soldier estava coçando uma pata dianteira com a outra, raspando-as no solo. Ele devia dar ao cão mais daqueles biscoitos de Fidget. O jovem procurou nos bolsos, mas Soldier estava muito distraído, suas patas frenéticas arranhando sem parar a margem de terra do riacho.

Gás! Gás tinha envenenado a lama que estava entre as patas, estava queimando o cachorro como ácido. No branco brilhante da luz de um sinalizador, Stanley viu os olhos pegajosos de Soldier. Ele colocou a cabeça no peito do cão e ouviu o silvo entrecortado da respiração de Soldier. A água, o ar pesado e espesso do riacho, ambos tinham sido envenenados. Stanley engoliu em seco o ar úmido da noite, mas sua cabeça estava muito pesada, havia pedras em seu peito. As valas e diques e as crateras das bombas, tudo isso era mortal.

Quanto tempo levaria para alguém vir resgatar os dois?

Loucas explosões cortavam a planície. A investida selvagem prosseguia. O vilarejo irrompeu em chamas como uma pira maligna, transformando a lua em uma bola de fogo, a planície em um campo de sangue, banhando os declives de um medonho carmesim.

Os dedos doloridos de Stanley deixaram de agarrar a margem de terra que estava desmoronando. Seu braço ferido latejava e pulsava do ombro à ponta dos dedos. Ele estava trêmulo, com espasmos de frio e de calor, tão cansado que nem sabia onde estava, e nem se importava. O chão estava caindo debaixo dele. Eles dois poderiam ser enterrados vivos, ele e Soldier, enquanto Amiens era salva, enquanto Paris era salva.

Surgia uma nova dor aguda no peito de Stanley, facas em sua garganta. Por que o céu e a terra estavam mais escuros do que antes? Era essa escuridão que estava queimando seus olhos, criando bolhas em sua garganta? Se ele pelo menos pudesse puxar para baixo o céu de lã, arrancar punhados dele e cobrir-se com isso, para abafar os gritos e gemidos dos feridos, aqueles gemidos fracos e desesperados que perfuravam a noite. Ele tinha de fechar os olhos, que estavam escorrendo. Dormir, sim, dormir poderia aliviar sua dor.

Stanley entrava e saía desse estado de insônia.

E foi forçado a sair do sono por causa de uma asfixia violenta. Alguém estava apertando sua garganta, querendo estrangulá-lo? O corpo vazio do rapaz se convulsionou e ele vomitou até que não tivesse mais nada dentro, exceto escuridão e agulhas. Agora havia também água envenenada, subindo, enchendo seu peito, forçando seu caminho para cima, água salobra e maligna em sua garganta, dentro de sua boca. Escuridão, agulhas e água envenenada preenchiam o espaço que se queimava atrás de seus olhos e o afundava no esquecimento.

ANTES DO AMANHECER, 25 DE ABRIL DE 1918

Bosque de Aquenne



Dedos frios seguravam o pulso de Stanley, e então descansaram em sua testa.

— Quase morto. Não mais do que uma criança.

Stanley inclinou o rosto para a voz e tentou abrir os olhos pegajosos. Seu braço direito se dobrou em direção a eles e os esfregou.

— Não, pare com isso! Não toque os olhos ou vai piorar ainda mais!

O braço do rapaz foi contido e colocado ao lado do corpo.

— Estas gotas vão ofuscar sua visão até que você não consiga enxergar mais nada, e isso vai ser uma bênção para você.

Em meio à névoa de dor e de náuseas, havia patas arranhando-lhe a camisa, a respiração rápida e ofegante de um animal em seu rosto.

— Ordenança! Aqui! Pegue o cachorro dele!

O peito de Stanley se apertou com o pânico.

— Saia! Saia!

As patas de Soldier arranhavam seu peito, mas os braços do rapaz estavam presos, ele ergueu a cabeça e havia uma bandagem enrolada em torno de seus olhos. Ele queria deter Soldier, mantê-lo perto, mas não conseguia mexer direito a cabeça, nem os braços, não conseguia se mexer por completo. Suas roupas pareciam estar em chamas, queimando-o.

— Eu disse para você tirar esse animal de cima dele!

Houve um grunhido quando aquele corpo trêmulo em cima do peito de Stanley foi arrancando dali.

— Leve o cachorro embora!

Para onde eles estavam levando Soldier? Stanley tinha que reunir alguma força, ele precisava contar a esses homens que eles não podiam levar seu cachorro embora, mas as roupas estavam queimando sua pele, espinhos picando a carne nua. Ele balançou e caiu para trás.

— Aqui, maqueiro! — gritou outra voz.

Alguém estava limpando o ferimento no braço de Stanley. Agora ele estava sendo transportado para cima, mas as pernas estavam soltas debaixo dele. O braço bom de Stanley foi enganchado ao redor do pescoço de alguém, uma tipoia foi passada em torno de seu pescoço e o braço ferido descansou nela. Stanley devia lutar contra as agulhas em sua garganta, devia perguntar ao homem que o sustentava... Soldier, onde estava Soldier?

— Você é um sujeito de sorte por não poder ver o que eu estou vendo. Há pedaços de homens por todo lugar, e não podemos fazer nada por eles...

Um único pensamento preenchia todo o ser de Stanley, apenas um único desejo: ele precisava comandar seus membros inúteis, devia perguntar:

— O meu cão? Onde está o meu cão?

Ele fez apenas um som borbulhante fraco, devia levantar a cabeça e tentar novamente.

— Soldier!

Mas não saiu som nenhum, e seu peito estava atormentado por uma dor excruciante.

— Ele quer o cão.

— Bem, eu não vou ficar carregando todos os quadrúpedes mortos neste pântano — há cabeças e caudas em todo canto, e nós somos do corpo médico, e não veterinários.

— Continue andando.

Stanley sentiu a picada afiada do que poderia ser uma baioneta.

— Siga em frente. Suba na maca — ele ouviu o clique de um rifle sendo carregado. — Vou ficar cutucando este palito de dente no seu traseiro até você se apressar. Agora, pule na maca. Vamos levá-lo para a estação dos feridos.

Stanley foi forçado a seguir em frente, tropeçando com as pernas bambas, prendendo-se aos braços que o sustentavam, a cabeça se esforçando a girar para onde ele pensava que Soldier podia ter estado.

O braço bom de Stanley repousava sobre o ombro do homem na frente, o esquerdo na alça de uma muleta, a mão de outro homem sobre seu próprio ombro. Eles tinham saído das trincheiras, não havia estrado de madeira sob seus pés, apenas cascalho. Em torno dele, homens choramingavam e gemiam. Havia algo sobre seus ombros, talvez um cobertor, pressionando sua pele ardente. Seus pulmões se rasgavam a cada respiração. Os olhos vendados pela bandagem escorriam e grudavam. A escuridão pressionava-se contra os olhos, preenchendo sua cabeça, sufocando-o. A fila se arrastou para a frente, e mãos gentis empurraram o rapaz adiante, as pernas se movendo sem vontade própria, cada passo trôpego o levando para mais longe de Soldier. Se ele apenas pudesse se entregar, afundar, entorpecido pelo medo, pela dor e pela tristeza.

Em algum lugar à esquerda de Stanley houve um grito e um barulho, o barulho de ferro na pedra, o resfolegar e o relinchar de um cavalo. Stanley sentiu o cheiro de esterco, do suor e da respiração espessa de cavalos. Havia cascos batendo no chão, um relincho assustado, um cavalo fora de controle.

— Líder de esquadrão Ryder, senhor! — uma voz jovem gritou. Houve outro relincho assustado.

O coração de Stanley saltou, sons estrangulados saíram de sua boca. Tom! Esse devia ser Tom! Stanley devia chegar até ele, tinha que tirar aquela bandagem de seus olhos. Soltando a muleta, ele rasgou a bandagem com o braço que não estava ferido... De onde vinha aquela voz? Ele tinha que fazer as pernas pararem de dobrar, tinha que chegar a Tom.

Passos novamente de gente correndo, à esquerda de Stanley. Ele estendeu a mão, mas só pegou o ar, e os sons de gente correndo passaram por ele.

— Líder de esquadrão Ryder!

Aquela primeira voz gritou, e houve o som de outro relincho. Stanley sentiu uma leve mão em seu ombro, empurrando-o para a frente. Outra voz vagou até ele através daquele mar espesso de febre.

— Cinquenta cavalos de carga leve, senhor, e vinte mulas de carga, todos marcados e calçados apropriadamente, senhor!

Stanley parou e balançou a cabeça para essa voz. O homem atrás dele arrastou-se adiante, pisou na parte de trás da bota direita de Stanley, que caiu. O rapaz dobrou-se de dor e gritou:

— Tom!

Mãos gentis o colocaram de pé de novo. Stanley balançou-se para se livrar.

— Tom! Tom!

A garganta de Stanley se rasgava a cada grito; ele tinha berrado, mas as suas palavras não tinham sido nada mais do que um som gutural e estrangulado. A mão direita vasculhou o bolso. Com os dedos trêmulos, ele abriu a caixa de fósforos, puxou o apito para fora e soprou. Notas, muito fracas para que alguém as pudesse ouvir a não ser ele mesmo, se dissolveram antes que subissem no ar. Ele não tinha fôlego, havia facas na sua garganta, não havia ar no peito borbulhante.

Stanley devia tentar mais uma vez. Novamente ele soprou e as notas eram claras e brilhantes, porém mãos oficiosas prenderam-se em seus ombros, puxaram-no para trás, empurraram-no para dentro da fila.

A fila arrastou-se para a frente, então parou e Stanley esperou, com a cabeça inclinada.

Em algum lugar alguém estava correndo, agora parando, agora começara a correr novamente. Com cada músculo tenso, em meio aos sons de cascos, rodas e botas se arrastando, Stanley se esforçou para ouvir aqueles pés que corriam. Nada. Eles tinham parado... Mas, espere... Agora, havia um novo som, novos sons, notas poderosas e ondulantes que se elevavam e borbulhavam em uma fonte luminosa. Um apito, um apito de junco, as notas dos pântanos, das charnecas, das terras altas iluminadas pelo sol e pelas paredes de pedra, o som de sua infância. O coração de Stanley inflou. Sua mão urgente, trêmula, se atrapalhou com o apito. Agulhas espetavam sua garganta, mas, com as últimas forças, ele soprou. Notas fortes e claras estavam subindo agora, flutuando para cima. Um tremor passou por um segundo, e então alguém veio correndo, parando, correndo de novo. Stanley estendeu o braço para fora, cego, no ar vazio, girando e girando na escuridão. Sua mão foi tomada, baixada para o lado, e ele foi virado, envolto em braços fortes, dissolvendo-se contra um peito largo, sentindo a umidade nas bochechas de Da, a mão de Da acariciando sua cabeça.

— Filho...

O braço direito de Stanley subiu, seus dedos agarraram as bandagens em seus olhos; ele queria ver o rosto de Da.

— Líder de esquadrão Ryder! Apresente-se depressa!

— Ele está aqui, filho, o seu cão está aqui. Estou aqui para encontrar o cão, para encontrá-lo, devolvê-lo a você.

Stanley concordou e fez um som asfisiado. Da colocou a testa apoiada na de Stanley, e ficaram lá por um segundo, testa contra testa.

— É o cão mensageiro 2176. Eles me disseram que ele está aqui.

Um imenso soluço dentro do peito de Stanley levantou-se e ele ergueu os olhos com ataduras, acenando com urgência na direção pela qual achava que tinha vindo. E ouviu quando Da inspirou profundamente.

— O que aconteceu, filho? Onde ele está?

Se Stanley falasse apenas com a boca e não com a garganta, talvez pudesse formar as palavras com os lábios.

— Não pude vê-lo, Da... — a voz de Stanley era um sussurro desesperado, mas ele não estava mais gaguejando, suas palavras estavam se formando do jeito que ele queria que se formassem. — Eles me levaram embora... Deixaram Soldier lá.

Ele podia sentir a respiração de Da contra o seu rosto, em seguida sentiu os lábios dele em sua testa. O rapaz agarrou de novo as bandagens que estavam enroladas em torno da cabeça; ele tinha que ver Da — a bandagem estava em sua boca, mas sua mão pegou o ar enquanto procurava tocar o rosto de Da.

— Eu não posso vê-lo, Da.

— Líder de esquadrão Ryder! Apresente-se imediatamente!

Da levantou o curativo e o colocou de novo sobre os olhos do filho. Pegou as mãos de Stanley nas suas, encostando a testa de novo na testa do rapaz, e então o girou para que ele seguisse em frente.

— Vá, Stanley, vá para o hospital. Preciso levar os cavalos para a artilharia no front. Siga em frente, filho, e eu virei ver você assim que descer da linha de frente.

Guiada pelos atendentes, a fila se arrastou para a frente até uma área de barracas de teto baixo. Ouviam-se vozes agitadas e sussurrantes. Uma enfermeira estava cortando o uniforme de Stanley, desenrolando sua perneira, limpando a ferida.

— Barraca do pré-operatório — disse ela.

As botas de Stanley foram desamarradas e ele foi deitado em uma cama.

Com a dor desemaranhada, ele deslizou para longe.

27 DE ABRIL DE 1918

Estação de Evacuação de Feridos, Crouay



Tudo estava quieto. Os homens ao redor de Stanley estavam todos dormindo. Ele havia sido transferido para uma barraca de evacuação. O rapaz sabia que havia um cartazete acima de sua cama onde se lia “ENVENENAMENTO POR GÁS, MODERADO”. A dor batia bem na frente de sua cabeça. Cada respiração era rápida e forçada, cada tossida parecia uma ferida de faca. A enfermeira lhe disse que suas pálpebras estavam inchadas e pegajosas, os cílios queimados. A voz dessa enfermeira estava sempre triste e cansada. Ela havia comentado que eles tinham leitos para trezentos e cinquenta homens, mas havia milhares deles ali, mais feridos chegando aos montes, e que nos corredores, nos espaços entre as camas, os homens jaziam sem poder ser atendidos, morrendo à míngua.

Por quanto tempo Stanley tinha ficado ali? Ele tinha que sair e encontrar Soldier. O cachorro devia estar faminto agora, seus ferimentos tinham que ser tratados. Stanley não podia ser evacuado, pelo menos não até que tivesse encontrado Soldier. Quando a enfermeira voltasse para vê-lo ele lhe pediria ajuda, mas agora estava muito drogado, seus membros estavam sonolentos e pesados como se fossem feitos de chumbo. Ele tinha que se permitir ficar à deriva, dormir...



— Agora fique parado. Vou colocar algumas gotas em seus olhos. Pronto, fique parado.

Duas vezes por dia, os óculos de proteção em seus olhos eram removidos.

— Muito bem, agora o outro. Já se passaram três dias, e seu braço vem se curando muito bem. Hoje nós vamos tirar esses óculos de proteção para sempre, colocar ataduras no lugar, e torcer pelo melhor.

Quando a enfermeira veio fazer sua ronda novamente, ela o vestiu com um pijama de flanela novo. Deu-lhe também uma tigela de leite com arroz e disse que os pulmões iam se recuperar, mas não comentou nada sobre os olhos. Stanley não queria leite e arroz, não estava com fome, a menos que fossem torradas com mel, mas o pijama era suave contra sua pele queimada.

— Fique um pouco comigo — sussurrou ele. Essas eram as primeiras palavras que ele pronunciava desde que chegara aqui, mas o rapaz não tropeçou nelas; elas saíram do jeito que ele queria que saíssem. — Você vai tirar as bandagens?

A enfermeira ficou em silêncio.

— Meu cachorro está lá fora, enfermeira, o cão número 2176. Eu preciso ir lá buscá-lo. Você poderia tirar as ataduras dos meus olhos?

A enfermeira não respondeu, mas ficou sentada ao lado de Stanley durante algum tempo em silêncio, segurando as mãos dele nas suas.

— Quando você vai tirar as ataduras para que eu possa ver?

A enfermeira continuou sem responder. Depois de um tempo, beijou Stanley na testa, e ele sentiu o que poderia ser uma lágrima ao lado do beijo.

De manhã, o assistente médico disse a Stanley que ele tinha ficado cego, e que só havia uma pequena chance de recuperar a visão.

— Pequena quanto? — a voz do rapaz vacilou e tremeu como a de uma criança assustada. Ele não ouviu a resposta do atendente, se é que houve alguma.

Lá fora, as bombas continuavam caindo em algum lugar. Será que estavam caindo onde Tom estava? Onde Soldier estava? Onde Da estava? Até que era mais fácil não enxergar nada neste mundo, pensou Stanley. Ele ficou acordado temendo a noite que viria e que lhe traria de volta o seu dia, porque, quando dormia, ele sonhava que tinha sua visão novamente e só veria de novo aquilo que já tinha visto, a corrida alucinante, os membros partidos e espalhados.

A enfermeira veio e ficou de pé ao lado dele, e colocou uma esponja fria na testa do rapaz. Ela avisou que ia trocar o cartazete acima da cama dele, que neste estaria escrito "INGLATERRA", e que ele iria para casa, e ela parecia satisfeita por ele.

— Eles o encontraram? Trouxeram meu cachorro de volta?

Stanley sentiu a esponja fria na testa de novo, mas não ouviu nenhuma resposta.

— É o cão número 2176. Eu tenho que encontrar o meu cachorro...

— Calma, calma... Você vai se sentir melhor pela manhã.

Voltar para casa? A casa sem Soldier não significava nada, sem Da, sem Tom. Stanley não poderia partir da França sem Soldier. Ele tinha vindo tão longe, mas só tinha causado danos às pessoas. Tinha enviado seu cão inocente para um inferno, seu pai para um mundo de mortes sem sentido.

No terceiro dia, os curativos foram removidos e substituídos por uma fina camada de gaze. Stanley abriu os olhos e viu formas e sombras, mas só pensou em Soldier, em Da e em Tom. O ferimento em seu braço estava se curando, mas ele precisava tentar mantê-lo quieto. Naquela tarde, ainda cego e fraco como um filhote recém-nascido, Stanley foi levado, no trem-hospital, para longe da frente de combate, para longe de Soldier, para o Hospital Geral de Etaples.

Em sua ronda da noite, uma enfermeira chamada Queenie lavou os olhos de Stanley e aplicou pomada.

— Tem uma lua novinha em folha lá fora, bem ali, na janela acima de sua cabeça. Você deve fazer um desejo. Deseje, Stanley, que você tenha sorte e que seus olhos fiquem bons.

Ela seguiu pelo corredor da enfermaria, com um pensamento esperançoso para cada homem. Chegou à porta e fez uma pausa. Stanley podia ver um movimento — ela estaria abotoando o casaco, talvez? Queenie deu uma alegre boa noite a todos. Havia outro movimento em algum lugar ao longo da fila de camas, entre a porta e Stanley. Alguém tinha se levantado na cama, e tinha começado a cantar numa bela voz de barítono.

— Vamos, rapazes, todo mundo junto!

Toda a ala se uniu em um coro entusiasmado. Queenie ajudou o trovador a se levantar da cama e... Eles estavam dançando? Stanley ouviu o tamborilar suave dos pés descalços dele, os sapatos dela no assoalho, viu o casaco escuro dela, o pijama claro dele... Eles estavam dançando! Estavam dançando, girando para cima e para baixo entre as camas, tão levemente como se nunca tivessem visto uma guerra. Stanley nunca seria capaz de fazer isso, nunca dançaria assim, com tanta leveza no coração.

Na noite seguinte, houve um concerto. Houve limonada, biscoitos, doces, cigarros. Queenie sentou-se ao lado de Stanley em um caixote emborcado. Vaias, assobios e aplausos cumprimentavam cada ato. O braço esquerdo de Stanley ainda estava enfaixado, então Queenie juntou sua mão esquerda com a mão direita de Stanley para fazer os dois baterem palmas. Um grupo de homens entrou no palco. Stanley podia vê-los, podia enxergar a forma deles — Queenie tinha dito a verdade, seus olhos estavam ficando melhores a cada dia que passava.

Quando a plateia finalmente estava em silêncio, os homens no palco começaram a cantar “Hush, here comes a whizz-bang”^[4].

Houve uma pausa, um silêncio expectante. Em seguida, veio o grito estridente de um morteiro que se aproximava, ficando cada vez mais alto, uma louca confusão enquanto os homens mergulhavam

para se proteger debaixo de mesas, cadeiras, engradados. O som estridente se foi e morreu sem uma explosão. Houve um alto e teatral sussurro:

— Para onde foi esse, Erbert?

Morrendo de rir, os homens se arrastaram para fora, rindo de seu próprio medo, rindo de terem sido tão bem enganados por uma gravação.

Sozinho em meio ao barulho de cadeiras e das risadas de alívio, Stanley estava paralisado de medo, colado à sua cadeira, seus dedos brancos onde se agarravam aos joelhos. Ele vira o galope leve e alegre de Soldier, suas mandíbulas sorrindo e seus olhos se estreitando de felicidade. Vira também a terra entrar em erupção e os membros do cachorro estilhaçados.

Convulsões sacudiram o corpo de Stanley. Ele choramingou, impotente. Queenie o envolveu em seu cobertor e o levou da sala.

PARTE III

8 DE JUNHO DE 1918

Albergue de São Dunstan para Cegos Regents Park, Londres



Stanley sentiu o cheiro de grama recém-cortada. Ouviu a brisa sussurrando na acácia e o canto dos pássaros, mas esse canto e o som da brisa estavam abafados e deslocados, como memórias distantes muito além da balbúrdia de uma guerra, com todos aqueles guinchos penetrantes ainda em seus ouvidos.

Houve uma explosão de risos vinda daquele vago grupo de pessoas que jogava dominó sob a amoreira. Stanley encolheu-se, puxando o cobertor mais apertado em volta de si. Ele podia ver bem o suficiente agora, a enfermeira-chefe tinha dito que os olhos do rapaz teriam uma recuperação completa, mas Stanley sabia, também, que sua visão seria sempre assombrada pela cabeça delgada e prateada daquele cão que ele tinha amado tanto, o cão que tinha deixado para morrer em um arroio envenenado. Não... Da não tinha afogado Soldier, afinal... O que tinha acontecido era que, depois de tudo, tinha sido ele mesmo quem levara o cão para a morte. Quando fugiu de casa, quão pouco tinha pensado em como ele poderia ter transformado seu mundo dessa forma, virado tudo de cabeça para baixo, que tudo iria acabar assim, ele na Inglaterra e Da na França...

Os ombros de Stanley caíram e ele se retirou para sua cadeira. Sim, pensou, sim, é assim que Da costumava se sentar, curvado em sua cadeira vermelha, cego para tudo e longe do mundo. Stanley tinha interpretado tão mal a profundidade do medo de Da e a dor

que ele sentia que o acusara de uma terrível crueldade, de um crime que nunca cometera. Sim, ele pensou, lembrando-se carta de Da. Sim, Da, um círculo completo se fechou. Eu entendo agora. Seu coração estava tão retorcido depois da morte de Ma que você o trancou.

Stanley estremeceu e cobriu os olhos com as mãos. Ele não poderia voltar o relógio, e essa nova compreensão não lhe traria conforto. As lembranças de Bones, de Soldier, de Da, todas ainda queimavam como água fervente em uma ferida aberta. Stanley socou a testa com os punhos.

Gritos da competição amigável entre os remadores no lago subiam para o céu sedoso. O alegre assobio dos sapateiros turbilhonava para cima, vindo do povoado logo depois do gramado. Stanley ouviu os gritos dos remadores, neles ouviu virilidade e esperança e baixou a cabeça de vergonha. Os soldados aqui gostavam de remar e de dançar, de sair para o gramado com seus cobertores e seus dominós; estavam felizes por estarem vivos, estavam gratos por isso, e eram todos cegos. Eles tinham sido carregados para além da morte e encaravam o futuro com coragem e esperança. Stanley sentia que não lhe restava mais nenhuma gota de coragem, nem de esperança, e tinha permanecido enalhado naquele ponto perto da morte. Do mesmo modo que Da tinha ficado quando Ma morreu.

Somente Stanley, neste casarão tranquilo em Regency, iria recuperar a visão totalmente. Quando ele se olhou no espelho, notou que sua córnea estava brilhante e clara, mas seus olhos eram mais velhos, estavam além das lágrimas, além dos risos, eram os olhos de um homem velho no rosto de um homem jovem. Ele tinha tido sorte, muita sorte, foi isso que a enfermeira-chefe disse. Ela continuou dizendo, ainda, que aquele era um caso muito feliz, que o jovem tinha recuperado a visão quase completamente. Mas dizia isso com sua voz perturbada, e ele sabia que não deveria ainda estar aqui, que talvez eles precisassem de sua cama para outro homem, que a enfermeira-chefe não sabia o que fazer com ele, que o oficial adjunto não sabia o que fazer com ele, que o comandante não sabia o que fazer com ele.

Tom.

Nesta manhã, ele estivera tão certo de que ouviria notícias dele... Se Tom estivesse vivo, haveria uma carta dele. Neste dia, neste entre todos os outros dias, ele não tinha recebido uma carta... Ele fazia quinze anos hoje. Tom não se esqueceria, ele nunca tinha se esquecido do aniversário do irmão antes. Quando todos eles tinham formado uma fila depois do café da manhã na passadeira de linóleo, que dava para o terraço, com seu perfume de cera de abelha e de flores recém-colhidas, a enfermeira da Voluntary Aid Detachment^[5] (VAD), com seu boné branco e seu avental com uma cruz vermelha no peito, segurava uma braçada de cartas, mas nenhuma para Stanley.

Um cartão de Lara tinha chegado ontem. Ela perguntava sobre os olhos, querendo saber como estavam, dizia que ele tinha muita sorte e que esperava que ele voltasse para casa em breve. Mas não tinha feito nenhuma menção a Tom ou a Da, e Stanley tinha deixado o cartão cair, e não sabia mais onde ele estava. Joe tinha enviado outro pacote de cartas de baralho e um bilhete, onde dizia que estava tendo uma série de vitórias consecutivas, que estava ansioso para jogar com Stanley novamente, e que desejava ouvir tudo o que ele teria para contar. O padre Bill também tinha escrito, para dizer que estava contente por Stanley estar de volta à Inglaterra, para desejar-lhe uma recuperação completa, mas também não fazia nenhuma menção a Da ou a Tom.

Então, quando a VAD leu em voz alta uma notícia no *Illustrated News*, que falava de Kemmel e relatava cenas de horror impressionantes, ela narrou sobre os cinco mil mortos franceses não identificáveis, de seis mil capturados. Os números dos mortos britânicos não tinham sido mencionados. Se Tom tinha sobrevivido a Villers, teria ele então sido enviado a Kemmel? E Da, teria estado em Kemmel? James e Hamish — onde estavam? E Fidget?

O enorme relógio que se projetava sobre o terraço tocou. As duas figuras esculpidas em tamanho natural balançavam a cabeça e batiam seus sinos. Uma, duas, três vezes. Às 3h30 seria a hora de

visitas. A hora que Stanley mais temia, a hora de mais alegria, a hora de mais risos.

“Parabéns a você...”

Stanley abriu os olhos e lá, naquela luz manchada, estavam as meias brancas e as botas pretas da enfermeira-chefe. Ela era uma boa pessoa, gentil e educada, mas não era Tom e não era Da. Stanley forçou um sorriso aguado no rosto. Os braços estendidos da enfermeira-chefe seguravam um bolo. E, atrás dela, havia uma cauda de homens em fila indiana. E, das mesas e cadeiras espalhadas no aposento, os outros homens com olhos inúteis deixaram de lado seus jogos e se reuniram aos demais, guiados por suas VADs.

“Parabéns a você... Parabéns a você, meu querido Stan-ley...”

Stanley não se sentia com quinze anos. Era um homem velho, um recipiente vazio, mas ainda assim ele devia sorrir, ainda assim devia ser grato por tudo aquilo.

“Muitos anos de vida...”

Ele se inclinou e soprou.

Das quinze velinhas, três chamas ainda estavam relutantes em se apagar. Ele devia soprar novamente. A enfermeira-chefe entregou uma faca a Stanley.

— Corte uma fatia e faça um desejo.

Ele a olhou nos olhos. Ela sabia que os desejos dele precisariam de anjos e arcanjos, de catedrais e corais, e não de quinze velinhas e um bolo de pão de ló com recheio de geleia.

A enfermeira-chefe fatiou o bolo, conversando o tempo todo. Ela havia se acostumado a conversar com Stanley e ficar sem resposta. E ele gostava que ela não esperasse por essas respostas, nem as forçasse. A enfermeira-chefe levantou-se e se apressou em distribuir os guardanapos e garfos. Ela parou perto de Jim, que não tinha os braços. Partiu a fatia de bolo dele e o serviu na boca.

Jim sorriu.

— Mmm... Bolo de chocolate!

— Não, Jim, é um delicioso pão de ló, com um delicioso recheio de geleia e uma deliciosa cobertura de manteiga.

Jim nunca mais enxergaria, mas ele ainda podia sorrir e desfrutar do pão de ló. Stanley podia ver, sabia que ele tinha tido sorte, mas não conseguia sentir, não conseguia se importar com as coisas.

A enfermeira-chefe voltou a Stanley e pegou o livro de Ciência Veterinária ao lado da cadeira dele.

— Espero que não esteja forçando seus olhos, rapaz. Apenas duas horas por dia... São letras muito pequenas...

Stanley distinguiu no tom de voz dela aquele tipo de tom preocupação que ela parecia manter só para ele. A enfermeira-chefe estava agora deslizando a mão para cima e para baixo na lombada do livro, pensando. Stanley também olhou para a lombada, pensando que deveria estudar muito, voltar para a escola, para ser, um dia, um veterinário.

Os visitantes começaram a chegar, desciam as escadas apressados entre as roseiras espalhadas no gramado. O grupo em torno de Stanley se dispersou. A enfermeira-chefe puxou uma cadeira.

Nada, nenhuma palavra ainda sobre Soldier, sobre Tom, sobre Da, do gabinete do secretário?

A enfermeira-chefe estava desviando o olhar para as janelas. Stanley falaria primeiro, ele faria suas perguntas em primeiro lugar, perguntaria a ela de novo, afinal não tinha perguntado desde ontem. Ele não perguntaria nunca mais do que uma vez por dia, mas desejava saber, para ter certeza sobre o que tinha acontecido. Se Soldier tinha sido encontrado... Aquele veterinário que tinha atendido Bones havia dito que "todo cão que esteja impróprio para o trabalho será sacrificado"... Alguém devia saber, o Serviço de Cães do Exército devia saber. O gabinete deveria cuidar de uma enorme quantidade de correspondência, e encontrar um cachorro perdido

não seria uma prioridade. Talvez nem mesmo uma possibilidade. Mas ele tinha que saber.

— Você ouviu alguma coisa, enfermeira-chefe? Será que eles rastrearam o cachorro? Seu número é 2176. Você contou isso a eles?

A boca de enfermeira-chefe se abriu e se fechou. Ela olhou novamente para o terraço. Stanley puxou sua mão.

— O gabinete ainda não tinha notícias?

A enfermeira-chefe hesitou, depois se inclinou para a frente, puxando-o para ela, sua massa macia envolvendo o corpo duro e inflexível de Stanley. Teria Soldier sido sacrificado? Ou deixado para morrer lá mesmo, numa cova aberta? A enfermeira-chefe beijou o topo da cabeça dele e recuou, descansando uma mão em cada um dos seus ombros.

— Stanley, os vivos são mais importantes do que os mortos. Você deve se lembrar dos vivos. E você deve ir para casa com eles.

Seus olhos se vincaram e uma covinha se formou em cada bochecha, enquanto se formava em sua boca uma espécie de sorriso secreto. Mais uma vez ela olhou para a porta como se, a qualquer momento, um visitante que viera ver Stanley pudesse se materializar onde um deles nunca estivera antes. Ela hesitou, em seguida virou-se para trás, parecendo estranha e um pouco sem palavras, com as mãos em busca de refúgio sob o avental, nos bolsos laterais da saia.

— Nós vamos levar você para casa nesta semana. Seus olhos estão bons agora, e seus pulmões também. Você teve tanta sorte, Stanley.

Ele desviou os olhos para aqueles grupos pontilhados e iluminados pelo sol, aquelas reuniões amorosas entre irmãos e irmãs, filhos e filhas, mães e esposas que visitavam os outros homens. Ir para casa? Para quê? Onde estavam Tom, Da, Soldier?

— Tome — a enfermeira-chefe tirou a mão direita do bolso. — Isto é para você.

“PARA 8 DE JUNHO” estava marcado em letras maiúsculas em toda a extensão superior de um envelope branco. Essa era a letra de Tom, e aquele era um selo comum dos Correios... Tom estava vivo e estava em casa!

—Você tem um pai e um irmão, Stanley, e eles o amam — disse a enfermeira-chefe.

Stanley rasgou o envelope e leu de um fôlego só:

Thornley

6 de junho de 1918

Querido Stanley,

Cheguei em casa hoje e estou muito aliviado e muito feliz em saber por Sara e pela enfermeira-chefe que você está a salvo, a salvo na Inglaterra, que está enxergando de novo, seus pulmões já sararam e que, em breve, estará de volta em casa definitivamente. A alegria de saber disso, que você está bem, supera todos os outros sentimentos e tristezas e amarguras. Até que a minha perna sare, devo ficar na cama, e assim Sara e eu estaremos esperando por você aqui em Thornley, ansiosos pelo seu retorno.

Stanley olhou para a enfermeira-chefe, com lágrimas nos olhos, o queixo e os lábios tremendo. Tom estava em casa, Tom estava a

salvo! Stanley continuou lendo a uma velocidade vertiginosa, a respiração presa. Da? Soldier? O que tinha acontecido com eles?

Parece estranho para mim, e será estranho para você também, como nada mudou por aqui, que o ranúnculo sempre vem antes da campion, que as borboletas ainda voam...

Eu acredito que a minha companhia tenha sido salva naquele dia por um cachorro. Eu desenhei um mapa que marcava a posição de uma metralhadora inimiga. Não tínhamos munição, estávamos sem rádio e estávamos presos naquele local como se fôssemos um bando de ratos em um buraco, e aquele cachorro transportou o meu mapa através do campo aberto e subiu naquela encosta sem proteção. Aquele foi um cachorro como eu nunca vi igual, um cachorro tão rápido que você mal tinha certeza de que era mesmo um cachorro, um animal cuja coragem e cujo senso de dever você não encontra frequentemente nem mesmo nos homens, um cão que deve ter amado seu mestre até o seu último suspiro...

— Soldier, Soldier... Ele era o meu cão, Tom... Que eu chamei de Soldier para homenagear você...

Se você não estivesse lá, eu quase teria desejado que estivesse, para que você pudesse ver a corrida que ele deu. Aquela foi a primeira vez que eu vi os cães mensageiros em ação, foi a primeira vez que compreendi o trabalho que você fazia. Stanley, eles dizem que Villers foi a maior ação de combate da guerra, um ataque noturno sem preparação prévia através de um terreno desconhecido e difícil. Isso pôs fim à esperança alemã de conquistar Amiens e Paris. Aquela noite mudou a maré da guerra, foi o último recuo dos Aliados e o começo do fim. O cachorro salvou tantas vidas em Villers que foi emitida uma nova ordem — de agora em diante, todos os batalhões de infantaria terão que levar um cão de guerra junto com eles.

Da ainda está em serviço, levando os cavalos para as linhas de frente.

Da estava a salvo. Tom e Da estavam a salvo.

Ele tem trabalhado com hunters, os crioulos, os de carga, as mulas de Minnesota, os percherons dos Estados Unidos, mas, como ele diz, claro, nunca viu um cavalo que pudesse superar os bons e velhos cavalos ingleses com puro sangue nas veias. Da sabe tanto quanto qualquer homem sobre cavalos, e se importa mais com eles do que qualquer outro. Tudo isso foi para o melhor, Stanley, no final das contas, tudo isso que aconteceu. A dor de Da passou e agora ele está ocupado e feliz de novo, orgulhoso de estar fazendo o trabalho para o qual foi designado.

Tom, Tom! E o que aconteceu com Soldier...?

Kemmel foi a pior batalha que eu vi. Não havia onde nos proteger e as trincheiras eram tão rasas que nós tínhamos que ficar deitados nelas. No espaço de uma hora, setecentas bombas foram despejadas em cima de nós. Tenho sorte de ter saído vivo, sorte por ter sido ferido na perna. Fui recomendado a uma medalha pela ação em Kemmel, mas a melhor medalha de todas será quando você retornar para casa.

Feliz aniversário, mano. Eu acho que, apesar de tudo, será o seu melhor aniversário.

Tom

Stanley leu e releu, deleitando-se com partes da carta, sofrendo com outras, lendo repetidamente o conjunto dela; Tom estava vivo, ele estava de volta e para sempre. Ele e Lara Bird estavam ambos em Thornley. E as flores estavam florescendo e haveria mel sobre a mesa.

Uma mão despenteou os cabelos de Stanley; ele sentiu a pele calejada e uma grande mão segurando seu rosto. Stanley congelou. Seus olhos se desviaram uma fração de segundos da carta. As meias brancas da enfermeira-chefe haviam desaparecido, e em seu lugar estavam um par de botas brilhantes e perneiras. Lentamente no início, todo ele tremendo incontrolavelmente, a carta de Tom chacoalhando em suas mãos, o olhar de Stanley subiu centímetro por centímetro, agora de uma vez para cima.

Acima da testa alta e resistente, os cabelos brancos de Da estavam manchados com pontos luminosos de luz do sol. Stanley jogou de lado o cobertor e se levantou, espalhando uma chuva de migalhas do bolo. — Ele viera — Da viera para encontrá-lo — Ele não veio só uma vez, mas duas vezes...

— Da...

— Espere, Stanley. Espere. — A mão de Da estava no ombro dele, segurando-o para baixo. — Feche os olhos e estique a mão.

Sentindo-se como uma criança pequena, Stanley cerrou os olhos, mas não antes de notar a postura orgulhosa daquelas costas um dia curvadas e o olhar cálido de Da. Como uma criança de novo, Stanley manteve a palma da mão para cima, aberta. Algo frio e metálico caiu sobre ela. Stanley fez uma pausa, e então, com a mão fechada em concha, cautelosamente, sentiu o cilindro, os dedos instáveis

procurando o fecho na parte de baixo, o polegar encontrando o anel que antes o ligava a uma coleira. Seus olhos se abriram.

O cilindro trazia gravado:

CÃO MENSAGEIRO Nº 2176

— Abra, Stanley.

Stanley puxou as metades e as separou, tirou a mensagem de dentro e a leu, com a letra inexperiente de Da:

É seu para sempre

Da estava se inclinando sobre um grande cesto, desamarrando o barbante que o fechava. A tampa do cesto foi forçada para cima, alguma coisa desgrehada saiu num pulo e uma onda de luz prateada saltou para o colo de Stanley. Tentando se equilibrar nas coxas instáveis do rapaz, aquilo rolava e se desenrolava, girando e girando, farejando e acariciando. Stanley fechou os dedos em punhados daquele pelo áspero, sentiu o cheiro doce de feno de Soldier, o cheiro de cão dele, sentiu sua língua lambe o molhado de suas próprias bochechas e o vento daquela cauda felpuda.

— Eles tiveram que separar vocês dois à força, o pessoal do serviço médico me contou — disse Da. — Quando eu o encontrei, ele ainda estava lá, ainda estava esperando. Ele é um grande cão. Eles me contaram, seus irmãos McManus, eles vieram à minha procura, para eu lhe dar isto, e me contaram o que ele fez naquele dia, o que você e ele fizeram naquele dia.

Stanley olhou para Da.

— O que aconteceu com eles, Da? Eles...

— Eles disseram que Fidget foi enviado para casa depois da primeira manhã no Kemmel; por causa de *shell shock*, não porque

tinha sido ferido. Hamish e James, eles dois estavam em Kimmel, Stanley, e, assim como Tom, tiveram sorte.

Soldier organizou-se para manter o focinho apontado para seu mestre, balançando as ancas, balançando novamente, zumbindo a cauda, sacudindo a cabeça e abrindo as mandíbulas para sorrir.

— Eu tive que contrabandear esse danado — disse Da. — Ele vem fingindo faz tempo que é um saco de areia. No navio, no trem, na frente da enfermeira-chefe. Então, ele deve estar querendo ir para casa agora... Vai ficar muito contente em ir para casa e ser um cão novamente... E que você seja um rapaz novamente.

Soldier firmou as patas dianteiras no braço estreito da espreguiçadeira, mexeu as patas traseiras, levantou o focinho para o céu e lançou uma salva de latidos para o farfalhar rendilhado da acácia. Longe, sob a amoreira, os visitantes olharam para cima e ficaram de queixo caído. Perto das rosas, a enfermeira-chefe ficou de boca aberta, engolindo, seu poderoso peito arfando, a garganta como que se comprimindo para expelir um sapo. Stanley passou a mão por baixo do cão e chegou às ancas, traçando com os dedos as cicatrizes evidentes. Ele inclinou a cabeça para cima, sentiu o calor do sol nas têmporas e viu Da se virar de lado para que ninguém pudesse ver suas lágrimas.

NOTAS DA AUTORA



Villers- Bretonneux

Villers-Bretonneux não foi uma grande batalha, mas foi uma das mais decisivas, pondo fim ao plano alemão de tomar Paris. A carnificina em Villers-Bretonneux continuou até a noite de 26 de abril de 1918, quando a cidade e seus arredores imediatos caíram uma vez mais em mãos dos britânicos. Durante aquela noite, as tropas francesas aliviaram as forças britânicas e australianas de uma posição que custou a vida de cerca de dez mil homens, entre mortos, feridos e desaparecidos.

Villers tem o maior de todos os cemitérios militares da Primeira Guerra Mundial.

O Serviço Britânico de Cães Mensageiros

Quando as hostilidades foram declaradas, em agosto de 1914, o Exército alemão tinha seis mil cães treinados, enquanto a Grã-Bretanha não tinha nenhum.

O coronel Edwin Hautenville Richardson passou quinze anos treinando cães. No início da guerra, ele decidiu não voltar a se alistar, mas continuou com esse trabalho. No entanto, quando ele ofereceu a sua ajuda para o Departamento de Guerra, um general respondeu que "seu próprio dever como um comandante em chefe seria proibir, em todas as circunstâncias, a utilização de cães...". Durante os dois anos seguintes, o Departamento de Guerra continuou a rejeitar as ofertas de Richardson. No entanto, em 1916, ele recebeu um pedido não oficial de alguns cães feito por certo coronel Winter. Richardson enviou dois airdales, Wolf e Prince. Quando todas as linhas telefônicas caíram e a sinalização visual se

tornou impossível, Prince entregou uma mensagem que salvou um batalhão inteiro de Sherwood Foresters.

Finalmente, em 1917, as baixas aumentaram, o Departamento de Guerra convocou Richardson e criou o Serviço de Cães Mensageiros, que deveria ser dirigido como um ramo do Serviço de Sinalização, com Richardson atuando como comandante da Escola de Formação de Cães. Os cães foram recrutados de canis de Battersea, Birmingham, Liverpool e Manchester. Mais tarde, o Departamento de Guerra ordenou à polícia em todo o País que enviasse cães de rua. Finalmente, um apelo feito ao público trouxe uma resposta esmagadora — sete mil cães vieram todos ao mesmo tempo.

Os comandantes, porém, tinham, a princípio, suspeitas sobre esses cães, muitas vezes ignorando-os, até que o Quartel-General enviou instruções sobre como eles deveriam ser utilizados. Um canil central foi organizado em Etaples, e a partir dele os cães e seus adestradores foram enviados para os canis seccionais atrás das linhas de frente. Desses canis, os adestradores eram enviados com três cães para as brigadas. Então, os cães eram levados por soldados de infantaria até a linha de frente, enquanto seus guardiões permaneciam na sede das brigadas, observando seu regresso e prontos para entregar as mensagens que seus cães traziam para os comandantes.

O trabalho de cada cão britânico na Frente Ocidental — cada corrida que eles fizeram, sua distância e o destino — foi registrado nos arquivos do Exército. Com o tempo, os airedales acabaram sendo escolhidos como a raça oficial do exército britânico, embora fosse o “vira-lata” comum, originário do cruzamento da raça lurcher com outra, que se destacou como o cão mensageiro por excelência.

Alguns dos eventos da vida de Bones e de Soldier são baseados no cão conhecido como Airedale Jack, que veio do canil de Battersea. Em 1918, Airedale Jack foi enviado para a França e levado pelos Sherwood Foresters a um posto avançado na frente de combate. Os alemães cortaram todas as linhas de comunicação com o quartel-general. Nenhum corredor poderia sobreviver à saraivada

de tiros. Jack foi então enviado, ficou perto do chão, aproveitando toda cobertura que pudesse encontrar, mas sofreu intenso bombardeio. Um pedaço de estilhaço de metal quebrou sua mandíbula. Um projétil rasgou sua pele do ombro até a coxa. Jack seguiu em frente, cambaleando, usando as crateras e as valas como proteção. Sua pata dianteira foi atingida e mesmo assim ele se arrastou pelo chão, em três pernas, durante os últimos quilômetros. Airedale Jack alcançou o quartel-general, entregou a mensagem e, tendo salvado o batalhão, caiu morto.

No início de novembro de 1918, foi ordenado que todos os batalhões de infantaria recebessem cães mensageiros. Após o armistício, o despacho final do marechal de campo Haig prestava homenagem ao trabalho dos cães. E, em março de 1919, o serviço foi extinto.

Durante o curso da Grande Guerra, cem mil cães serviram com as nações em guerra. Destes, sete mil foram mortos.

BIBLIOGRAFIA SELECCIONADA



Allen, Tony, *Animals at War, 1914-1918*, Great War History 7 (Holgate, 1999).

Baker, Peter Shaw, *Animal War Heroes* (A. & C. Black, 1933).

Baynes, E. H., *Animal Heroes of the Great War* (Macmillan, 1925).

Blenkinsop, L. J., e J. W. Rainey, *Veterinary Services*, History of the Great War (HMSO, 1925).

Clabby, Brigadier J., *The History of the Royal Army Veterinary Corps 1919–1961* (J. A. Allen & Co., 1963).

Gray, Ernest A., *Dogs of War* (Hale, 1989).

Hamer, Blythe, *Dogs at War: True Stories of Canine Courage under Fire* (André Deutsch, 2006).

Moore, Major-General Sir John, *Army Veterinary Service in War* (Brown, 1921).

Richardson, Major E. H., *British War Dogs, Their Training and Psychology* (Skeffington, 1920).

—————, *War, Police and Watch Dogs* (1910)

DO ARQUIVO DO MUSEU IMPERIAL DE GUERRA, LONDRES

Waley, Major A. C., GHQ Central Kennels, Register of Dogs and Men.

Waley, Major A. C., Messenger Dog Service, July 1917 – April 1919.

War Diary of OC Carrier Pigeon and Messenger Dog Service 1915-1919.

NOTAS



[1] O termo “hunos” era usado pelos ingleses para designar o inimigo alemão. Aparentemente, o uso desse jargão se deveu a um mal-entendido: os soldados alemães traziam o lema “*Gott mit uns*” (“Deus conosco”) gravado nos cintos, e “uns” foi entendido como “huns”. (N. T.)

[2] O Código Morse podia ser transmitido de muitas maneiras: como pulso elétrico através de uma rede telegráfica, usando um sinal de rádio com pulsos ou tons curtos e longos, ou como sinal visual (p. ex: sinal de luz) usando ferramentas como as lâmpadas Aldis. (N.T.)

[3] *Shell shock* é o nome que se deu a uma reação aguda ao estresse pós-traumático provocado pelo impacto constante das bombas. Na batalha de Verdun, em 1916, até seis mil bombas por dia eram detonadas sobre as trincheiras subterrâneas do exército francês. (N. T.)

[4] Essa era uma das canções que os soldados costumavam cantar nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial, e que diferiam muito das canções e dos hinos patrióticos. Eram geralmente cheias de obscenidades e tratavam de ridicularizar os oficiais superiores e suas ordens. “Whizz-bang” era um dos nomes que eles davam aos morteiros disparados pelos canhões, e o título da canção poderia ser traduzido como: “Silêncio, lá vem um morteiro!”. (N.T.)

[5] A *Voluntary Aid Detachment* (VAD) foi uma organização voluntária que prestou serviços de enfermagem no Reino Unido, principalmente em hospitais, durante a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais. Agatha Christie foi uma dessas enfermeiras, e depois relatou suas experiências criando para seus livros personagens que serviram na VAD. (N.T.)

Table of Contents

[Sumário](#)

[Folha de Rosto](#)

[Folha de Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[PARTE I](#)

[13 de maio de 1917](#)

[10 de julho de 1917](#)

[24 de julho de 1917](#)

[Domingo, 21 de agosto de 1917](#)

[Terça-feira, 4 de setembro de 1917](#)

[Cedo, na manhã seguinte](#)

[PARTE II](#)

[Início da tarde, no mesmo dia](#)

[Segunda-feira, 10 de setembro de 1917](#)

[Segunda-feira, 7 de janeiro de 1918](#)

[Quinta-feira, 7 de março de 1918](#)

[9 de março de 1918](#)

[21 de março de 1918](#)

[31 de março de 1918](#)

[4 de abril de 1918](#)

[Duas horas mais tarde](#)

[Noite de 4 de abril de 1918](#)

[Etaples](#)

[10 de abril de 1918](#)

[14 de abril de 1918](#)

[Noite de 23 de abril de 1918](#)

[Amanhecer, 24 de abril de 1918](#)

[Início da tarde, 24 de abril de 1918](#)

[Duas horas mais tarde](#)

[Início da noite, 24 de abril de 1918](#)

[Antes do amanhecer, 25 de abril de 1918](#)

[27 de abril de 1918](#)

[PARTE III](#)

8 de junho de 1918

NOTAS DA AUTORA

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

NOTAS